

REVISTA MILITAR DE REMONTA E VETERINARIA



SUMÁRIO:

Declaração do Sr. Ministro da Guerra	3
Aniversário da gestão, na pasta da Guerra, do Sr. Gen. Gaspar Dutra	7
Cavalaria (Transcrição)	9
1942-1943	11
<u>Cavalo ou Motor — Major Xavier Leal</u>	17
<u>O Capim Elefante — 2.º Ten. Vet. Milton Tiago de Mello</u>	21
<u>Criação do Cavalo Militar — 1.º Ten. Vet. Dr. Laerte Fernandes Barreto</u>	33
Vocabulário Auxiliar da Nomenclatura Nosológica Veterinária — Cap. M. Bernardino Costa	43
Relação Imunológica entre o virus da Encefalomielite Equina, isolado na Baía — Raymundo Cunha	61
Rotenona	63
Discurso pronunciado pelo Asp. Vet. da Res. Vicente Leite Xavier	69
Discurso pronunciado pelo Cap. Jocelyn de Souza Lopes	72
1943	78
A sulfozoamida resolve um caso de Queratite Aguda — Moucyr Pinto Pacca — 2.º Ten. Vet.	81
Ficha Hipodinâmica — Major Vet. Aristides Corrêa Leal	87
O Cavalo e a Guerra (Tradução do Major Vet. Aristides Corrêa Leal)	93
A Cavalaria da Guerra Moderna — Nicolai Umaski	91
Sobre a Encefalomielite infecciosa dos Equídeos e sua ocorrência no Brasil — V. Carneiro	103
Instruções para o Ferrageamento dos Solipedes do Exército	121
Manual do Ferrador	133
Notas à margem da Inspeção feita na 3.ª R. M. pelo Sr. General Antonio da Silva Rocha	149
Falecimentos	153
Noticiário	155

A nossa capa é ilustrada com um reproduutor bretão-postier; um asinino com alguns dias de nascido, de raça espanhola e com um grupo de éguas ardenezas de cria da Coudelaria de Saican.

REPRESENTANTES AUTORIZADOS:

- SÃO PAULO — 2.º Ten. Dr. João Vicente de Araujo Silva — Rua Miguel Izara n.º 105 — Butantan
- PARANÁ — 1.º Ten. Dr. Edson Paranhos Amazonas.
- RIO GRANDE DO SUL — 1.º Ten. Dr. Antonio Nelson de Vasconcelos.

Revista Militar de Remonta e Veterinária

ANO V

Novembro-Dezembro de 1942

N.º 41

DECLARAÇÕES DO MINISTRO DA GUERRA SOBRE O DIA DO RESERVISTA

Afim de obter algumas impressões do ministro da Guerra, general Eurico Gaspar Dutra, sobre as atividades do "Dia do Reservista", um dos redatores da "Agencia Nacional" foi entrevistá-lo em seu gabinete de trabalho. Atendendo ao jornalista gentilmente, o titular da Guerra declarou:

— Venho de percorrer os postos designados para a apresentação dos reservistas do Exército. Pude assim verificar, pessoalmente, que milhares de brasileiros, representantes de todas as classes sociais e de várias idades, se concentram patrioticamente, num ambiente de ordem e de entusiasmo, afim de apresentar às autoridades as suas cadernetas ou os seus certificados militares.

Respondendo a uma pergunta do redator da "Agencia Nacional", o ministro Eurico Dutra disse:

— E-me grato, certamente, assinalar, na qualidade de ministro da Guerra, que a presteza com que os soldados da reserva das forças armadas do país compareceram aos postos de apresentação nesta grande data — de maior significação, este ano, em virtude da situação atual do Brasil — constitue mais uma demonstração eloquente de que os brasileiros estão movidos por autênticos sentimentos de patriotismo e dispostos, em consequência, a todos os sacrifícios pelo Brasil".

Finalizando as suas declarações, o titular da Guerra ainda declarou o seguinte:

— Nos momentos graves da história ou nos instantes árduos do perigo, é que os povos se revelam. O Brasil revela-se na atualidade, reafirmando, diante das circunstâncias dolorosas, a sua témpera, a sua energia e a sua confiança em si próprio. O espetáculo do dia de hoje serve para provar que os brasileiros encaram os fatos com serenidade, sem temores, com equilíbrio. E, sobretudo, com a fé indispensável nos superiores destinos da Pátria.

759

ECOS DO ANIVERSARIO DA GESTÃO DA PASTA
DA GUERRA



Um dos ultimos retratos do Exmo. Snr. General de
Divisão Eurico Gaspar Dutra

GENERAL DE DIVISÃO EURICO GASPAR DUTRA E SUA GESTÃO NA PASTA DA GUERRA

Transcorreu no dia 6 do corrente, mais um aniversário da administração fecunda do Exmo. Sr. General Eurico Gaspar Dutra, no Ministério da Guerra.

Não é possível focalizar em uma crônica todas as realizações de tão profícua administração.

Em todos os setores da atividade militar a sua serena energia, o seu espírito de ordem e de organização se fez sentir.

Se volvermos os olhos para os melhoramentos materiais recebidos pelo Exército durante esse lapso de tempo há uma série infinita de realizações a enumerar, dentre as quais ressaltam pela sua utilidade e pela sua beleza o Palácio da Guerra e Escola Militar de Rezende.

Isto referente, no entanto, ao que está visível ao primeiro reparo.

Examine-se o aparelhamento material, o preparo dos quadros e tudo o mais de grandioso que se fez nestes 5 anos e em tudo se verá na obra ciclópica que realizou, o impulso fecundo de seu sadio patriotismo e de sua incansável operosidade.

O que há, no entanto, de notável a focalizar na obra imperecível do grande soldado que ora dirige os destinos do Exército, não são somente as realizações de ordem material. Com o tempo a História terá de imortalizar o Chefe intrépido que à frente dos destinos do Exército conduziu-o incólume através as borrascas e as tempestades do período histórico brasileiro que vai de 1937, até agora.

Dirigindo com serena energia a pasta que lhe foi confiada realizou o supremo milagre de afastar o Exército de

todas as dissensões e de todas as lutas, e dar-lhe o sentimento de unidade e de coesão indispensável, para o desempenho de sua alta missão.

O Exército de hoje, sob sua direção só tem um único pensamento e uma única vontade conduzindo-o aos seus altos destinos.

E no milagre desta coesão e desta unidade espiritual está o maior mérito do bravo e leal soldado a quem o Brasil de hoje confiou no angustioso momento que atravessamos o destino do Exército ao qual está ligado o da própria nacionalidade e a quem o Brasil de amanhã cobrirá de bençãos e de flores pela obra ciclópica que hoje realiza.



Dê a seu filho a melhor arma para vencer!

TODOS os pais, ricos, remedados e pobres, poderão desde já formar o desígnio inabalável de colocar em muros de seus filhos, a arma do triunfo certo, quando tiverem de enfrentar, no futuro, eles mesmos, as lutas do seu esforço próprio nas atividades da vida. Aos pais decididos e previdentes a PRUDÊNCIA CAPITALIZAÇÃO oferece hoje esta oportunidade.

Peça informações sem compromisso.

10.000\$000
MENSALIDADE: 20\$000
8 SORTEIOS CADA MÊS

PRUDÊNCIA CAPITALIZAÇÃO

C A V A L A R I A

Da "Revista do Exército Americano"

Movendo-se celeremente e lutando sobre todos os tipos de estradas, ou mesmo que não sejam estradas, às vezes em pequenos grupos muito à frente das forças de apoio, atravessando pântanos ou desertos, florestas ou montanhas, a cavalaria entrega-se à caça do inimigo. Em seu serviço de reconhecimento, a cavalaria trabalha em estreita cooperação com os aeroplanos de observação. Comunicando-se por meio de rádio de vai-e-vem estas duas armas cooperam uma com a outra, e juntas, completam a obtenção de importantes dados que doutrina forma seriam inuteis ao corpo principal das tropas.

O reconhecimento aéreo pode, também, apontar uma oportunidade especial e temporária, que pode ser aproveitada sem perda de tempo usando-se o poder de fogo bastante considerável da cavalaria. Mas explorar o terreno, atormentar o inimigo, reter a ação, são apenas algumas das primeiras utilidades da cavalaria pois que, na ação principal a cavalaria, desmontada, luta como infantaria, com as mesmas táticas e armas desta. Ou pode estabelecer cerco às forças inimigas e atacá-las pela retaguarda, e ainda dirigir-se a locais a muitos quilômetros de distância do exército principal verificar quão fortes são as forças inimigas dominando esses locais, e talvez evitar que parte do exército inimigo se reuna a outro exército. Este tipo de ação de guerra foi criado e aperfeiçoado pelo Exército dos Estados Unidos.



A cavalaria usa o melhor que é possível: o motor e o cavalo. Na guerra um não pode substituir o outro inteiramente. O carro de reconhecimento tem grande mobilidade na estrada, e sua capacidade de manobra através do campo é muito maior do que a da motocicleta, embora se acha mais limitada a terreno favorável.

O cavalo, embora vulnerável ao fogo de pequenas armas, tem grande mobilidade em toda espécie de terrenos, e pode ser rapidamente transportado em caminhões. As unidades de cavalaria se comunicam entre si por meio de rádio vai-e-vem (voz e sinais de chave), por mensageiros em motocicletas e a cavalo, e por sinais visuais. Os aparelhos de rádio nos regimentos de cavalaria são transportados em cavalos de carga e em carros de reconhecimento, enquanto os da cavalaria mecanizada são parte integrante da aparelhagem dos carros de comando.

— 1942 - 1943 —

Vai-se um ano de fecundas atividades com 1942. Se fizermos um exame retrospectivo dos nossos esforços durante os doze meses que se foram nos convenceremos de que esta Revista procurou por todos os meios colocar-se à altura de sua alta missão, de orgão de propaganda dos ensinamentos e da cultura de veterinária no Brasil.

A modificação sofrida no entanto ampliou-lhe a função. Hoje tem por escopo ventilar não só palpitantes problemas ligados intimamente à veterinária como também à Remonta da qual passou a ser um orgão de divulgação.

Estando, como estão, os assuntos de remonta e veterinária intimamente vinculados a todos os grandes problemas nacionais principalmente os que dizem respeito à criação do cavalo nacional, a missão desta revista se agiganta, porque a causa que serve está ligada aos próprios imperativos da defesa nacional e transborda os limites estreitos do âmbito que anteriormente lhe fôra traçado.

Por isso mesmo temos por escopo realizar uma dilatação continua de raio de ação. Pretendemos, servindo lealmente aos interesses da Remonta e Veterinária Militar, ir além desses limites para levar até aos criadores brasileiros o espírito de entusiasmo e de renovação, os processos e a técnica moderna de criação do cavalo nacional. Esta nova fase exige no entanto a colaboração dos veterinários militares, e daqueles que em contacto com a Remonta e Veterinária do Exército já conhecem suas fecundas atividades.

Neste momento, quando transpomos os humerais de um

novo ano que se apresenta cheio de promessas e realizações, nós formulamos aos nossos leitores os votos de felicidades, mas ao mesmo tempo, pedimos permissão para lembrar a obrigação de cada um, de trabalhar incansavelmente pela divulgação desta Revista porque ela pertence tanto a nós, como aos seus leitores, e à causa que defende não interessa a uma classe ou a um grupo mas à própria nacionalidade, porque está ligada à sua defesa.

Se o momento portanto é de regozijo, pela transposição de mais um ano de lutas e de triunfos e de esperançosas promessas de outro período de trabalho não menos fecundo que há de vir, o momento impõe também a necessidade de um compromisso nosso, de bem servir aos que nos distinguem com suas preferências, de bem servir à causa grandiosa da Remonta e da Veterinária de cujos ideais, programas e realizações, somos o porta voz autorizado.

E' necessário que as atividades da Revista Militar de Remonta e Veterinária não constituam gritos no deserto, não se percam estérilmente por falta de terreno fecundo onde germinem as sementes que vem e que continuará lançando.

Volvam os veterinários militares e civis e os criadores os ouvidos, a este apelo.

E' importante, mas não é tudo, a simples assinatura da Revista.

Mandem também uns e outros as suas colaborações, as observações pessoais o resultado de suas observações científicas no terreno da equinocultura, efetue cada um em seu setor um largo plano de divulgação deste utilíssimo e autorizado órgão de publicidade, para que os resultados que o mesmo tem em vista sejam cada vez mais rendosos e frutíferos.

Assim, nós todos, empolgados pelo mesmo ideal, que é a luta em benefício da grandeza da Remonta e da Veterinária militar estaremos unidos, contribuindo para a grandeza do Brasil.



Tenente-Coronel JOÃO PINTO PACCA

Fez anos recentemente, o Exmo. Sr. Tenente-Coronel João Pinto Pacca, oficial superior dos mais brilhantes do Exército.

O aniversariante exerce, no momento, com raro brilho suas funções no Gabinete do Exmo. Sr. Ministro, aonde o levaram, sua inteligência, sua operosidade e devotamento às causas do Exército.

Possuidor de sólida cultura geral e profissional, completamente integrado na missão de oficial de Estado Maior, o Exmo. Sr. Tenente-Coronel João Pinto Pacca, é sobretudo, pela agilidade mental e pela facilidade de expressão, pela clareza das idéias que expende, um dos mais autorizados mestres da arte da guerra e um dos mais apreciados expositores de seus métodos, de seus processos e complexos segredos.

Ao Chefe ilustre que se tem imposto pela bondade, pela inteligência e pela cultura, a "Revista Militar de Remonta e Veterinária" cumprimenta pelo auspicioso fato de seu aniversário natalício.

CAVALO OU MOTOR

Major XAVIER LEAL.

Já se tem escrito muito, ultimamente, sobre a organização da nossa Cavalaria. Se a passada guerra, com os progressos acentuados da Aviação, restringiu, até certo ponto, o papel da Cavalaria a cavalo (o pleonasmho hoje é permitido) na busca de informações, a guerra atual, com a motorização em grande escala, inclusive para a própria infantaria, coloca o elemento cavalo e tudo que é permitido) na busca de informações, a guerra atual, com a motorização em grande escala, inclusive para a própria infantaria, coloca o elemento cavalo e tudo que é hipomovel num plano verdadeiramente secundário. Isto na Europa, onde, paralelamente à motorização, estão resolvidos os problemas das estradas e do combustivel.

Mas o fato é que, na guerra moderna, cavalaria no sentido mesmo do termo — tropa que se desloca e age a cavalo, não tem mais cabimento, e por dois motivos óbvios: o poder de fogo das armas automáticas, que acabou com o fôrpeto das cargas e, por outro lado, pela reduzida velocidade dessa Cavalaria. O ráio de ação da cavalaria a cavalo, que antigamente, constituia alguma cousa de admiravel, hoje não passa de um fator mediocre comparado às possibilidades das Unidades motorizadas, das transportadas em avião e dos paraquedistas.

No que se refere, portanto, aos fatores tempo e distância, a organização da Cavalaria hipo, pode-se considerar como imprópria para os fins da guerra moderna. E quanto às resistências a vencer no campo de batalha, parece que os meios dessa cavalaria não satisfazem.

Podemos, entretanto, mudar completamente, a organi-

zação da nossa Cavalaria? Devemos acompanhar integralmente o que se passa nos exércitos europeus? O assunto, na nossa opinião, já foi brilhantemente ventilado, nas conferências realizadas na Inspetoria da Arma de Cavalaria, a última das quais, o Cap. Hugo Garrastazú, tenho à mão.

Nessas conferências, o problema foi encarado sob os seus diversos aspectos:

- mobilidade e potência de fogo
- estradas e obras de arte
- parque industrial
- desgaste e reparações do material
- produção equina
- particularidades dos teatros de operações sul-americanas.

De todo esse estudo, de todas as comparações feitas, resultou a uninimidade de opinião de que a Cavalaria não deve permanecer mais inteiramente hipo, nem pode ser inteiramente motorizada. O que nos convém, balanceando todas as condições pró e contra, é a cavalaria mixta — uma parte hipo e outra moto-mecanizada.

Ao nosso ver, não há argumentos fortes que possam impedir, no Brasil, a introdução nas D. C. brasileiras, do Grupamento moto-mecanizado, assim como da ala moto-mecanizada nos R. C. D. Os argumentos de falta de industrialização e falta de combustível não são bastantes para sustar a transformação. A indústria poderá ser adaptada e o combustível já se revelou no nosso sub-solo, alem do sucedâneo representado pelo álcool-motor, cuja produção vai em escala ascensional.

O terreno no Sul do Brasil é ideal para a motorização; convida aos movimentos envolventes, às ações de larga amplitude; é permeável em toda parte.

A motorização no Rio Grande do Sul, no Paraná e em certas zonas de Santa Catarina, não precisa de estradas. O dorso das coxilhas permite a passagem livre. Apenas as enchentes, em consequência dos regimens de certos cursos d'água, poderia dificultá-la, mas não impedí-la. Seria uma paralisação temporária nas operações, o que qualquer outro fator poderia causar. Por outro lado, convém considerar que a motorização das Unidades de Infantaria, Cavalaria e Artilharia, implica em Engenharia motorizada, justamente para resolver esses problemas que lhe dizem respeito.

No começo da guerra atual sempre ouvimos dizer que a motorização alemã não venceria os grandes obstáculos na Noruega e, particularmente, nos Balcãs. Entretanto, o célebre desfiladeiro das Termópilas foi vencido pelas unidades motorizadas germânicas.

Se o problema é de buscar uma organização conveniente, nada nos parece melhor do que a organização da Cavalaria adotada nos estudos da Escola de Estado-Maior. Uma cousa, entretanto, é preciso ser levada em grande consideração. Nos teatros de operações do Sul, sem o domínio do ar e sem uma defesa anti-aérea eficiente, as operações terrestres estarão grandemente prejudicadas.

A D. C. em estudo na Escola de Estado-Maior não dispõe de elementos especializados para a defesa anti-aérea, como bem frisa o cap. Garrastazú na sua conferência. Isto parece uma falha importante. Entretanto, estes meios lhe poderão ser adicionados pelo escalão superior.



1/2 Sangue Bretão Postier — filho de reprodutor da Remonta — aos 10 meses de idade.

Talheres

Wolffmetal Lda. São Paulo

(Ind. Souza Ribeiro Lda. Incorp.)



1200, Rua Hippodromo
Caixa Postal 2700

Só por atacado

Superioridade absoluta em qualidade e
sortimento

Agencia no Rio: Trv. Ouvidor, 23

Tel. 123-5085

O CAPIM ELEFANTE

MILTON THIAGO DE MELLO

2.º Tenente Veterinário

Estas pequenas e despretenciosas notas, foram escritas unicamente com o fim de chamar a atenção dos colegas de profissão, para as inegáveis qualidades do capim elefante na alimentação do cavalo de tropa.

Como é sabido por todos os colegas que servem, ou já serviram, em corpos de tropa, um dos muitos problemas que preocupam o veterinário militar, é a questão do verdejo para os animais estabulados. Si bem que diversas prescrições regulamentares existam, no sentido de assegurar ao cavalo uma quantidade de verdejo compatível com suas necessidades, prescrições éssas referentes quer à plantação de forragens, quer à aplicação das verbas destinadas à aquisição do verdejo, o fato é que nem sempre os animais estabulados recebem uma ração satisfatória de forragem verde. Falamos unicamente nos animais estabulados, na suposição de que os invernados se sintam a vontade, sobre verdes e viçosas pastagens naturais ou artificiais.

De acordo com o "Plano geral de arroçoamento dos solípedes do Exército", a ração de forragem verde, para os animais de tropa, varia desde 8 quilos, para os muares de trabalho mais leve, até 14 quilos, para os cavalos de trabalho mais intenso, sendo a média, para trabalhos normais, de 12 quilos. Um simples cálculo permite que se avalie a grande quantidade de forragem verde que deverá ser fornecida diariamente aos animais. Suponhamos uma Unidade que tenha 400 cavalos em trabalho médio: será necessária a quantidade apreciável de 4.800 quilos de forragem verde, diariamente, para a alimentação de seu efetivo equino (no fim de um mês: 16.400 quilos).

776
 Ao primeiro golpe de vista, vêmos claramente que, para distribuir diariamente tal quantidade de forragem verde, é necessário que se plante uma espécie forrageira de grande rendimento e, encarando o problema sob êsse aspecto, uma gramínea se apresenta para resolvê-lo cabalmente: **o capim elefante**.

De fato, ésta notável gramínea, quando cultivada em boas condições, é capaz de fornecer 140.000 quilos de forragem verde, em 10.000 metros quadrados, num só corte, o que equivale a 14 quilos por metro quadrado. Os cortes podem ser feitos de 2 em 2 meses.

A alimentação com forragem verde, porém, não se resume numa simples questão de quantidade. É necessário que a espécie forrageira contenha a maior quantidade possível de elementos nutritivos, no menor volume. Compulsando-se as inúmeras tabelas dos tratados de alimentação e de plantas forrageiras, veremos que o capim elefante é uma das gramíneas que contêm maior quantidade de proteínas e, das gramíneas perfeitamente aclimatadas ao nosso meio, talvez seja a de maior valor nutritivo, contendo em grande quantidade, não somente proteínas, como também hidratos de carbono e sais minerais; sua relação nutritiva é igual a 1:8,7 segundo o Instituto Agronômico de Campinas.



O cliché mostra a exuberância do capim elefante no plantio de forragem do 2.º Batalhão de Ponteiros, Cachoeira, Rio Grande do Sul.

Si encararmos o problema da forragem verde pelo lado da cultura da mesma, veremos que, dentre todas as plantas forrageiras destinadas à produção de forragem verde, destaca-se, pela facilidade de cultura, pela adaptação ao maior número de solos e por sua resistência às variações climatéricas, o capim elefante.

Feitas essas ligeiras considerações sobre o rendimento, pro-

priedades nutritivas e facilidade de cultura do capim elefante, devemos declarar que não estamos absolutamente empenhados em crear algo de novidade, pois tudo o que escrevemos já se encontra exaustivamente estudado por autores nacionais e estrangeiros.

O que se segue, embora nada tenha de científico, representa o resultado de observações contínuas, feitas durante alguns anos, em corpos de tropa em que a distribuição de forragem verde partiu quasi do nada, para uma quantidade sensivelmente aproximada das do plano de arroçoamento, às vezes mesmo ultrapassando-as, refletindo-se isso no apreciavel estado de nutrição e de vigor da cavalhada.

Características gerais

O capim elefante é uma graminea originária da África, onde tem indiferentemente os nomes de "elephant grass" ou "Napier grass" e cujo nome científico é (*Pennisetum purpureum*, Schumm).

Sua introdução no Brasil é relativamente recente (1920), tendo se difundido em alguns núcleos de criação do país. Seria de grande interesse para o Exército, que a sua cultura fosse intensificada nos corpos de tropa.

Existem duas variedades de capim elefante: A e B que se distinguem por caractéres morfológicos e fisiológicos diversos, ambas perfeitamente utilizaveis como forragem verde, sendo a primeira mais aconselhavel, embora resista pouco a uma doença produzida por um cogumelo: a helmintosporiase.

O capim elefante é uma graminea de grande porte (até 5 metros de altura para a variedade A e até 3,50 metros para a variedade B); o seu corte para distribuição como forragem verde, deve ser feito quando atinge a altura de 1 metro a 1,20 metro, então, a planta apresenta maior quantidade de proteínas e é mais apreciada pelos animais.

Os caracteres botânicos do capim elefante podem ser facilmente estudados em trabalhos científicos e publicações diversas, inclusive nos fornecidos gratuitamente pelo Ministério da Agricultura.

O capim elefante pode ser cultivado em capineiras para corte ou para formação de pastagens artificiais. Pode ser fenado, ensilado e silado. Suas folhas podem ter, ainda, várias aplicações: coberturas de galpões, proteção de sólos, etc.

Cultura

A cultura do capim elefante é, pode-se dizer sem exagero, a mais facil das culturas de forrageiras: o capim elefante nasce em qualquer terreno, excepto nos alagadiços não drenados; nasce em qualquer região do Brasil; nasce por sementes, por estacas e

por sub-divisões de touceiras; nasce quer em terreno lavrado quer em terreno não lavrado; nasce quer em solos adubados, quer em solos não adubados; nasce e se desenvolve, até em terrenos pedregosos onde a vegetação comum não ousa penetrar.

Éssas notáveis qualidades não devem ser excessivamente exploradas, sob pena de se vêr diminuir o rendimento.

A técnica aconselhável para a sua cultura, e de resultados mais rápidos e vantajosos, é, em resumo, a seguinte: derrubar o mato da área a cultivar; destocar; lavrar a 20 centímetros de profundidade; gradear cerca de 20 a 30 dias depois da lavra; abrir covas de metro em metro, em todos os sentidos; plantar estacas vigorosas, com 3 a 5 nós (mais ou menos 25 a 40 centímetros), enterrando obliquamente dois terços da parte inferior e deixando de fóra um terço; plântar de preferência antes da época das chuvas



Toceiras de capim elefante demonstrando a exuberância dessa graminea, no plantio de forragem do 2.º Batalhão de Pontoneiros, Cachoeira, Rio Grande do Sul.

mas, si isto não fôr possível, irrigar com latas ou regadores, no fim de 20 a 30 dias, conforme o solo esteja mais ou menos seco.

Para todo êsse serviço bastam 2 ou 3 homens dispostos a trabalhar, mesmo sem conhecimentos técnicos. Ésses 2 ou 3 homens poderão ser auxiliados, eventualmente, por um número variável de outros trabalhadores, munidos, de acordo com a fase da plantação, de foices, machados, picaretas, enxadas ou facões, o que tornará mais rápida a plantação.

As estacas (sementes ou mudas) podem ser pedidas às repartições competentes do Ministério da Agricultura e das Secretarias de Agricultura dos Estados e mesmo aos Senhores Comandantes de Corpos e Estabelecimentos Militares que já disponham de plantações de capim elefante.

Si a técnica descrita acima, não puder ser seguida rigorosamente, inúmeras variações podem ser feitas, quer quanto ao preparo do solo, quer quanto à plantação propriamente dita, mas o essencial é que o capim elefante seja plantado, porque "plantando dá".

Corte e distribuição

O corte e a distribuição do capim elefante, têm sido, a bem dizer, o ponto em torno do qual giram as objeções dos indiferentes e dos detratores do capim elefante como forragem verde. Si algumas déssas objeções têm razão de ser levantadas no meio civil, elas absolutamente não devem ser feitas entre veterinários militares, visto como a disciplina e a noção do cumprimento do dever, nos mais diversos escalões da hierarquia, farão com que a tarefa do corte e da distribuição seja normalmente executada, sem complicações, sob a orientação do oficial veterinário, responsável direto pela manutenção do vigor da cavalhada e que tem a seu cargo o plantio de forragem e a invernada do corpo.

Vejamos quais são as principais precauções a tomar com o corte e a distribuição do capim elefante.

a) — Como dissemos acima, o capim elefante deve ser cortado quando tiver atingido a altura de 1 metro a 1,20 metro (exceptionalmente até 1,50 metro) pois nessa ocasião ele se apresenta com o máximo de suas propriedades nutritivas, além de ser mais apreciado pelos animais, que chegam a devorá-lo com avidez.

É natural que, sendo o capim elefante uma graminea de porte elevado, ao chegar ao seu desenvolvimento máximo, deva ter os colmos lenhosos, não sendo, portanto, bem aceita pela maioria dos animais; mesmo assim, a parte superior e as folhas, são apreciadas pelos solípedes, embora suas propriedades nutritivas sejam um pouco menores.

Assim sendo, quando, por várias circunstâncias, o corte for feito quando a altura tiver ultrapassado 1,50 metro, será aproveitada a parte inferior das hastes, para aumentar a plantação. (Fotografia n.º 3).

Os opositores do uso generalizado do capim elefante alegam ser difícil controlar os cortadores de capim, compelindo-os a cortar a graminea quando alcançar a altura desejada. Um graduado (ou mesmo um soldado), mostrará o local da plantação onde deve ser feito o corte, e a disciplina se encarregará do resto.

b) — Um cuidado a ser observado é o de cortar as touceiras de capim elefante, o mais baixo possível, rente ao solo, para que a brotação se faça com maior vigor. (Fotografia n.º 2).

Também neste caso, um graduado (ou um soldado), fará a fiscalização.

c) — Feito o corte da quantidade calculada para o consumo diário, faz-se o transporte para locais previamente escolhidos, de preferência ao abrigo do sol e da chuva, onde o capim será cortado em pequenos pedaços, com foices ou com máquina de cortar, para que os animais apreendam mais facilmente. Esta condição não é essencial, embora tenha a vantagem de facilitar a distribuição e evitar que o capim se misture com as dejeções dos animais.

d) — O corte do capim elefante poderá ser feito pela manhã mas é preferível que seja feito de tarde, para que ainda se apresente mais fresco e apetecível para os animais. O que não deverá ser permitido é o corte feito na véspera, em virtude da possibilidade de sobrevir a fermentação do capim, principalmente nos dias quentes.

e) — A distribuição aos animais deverá ser feita de tarde ou de noite, sendo facilmente executada com o capim cortado, utilizando latas ou sacos de estopa.

f) — O cálculo da quantidade a ser distribuída a cada animal é feito por meio de latas grandes (de banha ou querozene), cujo conteúdo médio de capim elefante cortado, tenha sido previamente medido (cerca de 4 quilos).

g) — É necessário não deixar restos de capim elefante nas mangedouras, por mais de vinte e quatro horas, para evitar a possibilidade de sobrevir a fermentação, dado o elevado teor em hidratos de carbono que a graminea possúe, principalmente nos colmos.

Todas essas precauções que acabamos de vêr, relativas ao corte e à distribuição do capim elefante (excepto a referente à altura em que deve ser cortado), são as mesmas que devem ser rigorosamente seguidas para a utilização de outras gramineas como forragem verde e, francamente, não vemos porque motivo podem elas ser encaradas como dificuldades.

Respostas a algumas objeções

Os argumentos dos profissionais que se opõem ao emprego generalizado do capim elefante e dos que, por comodismo, preferem vêr os animais deficientemente alimentados, podem ser resumidos nos que se seguem, todos de fácil contestação.

a) — O capim elefante não é apreciado pelos animais. Não é verdade. Os solipedes apreciam muito o capim elefante, devorando-o com avidez.

Experiências feitas por nós, colocando animais em pastos mistos formados por capim elefante, capim "ki-kuio", milho e cana forrageira, demonstraram que os cavalos escolhiam em primeiro lugar o capim elefante, depois a cana forrageira e finalmente o capim "ki-kuio" e o milho. As experiências foram feitas com

animais já acostumados à alimentação com capim elefante e com animais que supomos nunca o terem ingerido, sendo os resultados sempre os mesmos.

O que é verdade é que a maioria dos animais, quando bem alimentada com a forragem normal da tabela, rejeita os talos endurecidos do capim elefante cortado tardiamente, mas o mesmo se dá com todas as gramíneas quando se tornam lenhosas: são mal aceitas pelos animais.

b) — **O capim elefante produz "cólicas".** O argumento em questão pode ser facilmente contestado, não procedendo as afirmações de alguns colegas que julgam ser o capim elefante, por si só, capaz de produzir perturbações digestivas.

Possuindo essa gramínea, elevado teor em hidratos de carbono, é suscetível de se fermentar quando cortada por tempo superior a vinte e quatro horas, nos dias quentes. Desde que seja seguida uma das precauções necessárias à distribuição de qualquer forragem verde — distribuição no mesmo dia do corte — evitar-se-á a fermentação e, consequentemente, os distúrbios digestivos decorrentes da ingestão de forragem deteriorada.

Há, entretanto, quem julgue ter constatado casos de perturbações digestivas produzidas pela ingestão de capim elefante mesmo quando a distribuição fôra feita no mesmo dia do corte. A explicação dêste fato pode ser resumida na existência, em as mangedouras e interstícios diversos das báias e dos "boxes", de pedaços de capim elefante que são ingeridos dois ou mais dias depois da data em que deveriam ser.

Neste último caso é bastante que sejam seguidas elementares normas de higiene (aliás regulamentares) das báias e outros alojamentos de solípedes, com a completa remoção de resíduos de forragem da véspera, para que instantaneamente desapareçam os casos de "cólicas" motivados pelo capim elefante, casos êsses que apareceriam, nas mesmas condições, qualquer que fosse a espécie forrageira utilizada como verdejo, principalmente com as que possuem elevado teor em hidratos de carbono, como, por exemplo, a cana forrageira, também injustamente acusada de produzir perturbações digestivas, às vezes verdadeiras "epizootias de cólicas".

c) — **O capim elefante esgota o terreno.** A afirmação de que o capim elefante esgota o terreno em que é plantado é, em parte, verdadeira mas não é suficiente para contra-indicar sua plantação e utilização como forragem verde.

Sendo essa gramínea de grande crescimento, de rápido desenvolvimento e de elevado teor nutritivo, principalmente em proteínas, é natural que, num período aliás relativamente longo, esgote o terreno, o que pode e deve ser evitado pela adubação farta e gratuita constituida pelo esterco dos animais aquartelados.

É necessário, porém, observar que o esgotamento dos terrenos

plantados com capim elefante só se dá depois de alguns anos de exploração constante (cerca de 5 anos para os solos mais pobres) e uma simples adubação com esterco é capaz de garantir o rendimento notável dêssa graminea, durante mais 2 a 3 anos, e assim sucessivamente.

A questão da adubação absolutamente não deve constituir problema entre os veterinários militares porquanto o esterco dos solipedes presta-se perfeitamente para adubar os terrenos plantados com capim elefante e, sendo de grande importância, como medida de higiene pública, a eliminação do esterco, por ser este o principal meio em que as moscas desovam (96%), é até providencial o seu aproveitamento como adubo das áreas plantadas com capim elefante.

d) — **O capim elefante morre no inverno.** Esta afirmação não tem razão de ser feita nem nos estados do sul do Brasil onde os invernos são rigorosos. O capim elefante não morre com o frio; apenas paraliza seu desenvolvimento. Nesta ocasião deve-se cortá-lo rente, aproveitando-se as hastes para plantar e as folhas, embora amareladas, podem ser dadas aos animais; pode-se ainda, soltar a cavalhada sobre a plantação, para que os animais comam o que quizerem e deixem as touceiras rentes com o solo.

A paralização do crescimento só é completa nos lugares em que o frio é muito intenso (estados do Sul) e somente durante 3 meses; mal chega a primavera, as touceiras ressurgem com explêndido vigor. Nos estados de clima mais temperado, o crescimento é apenas diminuído, podendo o capim continuar a ser dado aos animais.

Nas regiões em que há períodos de grande diminuição do rendimento e mesmo de paralização total do crescimento (casos de fortes geadas), é necessário assegurar a ração de forragem verde para os animais, com uma outra espécie, mais resistente ao frio. Dentre às gramineas resistentes ao frio, a mais econômica, a de maior rendimento e que alem disso é dotada de grandes propriedades nutritivas, é a cana forrageira, cuja cultura é semelhante à do capim elefante, exigindo apenas, para maior desenvolvimento, que seja plantada antes das chuvas da primavera, uma capina depois de brotada e um certo grau de humidade do solo. O corte e a distribuição da cana forrageira são idênticos aos do capim elefante.

Como forragem verde de substituição, no inverno, podem ser dadas as folhas de aveia ou de cevada; estas gramineas, embora tenham grandes propriedades nutritivas e dêm rendimento regular, são de cultura caprichosa e cara. O corte de ambas exige maiores precauções que o do capim elefante.

Outras gramineas, ainda, podem ser plantadas com a finalidade de substituir o capim elefante durante os 2 ou 3 meses em que o rendimento dêste diminui ou cessa, tais como o capim de

Rhodes, o capim "ki-kuio", etc., todas de rendimento, resistência, rusticidade e mesmo poder nutritivo inferiores aos do capim elefante.

Exemplos de serviço de corte e distribuição

A título de ilustração, daremos um resumo da marcha do serviço de corte e distribuição de capim elefante para os solipedes, organizado quando servíamos no 2.º Batalhão de Pontoneiros.

O corte era feito exclusivamente depois do meio-dia (2.º tempo do expediente) e a distribuição era feita às 18 horas.

A fiscalização do corte era feita por um cabo enfermeiro-veterinário e a distribuição aos animais era fiscalizada pelos sargentos de dia às sub-unidades.

Na hora de cortar o capim, as turmas de cortadores, de cada sub-unidade, constituídas pelos cavalariças chefiados por um soldado mais antigo ou pelo cabo comandante da guarda das cavalariças, apresentavam-se ao cabo enfermeiro-veterinário encarregado da fiscalização do corte; este lhes indicava onde, quanto e como deviam cortar.

O corte era feito com foices curvas ou com facões, bem rente ao solo e, terminada essa operação, um ou dois cortadores, com uma enxada, fazia uma leve limpeza das áreas entre as touceiras cortadas; os homens restantes faziam o transporte em viaturas das respectivas sub-unidades, para os locais em que o capim era cortado em pequenos pedaços por meio de máquina de cortar e, às vezes, por meio de facões ou foices curvas.

Às 18 horas era distribuído o capim, por meio de latas de banha ou de querozene.

No inverno, logo que o capim elefante paralizava seu crescimento, o serviço de corte e distribuição era feito, da mesma forma, porém com a cana forrageira.

Considerações finais

Para terminarmos, apelamos para a boa vontade de todos os colegas, no sentido de intensificarem as plantações de forrageiras para corte, até que atinjam uma área suficiente para manter a ração diária de verdejo para os animais de suas Unidades.

Já é tempo de acabarmos com a situação em que se encontram grande número de animais do Exército, sub-nutridos, atacados por frequentes perturbações digestivas, por falta ou deficiência de pasto verde.

Si as provas a que foi submetido o capim elefante, por técnicos competentes, especializados em Agrostologia e Alimentação; si a experiência dos veterinários militares que já utilizaram praticamente essa graminea na alimentação diária dos solipedes; si

284
a facilidade de cultura e outras notáveis qualidades do capim elefante; enfim, si tudo o que dissemos acima não for suficiente para convencer os colegas que ainda não cultivam o capim elefante, pedimos apenas que plantem qualquer outra espécie forrageira, que seja de sua preferência, mas em quantidade suficiente para alimentar o efetivo equino de suas Unidades.

Façamos nossas culturas de plantas forrageiras, em grande escala, pois a isso somos obrigados não somente moral e profissionalmente, como também por força de disposição regulamentares.

Lembremo-nos de que o cavalo é um herbíboro que, em sua vida natural, alimenta-se exclusivamente com as pastagens formadas quasi totalmente por gramíneas.

Não é bastante termos pequenos canteiros de uma ou várias espécies forrageiras, muito bem tratados, muito graciosos, porém sem atingirem os resultados desejados pelos animais. É preciso plantar em grande escala, aproveitando todas as áreas de terra disponíveis, mesmo ultrapassando de muito a área necessária para o efetivo atual em animais — o excesso poderá ser transformado em potreiros de pastagem artificial.

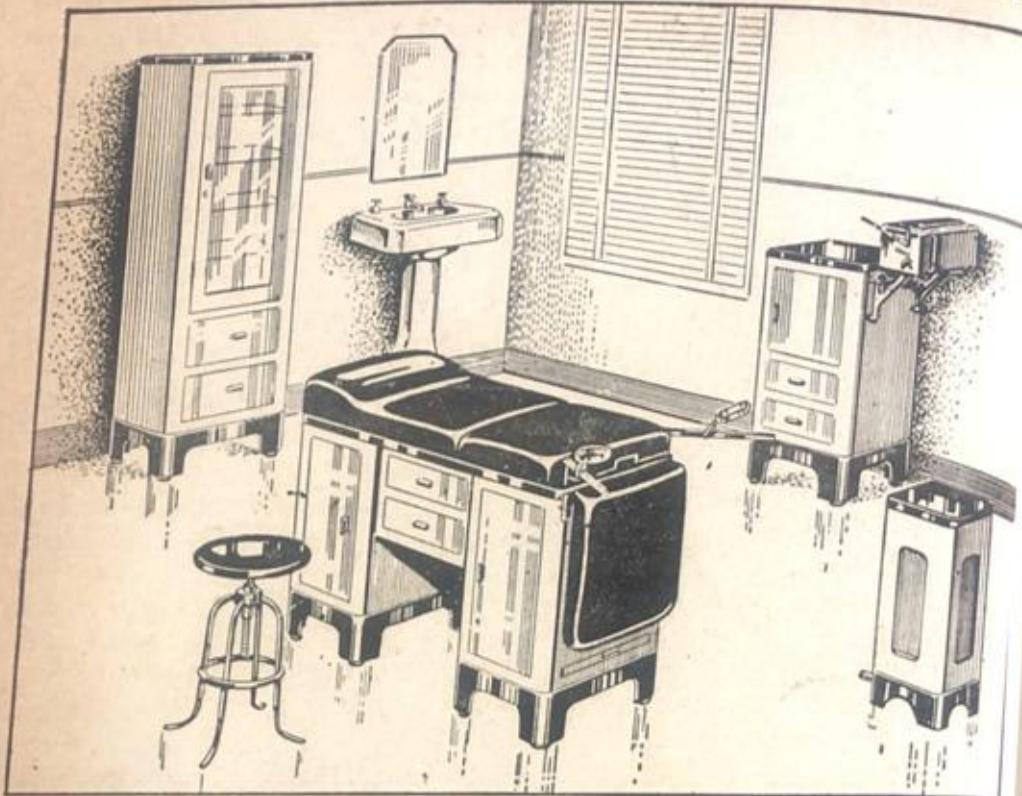
... e assim a cavalhada de nossos quartéis estará realmente pronta para os serviços que dela forem exigidos.



Equideos de tração pesada que serão usados, futuramente, na Artilharia do Exército, graças a ação eficiente da Sub-D. S. R. e Veterinária

MODERNIZE SUAS INSTALAÇÕES COM O

Novo Consultorio Luxal



O CONSULTORIO LUXAL lhe proporciona mais conforto e maior eficiencia
— A PRAZO —

Nossos moveis para CONSULTORIO LUXAL que agora oferecemos á classe médica são de linhas artísticas, finas, e acabamento esmerado e cuja beleza de formas impressiona a primeira vista.

São luxuosos e se destacam de todos os que foram até hoje construidos. Com o nosso novo plano de pagamento, de amortizações facéis, é extremamente facil adquirir um CONSULTORIO LUXAL. Envie-nos, hoje mesmo, o copon abaixo e V. S. poderá, então, certificar-se de como está ao alcance possuir a maravilhosa construção moderna que representa o novo CONSULTORIO LUXAL.

Lutz, Ferrando & Cia. Ltda.

RIO DE JANEIRO

SÃO PAULO

LUTZ, FERRANDO & CIA. LTDA.

Rua do Ouvidor, 88 — Rio de Janeiro

Envie-me completas ilustrações e detalhes de venda do Consultorio "Luxal".

NOME

RUA

CIDADE, ESTADO

783

CRIAÇÃO DO CAVALO MILITAR

Dr. Laerte Fernandes Barreto — 1.^o Tenente Veterinario.

(Conferencia pronunciada pelo Dr. Laerte Fernandes Barreto, Veterinario do Depósito de Remonta de Campo Grande — MATO GROSSO — por ocasião da inauguração da 2.^a Exposição Agro-Pecuária naquela Cidade)

Tenho, meus senhores, muita honra e grande satisfação de ser ouvido, neste momento, por adiantados criadores patrícios, possuidores, naturalmente, de todos os requisitos para fazerem esta imperiosa obra de defesa nacional: CRIAR CAVALO MILITAR.

Seria injustificado eu vir expôr, aqui, normas a quem conhece, de sobêjo, pela prática, pela observação, pelo estudo, como se deve criar cavalos. Limitar-me-ei a citar, apressadamente, os diferentes elementos decisivos sobre o melhoramento do cavalo de Matogrosso, sem me deter em questões contravertidas ou doutrinárias, e explanar, com rápidos comentários esclarecedores, a contribuição do Serviço de Remonta do EXERCITO NACIONAL sobre iêsse departamento de produção animal. Para terminar direi o que se deve entender por cavalo militar.

A cavalhada dêste Estado é, de modo geral, uma cavalhada de resistencia, isto é, existindo apenas para a conservação da espécie, dadas as condições ásperas em que nascem e se desenvolvem os cavalos. Qualquer melhoria nos fatores naturais ligados à sua vida trás em consequência um benefício surpreendente.

E' no cruzamento contínuo que está a condição fundamental para se obter, partindo do cavalo comum, o cavalo tipo militar. A seleção não se apregoa aqui porque, por ela, levar-se-ia muito tempo até obter-se o cavalo para o EXERCITO, enquanto que

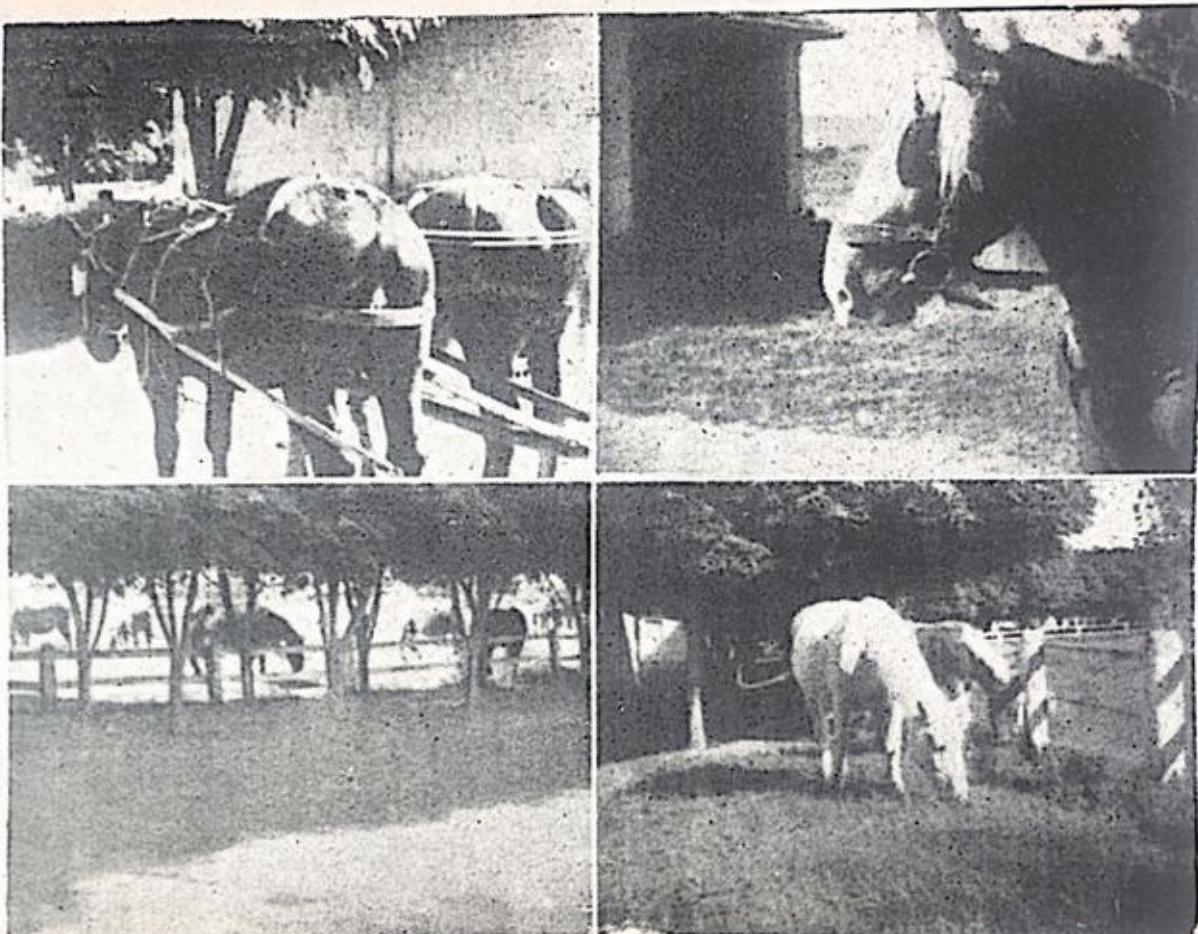
pelo cruzamento, já na primeira geração tem-se o que se deseja.

O cavalo só se desenvolve bem quando é bem alimentado e cercado de cuidados, aliás, mínimos, de higiene. Dizem os nossos mestres árabes, mestres em criação de cavalos, que: "se não vissemos o pôtro nascer diríamos que ele era filho da aveia". Concretizando: o reproduutor imprime ao produto estrutura com tendência a tipo fino, mas o que objetiva, o que realiza essa tendência é a alimentação substanciosa, adequada, racional e posteriormente o trabalho bem considerado.

Este Estado, Matogrosso, possui matéria prima de primeira ordem para a produção intensiva de cavalo para o Exército. De um lado os senhores criadores dispõem de equada bôa, bem aclimatada, bem conformada, assás numerosa, de éguas rústicas, sóbrias, resistentes, de talhe elevado; as fazendas são de terras admiraveis para pastos finos, havendo zonas que nada ficam a dever aos famosos campos do Rio Grande do Sul. O pantanal matogrossense é uma sementeira natural de forrageiras: é enorme o número das gramineas que ali são nativas e muitas delas se desenvolvem bem nos altiplanos. Bela-Vista já possui campos artificiais revestidos de grama do Rio Grande, muito propicia ao cavalo. Os campos de Vacaria e os do Mimôso são já tradicionais.

Portanto, a melhoria das pastagens, outro elemento fundamental no melhoramento do rebanho equino e dos rebanhos em geral, é problema resolvido pois as sementeiras estão aqui mesmo, bastando apenas o interesse do criador afim de transplanitar as mudas para suas terras.

Meus senhores, em qualquer ramo de atividade humana, só se trabalha com entusiasmo, sem desfalecimentos quando o resultado dos esforços é compensador, quando o lucro é certo e rendoso. Criar cavalo como se fazia até ha pouco aqui, era oneroso e sem resultado porque o mercado não dava absolutamente valor ao produto, cuja venda não cobria de modo algum, nem aproximadamente, as despesas. De certo tempo para cá, entretanto, precisando melhor, de 34 em diante, se não me engano, época em que a Nona Região Militar recebeu pela penultima vés, cavalos do Rio Grande, os cavalos matogrossenses entraram a circular pelas tropas federais, sua procura pelo Exército deu ânimo aos criadores. Daquele momento principiou o melhoramento rápido do rebanho cavalar e já hoje, o Exercito refaz sua remonta com cavalos daqui mesmo, e sem muito grande procura. Isso esclarece e reafirma que Matogrosso vai pouco a pouco, de um lado pelo patriotismo e pela compreensão dos senhores e de outro, pelas necessidades cada vez maiores e sempre crescente das forças armadas do Paiz, se transformando violentamente, num produtor de cavalo bom, num fornecedor de cavalo militar. Ombrear-se-á, em breve tempo, com o Rio Grande do Sul, se souber aproveitar a colaboração do Serviço de Remonta do Exército.



Aspectos da vida diária da Coudelaria de Pouso Alegre: 1) Eguas atreladas para o serviço; 2) Garanhão atrelado; 3) Eguas cheias no potreiro; 4) Egua com cria no potreiro

Presentemente, nos movimentos de campanha ou de manobras, os cavalos daqui são os que mais resistem, os que menos adoecem, sendo infinitamente mais rústicos, mais sóbrios, mais resistentes, mais militares que os do Rio Grande. Naturalmente lá, o cavalo Riograndense é soberbo, inegualável.

Os Depósitos de Remonta do Exército, são estabelecimentos destinados a melhorar a qualidade do cavalo nacional, colaborando intimamente com o criador nesse sentido, fornecendo-lhe todos os elementos necessários à consecução dessa obra cujo coroamento é, para o criador, a venda de seus produtos por preços compensadores, acrescidos de uma bonificação pré-estabelecida. Qualquer criador que disponha de cerca de quarenta éguas pode e deve requerer um reprodutor do Serviço de Remonta do Exército para melhorar seu rebanho equino, satisfazendo apenas a condição de alimentar o garanhão enquanto ele estiver servindo ao rebanho. A indicação do reprodutor e exame e seleção das éguas a serem servidas pelo mesmo são feitos pelo próprio Exército, sem ônus, sem despesa alguma para o criador.

O Serviço de Remonta, pelos seus órgãos técnicos, estabeleceu que nos rebanhos degenerados o cavalo indicado para melhorar é o puro sangue árabe, raça pura, base de todas as outras; nas eguadas mestiças ou já melhoradas se se quiser cavalo de sela o garanhão indicado será puro sangue inglês e se se quiser animal de tração será cedido um pastor puro sangue bretão posterior ou um jumento puro sangue "poitou", de acordo com vários fatores, sobressaindo, no entanto, a idade média das éguas.

Dentro da indicação do reprodutor de tal raça, há ainda o tipo mais adequado, pela estrutura e pelagem, a mais rápido melhoramento do rebanho em vista. Mais uma questão puramente técnica surge e mais uma vez sua solução é dada pelo Serviço de Remonta, pelos Veterinários dos Depósitos, encarregados da seleção das éguas e da indicação dos reprodutores.

Os produtos dos garanhões do Serviço de Remonta do Exército terão direito a um certificado, ao assentamento geneológico e quando o criador quiser, vendê-los-á a quem bem entender ou a quem mais dér, estando o Exército incluído no ról dos compradores como simples interessado na compra, tendo apenas a preferência.

A vantagem da cessão de um reprodutor gratuitamente é indubitável pois o preço de um pastor de raça é sempre elevado, sobretudo quando é acompanhado do registro geneológico do "pedigrée".

A esse preço ajuntam-se o trabalho, os cuidados que se devem dispensar ao mesmo, acrescidos com o estabelecimento das tabelas alimentares próprias a cada garanhão, e ao demais, a as-

sistência veterinaria que possivelmente o cavalo venha a necessitar.

Todos esses óbices deixam de subsistir quando o criador se serve do seu legitimo direito de resolver melhorar seu rebanho equino. Terá quem assista gratuitamente seus animais, quem lhe indique as forrageiras que deve plantar e onde deve plantar, quem lhe forneça mudas e sementes para melhorar as pastagens de seus campos, quem previna ou atenua os males que inferiorizam seus animais, seus rebanhos domésticos, quem lhe forneça medicamentos veterinarios pelo custo da produção e medicamentos idôneos, eficazes; quem oriente sua criação de modo geral e a de equinos em particular, e finalmente, quem compre seus cavalos por preços, fora de qualquer dúvida, compensadores.

Os produtos oriundos dos garanhões dos Depósitos de Remonta em qualquer prova a que se submetam ou exposição a que compareçam recebem premios que incentivam sua produção para mais e para melhor.

Se porventura qualquer criador escrupuloso ou mal informado tiver adquirido um pastor de raça pura para melhorar seus animais, ele poderá requerer o exame, pelo Serviço de Remonta do Exército, daquele reprodutor e seus produtos terão direito a registro genealógico oficial com a bonificação prevista nos dispositivos regulamentares e o respectivo rebanho será assistido pelo Depósito de Remonta mais próximo.

E mais: se o criador dispuser de rebanho respeitável de éguas, cem para fóra, com instalações, mesmo rústicas, para determinado número de animais, com vinte hectares de terras cultivadas de forrageiras e plantação de alfafa, poderá requerer ao Ministério da Guerra uma subvenção anual ou que sua propriedade passe a ser considerada de utilidade pública, com todos os reais benefícios que disso decorrerá.

E' verdade prática, meus senhores, consubstanciada através de gerações inteiras, que criar cavalo é oneroso. Mas criá-lo como se faz aqui, na sombra do boi, com o amparo vigoroso, com a assistencia decidida, com a colaboração intensa e interessada do Serviço de Remonta do Exército, é tarefa simples, que anima os mais descrentes, que entusiasma os mais vacilantes.

O cavalo militar é antes de tudo um cavalo sadio, em plena pujança de suas atividades vitais, sem defeitos que o tornem impróprio à condução de carga no lombo ou à tração de veículos regulamentares. Sob o ponto de vista veterinario o cavalo militar se divide em membros que o transportam, que o locomovem e em tronco que transforma os alimentos em energia para aqueles membros. De um modo geral, o cavalo militar é um cavalo bom, que agrada pelas suas formas, pela sua vivacidade, pela sua beleza. Para o Exército, porém, o cavalo é um produto industrial, tal qual o fuzil ou a metralhadora. Nestes, no entanto, pode-se exigir um

padrão imutável; naquele é quasi impossível ter-se o idealizado, porque, produto vivo, suas variações são infinitas.

O cavalo modelo, do qual deve se aproximar o militar, está enquadrado nos seguintes elementos primários: o formato e consequentemente a silhueta e as linhas; o equilíbrio em suas relações com o modelo; as proporções e a harmonicidade; a potência hipomecânica, os pontos de força e as compensações; os aprumos; as qualidades dinâmicas individuais em função da relatividade do peso, volume, talhe, comprimento, hereditariedade, individualidade psíquica e funcional, rusticidade e fundo, isto é, resistência e estado ou fase de trabalho; as atitudes, as andaduras e finalmente as aptidões.

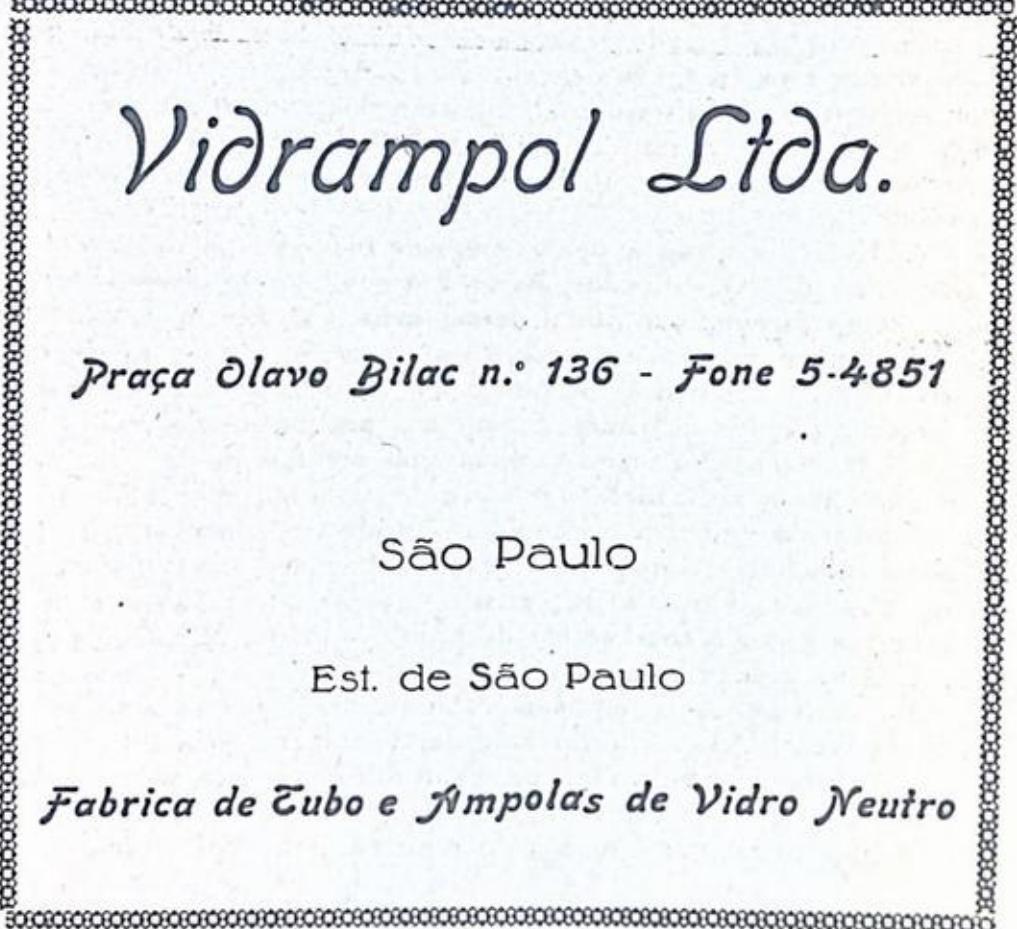
Do exame metódico destes elementos verifica-se que o cavalo modelo tem a linha escápulo-iliial curta (um comprimento da cabeça); linha escápulo-costal longa; altura do peito inferior de treis a quatro centímetros, ou pouco mais, da metade da altura; garupa óssea e musculosa, pouco inclinada, com seus elementos ilium e ischium mais ou menos iguais; boa distância da anca à sôldra ou patinho e deste à articulação côxo-femural o que garante uma grande potência do trem posterior; aprumos regulares. Desses disposições decorrem as que seguem: bom dorso com garrote para trás, amplo corpo de máquina com peito ogival e alto (grande distância do garrote ao cotovelo), boa direção e bom comprimento da espádua, alavancas ósseas bem inseridas, bem encaixadas, com oscilações faceis. Esses elementos garantem uma boa repartição da carga dorsal, leveza do trem anterior e grande potência do trem posterior. Esses dados, afinal de contas, não interessam ao criador prático mas somente aos técnicos especializados.

O Exército, afora o tipo comum de cavalo bom de séla, tem exigências, aliás, justificadas. Assim é que: o cavalo deve ter pelagem escura tornando-se difícil de ser visto a distância pelo inimigo eventual; deve ter de quatro a oito anos, fase da vida em que o cavalo é adulto, isto é, em pleno apogeu de sua vida; um metro e quarenta e cinco de altura, no mínimo, porque o peso médio que ele vai transportar é excessivo, mesmo em tempo de paz, para tamanhos mais reduzidos; um metro e sessenta e oito de perímetro torácico, também no mínimo, porque perímetro menor condiciona reduzida quantidade de área pulmonar, não satisfazendo as necessidades vitais do organismo cavalar que tenha um metro e quarenta e cinco centímetros de altura; andaduras naturais porque cançam menos o cavalo.

E como se consegue mais rapidamente estes característicos em um cavalo? Pelo melhoramento das pastagens, pela seleção das éguas, pelo cruzamento com um reproduutor de raça pura, e esse cruzamento deve ser continuo, e esse reproduutor deve ser adequado ao tipo médio das éguas, pelo registro geneológico, pelo esta-

79
belecionamento de prêmios aos criadores dos melhores produtos e sobretudo pela compra compensadora, pelo mercado permanente, pela saída certa e satisfatória do cavalo.

Tudo isto os senhores teem aqui. E estou convencido que, animados pelo grande amor ao Brasil, os senhores meterão mãos à magnífica obra, que pôde e que deve ser feita pelos senhores mesmos, essa magnífica obra de defesa nacional: CRIAR CAVALO MILITAR.



Vidrampol Ltda.

Praça Olavo Bilac n.º 136 - Fone 5-4851

São Paulo

Est. de São Paulo

Fábrica de Tubo e Ampolas de Vidro Neutro



Tenente-Coronel AGENOR DA SILVA MELO

Transcorreu a 15 do corrente, mais um aniversário natalício do Sr. Ten. Coronel Agenor da Silva Melo, Chefe da 1.ª Divisão Militar da Sub-Diretoria dos Serviços de Remonta e Veterinária.

O Coronel Melo, oficial de raros méritos e sobretudo um devotado colaborador dos Serviços de Remonta do Exército, na solução do magnó problema da criação do cavalo nacional.

Integrado nos assuntos ligados à equinocultura, conhecedor das necessidades brasileiras nesse setor, inteiramente informado do programa de trabalho e da orientação técnica dos Serviços de Remonta, o Ten. Coronel Melo é, por isso mesmo, um dos mais eficientes auxiliares desse alto departamento da Administração do Exército e um dos mais autorizados equinocultores brasileiros. Foi, S. S., muito homenageado no seu natalício por seus múltiplos amigos e camaradas de farda e auxiliares de Repartição.

A Revista Militar de Remonta e Veterinária deseja sua eficaz permanência à frente da 1.ª Divisão da Sub.-D. S. R. V. e respeitosamente o cumprimenta.

707

“VOCABULARIO AUXILIAR DA NOMENCLATURA NOSOLÓGICA VETERINÁRIA”

Cap. M. BERNARDINO COSTA

(Da Sub-Diretoria dos Serviços de Remonta
e Veterinária)

Como complemento a NOMENCLATURA NOSOLÓGICA VETERINÁRIA, publicada na Revista Militar de Veterinária, ns. 5, de Agosto de 1938; 33, de Julho-Agosto de 1941, e no Boletim do Exército, n.º 3, de 18 de Janeiro de 1941, submetemos a apreciação dos colegas este “VOCABULÁRIO AUXILIAR” que tem por objetivo esclarecer alguns diagnósticos habitualmente firmados em documentos oficiais, tais como: mapa nosológicos, atestados de óbito e termos de necropsia, enviados para a Sub-Diretoria dos Serviços de Remonta e Veterinária.

ABCESSO — Indicar a séde e a natureza. Cutâneo? Sub-cutâneo? Pulmonar? Retro-faringeo? Da bacia? Da mama? Do cérebro? Osseo?	155 — 110 — 122 — 185 204 — 236 — 265
ACAROS — E' vago. Classificar.	35
ACIDENTE — Declarar a natureza.	272 a 290
AGUAMENTO — Preferir.	146 — 147
ALBUMINÚRIA — Declarar a doença que provocou a albuminúria. Nefrite? Intoxicação? Doença infecciosa? Pneumonia? Febre tifoide? Funcional?	
ALCANÇADURA — Sem expressão. Classificar a lesão produzida.	Grupo XVII
ALIFAFES — Preferir...	257 d
ANASARCA — Declarar a doença que provocou este estado.	55
ANEMIA — ANEMIA AGUDA — ANEMIA VERMINÓSA — Declarar a doença que provocou este estado. Se a anemia é a causa primária, indicar sua natureza. Quando verminosa é mais importante declarar a helmintiase e como causa secundária a anemia.	66 — 27
ANEURISMA — Em medicina humana a sifilis é a grande causadora dos aneurismas da aorta. Em medicina veterinária, podemos atribuir ao reumatismo articular agudo, febre tifoide, embora raramente. Com frequência helmintiase — estrongilose (aneurisma verminótico).	27 f
ANEURISMA VERMINOSO — Helmintiase — estrongilose (aneurisma verminótico).	27 f

ANEMATOSE — Não foi encontrado este termo. Existe hematose, oxidação do sangue nos pulmões (transformação do sangue venoso em sangue arterial). Anematopoiése — parada ou perturbação da produção de hemácias e consequente anemia.	66
ANOREXIA — Declarar a causa.	82
APARELHO DIGESTIVO — Sem expressão.	
APOPLEXIA CEREBRAL — E' consequente de hemorragia cerebral.	238
APOPLEXIA INTESTINAL — "Apoplexia — é a suspensão brusca e mais ou menos completa de todas as funções do cérebro, com perda súbita do conhecimento e dos movimentos e com persistência da circulação e da respiração". Em vista da definição...	
ARESTIM — Preferir...	144
ARTRITE — Declarar a sede.	255 — 256
ARTRITE CRÔNICA DEFORMANTE — Artrites crônicas.	256
ASCITE — Declarar a doença que provocou este estado.	
ASFIXIA — Declarar se foi por submersão ou enforcamento.	273 — 274
ASFIXIA POR ENFISEMA PULMONAR — Classificar na doença mais importante que é o enfisema pulmonar.	112
ASFIXIA POR CONGESTÃO INTESTINAL — Mesma observação que a anterior. Ver adeante o que diremos sobre congestão intestinal.	

ASTENIA — ASTENIA GERAL — ASTENIA SENIL — Declarar a doença que provocou este estado.	54 ou 282 a, b, c.
ATONIA GASTRO-INTESTINAL — Atonia é a diminuição da tonicidade normal de um órgão contratil. Declarar a doença que provocou este estado.	
ATROFIA MUSCULAR —	247 — 249
AUTO INTOXICAÇÃO — AUTO INTOXICAÇÃO RENAL — Não usar estes diagnósticos, declarar a causa que provocou este estado.	
BICHEIRA — Evitar este termo em documento que tenha expressão técnica.	37
BERNE — Evitar o termo.	36
BLASTOMA —	42
BLEIMA — Preferir...	157
BROCA — BROCA DA SOLA — Evitar estes termos roceiros. Em pregar querafilocele (parede) ou querácele (na sola).	159 — 160
BRONCO-PNEUMONIA GANGRENOSA — Classificar em gangrena pulmonar.	111
BRONQUITE — Declarar se a bronquite é aguda, crônica ou capilar.	104 — 105 — 106
CAPEAÇÃO NO JOELHO — Termo de roceiro e não de técnico. Não passa de uma escoriação simples.	

CAQUEXIA — CAQUEXIA CARDIACA — Caquexia — alteração profunda da nutrição, que traz fraqueza geral do organismo.. E' uma palavra sem significação bem precisa.	35
CARAPATO — Ixodeose.	35
CARRAPATOSE — Parece incrivel!... Foi encontrado num mapa nosológico.	35
CASTRAÇÃO — Preferir...	173
CAUSA IGNORADA — Procurar na necropsia, caso contrário enquadrar em....	290
CEGUEIRA — Declarar a doença que provocou este estado.	130 — 131 — 132 — 133
CHIFRADA — Se causar a morte, enquadrar no grupo XVI. Declarar a lesão produzida e não o ato que a produziu.	281
CLAUDICAÇÃO — Manqueira. Declarar a lesão que provocou este estado. Caso não tenha sido identificado classificar em:	248 a, b.
CODILHEIRA — Ver higromas.	253 a, b, c.
COICE — Se causar a morte, enquadrar no grupo XVI. Caso contrário, declarar apenas a lesão produzida	281
COLAPSO CARDIACO — Colapso — é um termo vago. Colapso cardíaco: evitar tanto quanto possivel este termo. Declarar a lesão do coração. Miocardite?	
CÓLICA — Enteralgia? Colite? Consignar sempre nos mapas nosológicos. E' um sindrome que pesa na estatística veterinária e que os profissionais, em regra, não registram.	82 b — 86

CÓLICA DE AREIA — Ingestão de areia. Oclusão intestinal. Ver *Sabulose*.

87

COMA — Não empregar este termo, que é vago.

CONGESTÃO INTESTINAL — **CONGESTÃO INTESTINAL COM METEORISMO** — É uma causa secundária, declarar a primitiva: Traumatismos, moléstias infecções, intoxicações, parasitas, desordens circulatórias.

296 — 298 — 229 — 300

CONGESTÃO — (Do cérebro, ou dos rins, ou do figado, ou dos pulmões, ou de qualquer outro órgão). Se a doença for caracterizada por uma inflamação, empregar o termo apropriado (broncopneumonia, ou pneumonia lobar, nefrite aguda, etc.). A simples congestão passiva não deve ser assinalada como causa de óbito se puder determinar a doença primária.

CONGESTÃO PULMONAR — **CONGESTÃO ATIVA E PASSIVA** — É causa secundária; a primitiva é a infecção pneumocócica — Bronco-pneumonia. Só empregar o termo "congestão pulmonar" 108 da nomenclatura, quando não for possível determinar a doença primária.

107

CONGESTÃO RENAL — Ver o que ficou dito sobre congestão.

CORAÇÃO — É um órgão e não uma doença.

CORISA — Preferir rinite ou rino-faringite.

115

CORNAGEM — Estenose das vias aéreas.

99

COROAÇÃO — **COROADOS** — **COROAMENTO** — Termos roceiros, não passam de simples escoriações no joelho.

Grupo XVII

CRAPAUD — Não empregar este termo.	145
CRAVO ENCOSTADO — Ferimento perfurante.	Grupo XVII
CURVA — Ver exostoses.	260 a.
CURVAÇA — Ver exostoses.	260 a.
DERMATITE — Classificá-la.	141 — 142 — 143 — 144 145 — 146 — 147 — 148 149 — 150 — 151 — 152 153 — 154
DIARREIA — Declarar a afecção que a provocou; a diarréia é de causa alimentar ou infecciosa? Enterite aguda? Desinteria?	85 — 8
DILATAÇÃO CARDÍACA — Declarar a causa.	
ECZEMA DA SELA — Ver.	150
EDEMA — Nefrose com retenção de cloretos;	
EDEMA-PULMONAR — EDEMA DO PULMÃO — Usar: Edema agudo do pulmão.	109
EMBOLEAMENTO — É termo vulgar, em documento técnico empregar.	249
EMBOLIA — Declarar a sede e a causa.	
ENCABRESTURA — Termo roceiro. Não passa de uma escoriação. Classificar de acordo com a lesão.	Grupo XVII
ENCEFALITE — Declarar a causa.	

ENDOCARDITE — Declarar se é aguda ou crônica.	58 — 59
ENCRAVADURA — Ferimento perfurante.	Grupo XVII
ERGASTENIA — Não existe tal termo em medicina veterinária e humana. Não foi encontrado em nenhum vocabulário de termos técnicos usados em medicina. E' usado em veterinária como sinônimo de astenia. Ver este termo.	
ESFORÇO DOS RINS — Isto é velharia. Preferir, conforme a etiologia.	168 — 247
ESPARAVÃO — Ver artrites crônicas.	256 a.
ESPONJA — Não consignar este termo e sim...	149
ESTAFA — Astenia. Fadiga. Auto-intoxicação — Doença da nutrição.	54
ESTRANGULAMENTO DO RETO — Lesão traumática de cavidade natural, citando a cavidade.	300
ESTREPADA — E' uma lesão traumática.	291 a 301
EXONGULAÇÃO — E' uma lesão traumática.	291
FERIDAS — Classificá-las quanto a natureza.	Grupo XVII
FERIMENTO — Classificá-lo quanto a natureza.	Grupo XVII
FIGO NA RANILHA — Dermatite crônica vegetante.	145
FÍSTULAS — Declarar a região, trajeto.	

FLEIMÃO — A forma fleimão é de origem popular. Precisar a infecção que causou a inflamação do tecido conjuntivo que separa os órgãos.	152 — 253
FLUXÃO PERIÓDICA — Irido ciclite repetente.	131
FULGURAÇÃO — Nome dado à ação do raio sobre o corpo do homem e dos animais e por extensão aos acidentes causados pelo mesmo.	285
FRAQUEZA GERAL — Fome? Sede?	282 c.
FRATURAS OSSEAS — Declarar a séde.	294 a.
FRIEIRA — Ver dermatite eczematosa.	143
FRAQUEZA CARDÍACA — Declarar a doença que provocou este estado.	
GANGRENA — Sêca? Gazoza? Proveniente de bacteria? Diabete? Pulmonar?	7 — 49 — 111
GARROTEILHO — Preferir adenite equina.	9 a.
GASTRITE — Ver:	82 a.
GASTRO-ENTERITE — GASTRO-ENTERITE CATARRAL AGUDA — GASTRO ENTERITE TÓXICA — Enterite aguda? Muco membranosa? Tóxica? Qual a substância: orgânica, mineral, alimentar?	84 — 85 — Grupo XV
GAVARRO CARTILAGINOSO — Ver doenças da pele.	158

GURME — Ver adenite equina.	9 a.
HIDROPSIA — Declarar a doença que provocou. Este termo nunca deve ser empregado como causa de morte.	
HIGROMA — Flegmonoso? Quístico? Esclerosado?	253
HELMINTIASE — Precisar qual o helminto.	27
HEMATOMA — Coleção sanguínea enquistada. Declarar a causa que a provocou.	
HEMATURIA — Nefrite? Traumatismo? Corpo estranho? Tuber- culose? Cálculos vesicais? Cistite? Tumor? Parasitaria? Infec- ciosa?	168 -- 170 -- 171, etc.
HEMOGLÓBINURIA PARAPLÉGICA — (Também paraplegia he- moglobinúrica) Qual a doença que provocou este estado? Intoxi- cação? Nefrite?	
HEMORRAGIA — Declarar a séde e a causa da hemorragia. Esclar- recer se foi resultado de violência.	
HEMORRAGIA INTERNA — Declarar a causa que provocou este estado.	
HEMORRAGIA INTESTINAL — Declarar a causa: Traumática? Parasitária? Ulceração proveniente de febre tifoide? Intoxica- ção? Ferimento penetrante? Invaginação? Estrangulamento herniário? Lesões orgânicas das paredes? Estados septicêmicos? Tuberculose? Desinterias? Parasitas intestinais? Colites? Ulce- ras? Embolia ou trombose das arterias mesentéricas? Varizes? etc.	

HERNIA DIAFRAGMÁTICA — Congênita?	91 c.
ICTERICIA — Ver sindrome ictérico.	94 — 69
IMPEDIMENTO DA RÓTULA — Luxação? Traumatismos?	Grupo XVII
INCAPACIDADE ORGÂNICA — Precisar a causa.	
INDIGESTÃO ESTOMACAL, POR SOBRECARGA — INDIGESTÃO POR SOBRECARGA — Quando causarem a morte devem ser enquadradadas nas intoxicações por alimentos. Caso contrário em perturbações da digestão.	269 — 82
INDETERMINADA — Não sendo possível determinar a causa da morte, recorrer a necropsia.	
INFECÇÃO SEPTICA — Declarar a causa deste estado. Se a infecção está localizada, indicar a séde.	
INFLAMAÇÃO — Esclarecer. Trata-se de um sintoma apenas. Lesão ou ferimento traumático? Precisar a doença.	Grupo XVII
INSUFICIÊNCIA — Evitar a declaração da simples insuficiência dos órgãos.	
INSUFICIÊNCIA CARDÍACA — Evitar este termo. Declarar a doença que a provocou.	
INSUFICIÊNCIA HEPÁTICA — Evitar este termo. Especificar.	
INSUFICIÊNCIA RENAL OU CARDIO RENAL — Especificar: nefrite crônica (insuficiência renal ou cardíaco renal).	

INSUFICIÊNCIA VALVULAR — Declarar a válvula atingida. Endocardite crônica.	59
INTERVENÇÃO CIRÚRGICA — Não declarar a intervenção cirúrgica praticada e sim, a doença que a indicou.	
INTOXICAÇÕES DIVERSAS — Precisar qual a intoxicação ou envenenamento.	267 a 272
INTOXICAÇÃO VERMINÓTICA OU VERMINOSA — Classificar nas helmintiases e não nas intoxicações.	27
INVAGINAÇÃO INTESTINAL — Ver	87
INSOLAÇÃO — Ver calor excessivo.	284
INDIGESTÃO GAZOZA — Aérocolia. Rotular nas cólites ou nas enteralgias. São determinadas pelo espasmo que imobilisa o ar sob alta tensão, em diferentes pontos do tubo intestinal.	86 — 82 b.
IRRITAÇÃO GASTRO-INTESTINAL — Evitar este termo.	
LESÃO CARDÍACA — Declarar a verdadeira lesão. Pericardite? Endocardite? etc.	Grupo IV
LESÕES NERVOSAS — Precisá-las.	Grupo XIII
LESÕES TRAUMÁTICAS — Classificá-las. Grupo XVII.	291
LINFANGITE — Linfangite ulcerosa do cavalo?	14
LUXAÇÕES DIVERSAS — Classificá-las.	295 a.

MAL DO GARROTE — MAL DA CRINEIRA — Deve-se enquadrar como uma piodermitite, pois, em geral, a inflamação supurativa instala-se na pele e no tecido sub-cutâneo, embora possa evoluir atingindo o ligamento supra espinhoso cervical e as cartilagens que revestem o ápice das apofises espinhosas.	152
METEORISMO — Aérocolia. Ver colite ou enteralgia. Pode tambem a causa primária ser aerofagia.	82 b. — 86 60
MIOCARDITE — Declarar se é aguda ou crônica.	83
MISÉRIA FISIOLÓGICA — Alimentação insuficiente? Inanição? Miséria? Sêde?	282
MORTE NATURAL — Evitar este termo. Declarar a causa, mesmo que seja provavel.	Grupo XVI
MORTE VIOLENTA — Declarar a natureza da violência.	294
NAFEGO — Citar a lesão traumática do osso.	
NECROSE — Declarar a localisação e a doença que a provocou.	
NEFRITE PARENQUIMATOSA — Aguda ou crônica? Resultou de alguma doença infecciosa?	168
NEFROPATIA — Evitar este termo.	87
OBSTRUÇÃO INTESTINAL — Declarar a causa.	271
OFIDISMO —	

OPERAÇÃO CIRÚRGICA — Indicar a doença que motivou.	187
OTITE — Declarar se é média.	
OVAS — OVAS ARTICULARES — OVAS MOLES — Ovas articulares — ver hidrartoses. Ovas moles — ver hidropsias ou sinovites tendinosas.	257 — 251 42 — 148
PAPILOMAS —	Grupo XIII
PARALISIA — Declarar a natureza, causa e séde da lesão.	
PARALISIA DOS POSTERIORES — Tripanosomiase? Origem bulbo-medular?	242 — 20 a.
PARAPLEGIA — Declarar a causa, natureza e séde da lesão. Infeciosa, toxi-infeciosa, parasitária.	Grupo XIII Grupo I
PERFURAÇÃO INTESTINAL — PERFURAÇÃO DA BEXIGA — Declarar a causa que provocou este estado.	298
PERITONITE — Declarar a causa. Especificar quando for puerperal, traumática, etc.	Grupo XVII
PICADA — De serpente? De inseto? Ferimento perfurante? Perfuro cortante? Transfixiante?	271
PIOLHO — PIOLHO DE GALINHA — Hematopinose — Tricodectose — Acariase dermanissica.	32 — 33 — 34
PIEMIA OU PIOEMIA — Ver septicemia.	
PLEURISIA EXSUDATIVA FRANCA — Preferir a classificação pleurisia purulenta ou hemorrágica, conforme for o caso clínico.	113 b, c.

PLERO-PNEUMONIA — Classificar no título da doença mais importante.	
PNEUMONIA — PNEUMONIA DUPLA — PNEUMONIA FRANCA — Aguda? Outra doença infecciosa?	11
QUEIMADURA — QUEIMADURA DA SOLA — (Sola aquecida). Ver.	163
QUISTO FIBROSO —	42
RAÇA — Fenda da parede do casco.	156
RETENÇÃO DA URINA — Declarar a causa que provocou este estado. Cistite? Litíase renal? Cólica nefrética?	170 — 171
REUMATISMO — Agudo ou crônico?	46
RUTURA DE ANEURISMA — RUTURA DO CECUM — RUTURA DO CORAÇÃO — RUTURA DO DIAFRÁGMA — RUTURA DO ESTÔMAGO — RUTURA INTESTINAL — Classificar em	298
SABULOSE — De sabuloso ou sabulosa, que tem areia, areiento. Dizem também salblose. Ingestão de areia. Oclusão intestinal.	87
SEIMA — Fenda da parede do casco.	156
SEM CAUSA MORTIS — Morte de causas não especificadas ou mal definidas.	290
SENILIDADE — Declarar a doença que causou o óbito.	54 — 57 — 58 — 59

SEPTICEMIA — Declarar a causa que provocou. Estreptocócica? Es- tafilocócica? Pneumocócica? Puerperal?	9 — 10 — 11 — 12 — 220
SEPTICEMIA HEMORRÁGICA — É moléstia infecciosa dos bovi- nos, causa pelo <i>Bacillus boviseplicus</i> (<i>Bacillus bipolaris</i> , <i>bac- tria ovoide</i> ou <i>pasteurella</i>). V. Moussu, pág. 369.	
SÍNCOPE CARDÍACA — SINCOPE CÁRDIO-PULMONAR — De- clarar a causa. É enorme o número de atestados de óbitos com a declaração apenas de síncope cardíaca! São causas da síncope, de acordo com a divisão de Lian: 1.º — <i>causas cárdio- aórticas</i> : afecções cárdio-aórticas; pericardites com derrame; en- docardites malignas; insuficiência aórtica; miocardites agudas; aortites, etc.; 2.º <i>causas vasculares</i> : grandes hemorragias; ane- mias graves; retirada rápida de grandes derrames da pleura ou do peritonio; 3.º — <i>causas nervosas</i> : afecções bulbares, grandes dores; 4.º <i>infecções e intoxicações</i> : febre tifoide; clorofórmio, etc.	59
SOBRE CANA — SOBRE QUARTELA — Ver exostoses e hiperosto- ses.	260
SOBRECARGA ALIMENTAR — Gastralgie? Enteralgia?	82 a, b.
SUPURAÇÃO — Declarar a causa. Termo vago.	
SURMENAGE — Fadiga — Auto-intoxicação — Doença de nutrição.	54
TIMPANITE AGUDA — Aérocolia. Colite ou enteralgia.	82 a, b.
TORSÃO DO COLON — Enteralgia. Oclusão intestinal.	82 — 87

TOXEMA POR VOLVULO — Declarar o envenenamento ou intoxicação que provocou, classificando no grupo XV.	
TÓXICO OFIDICA — Ver ofidismo, ataque de animais venenosos.	271
TRAUMATISMO — Classificar de acordo com o grupo XVII.	271
TRAVAGEM — Ver palatite.	74
TUBERCULOSE — Indicar si se trata de tuberculose generalizada ou localizada. Indicar a séde.	1
TUMEFAÇÃO — Qual a causa que está provocando?	
TUMOR — Benigno? Maligno? Espécie, localização e séde.	41 — 42
ÚLCERA — Declarar a sede e a causa.	
UREMIA — Declarar a causa da uremia. Foi devida a uma nefrite puerperal? Nefrite aguda?	
VELHICE — Declarar a doença que causou o óbito.	
VERMINOSE — Declarar o verme.	27
VERRUGAS — Dermatite verrucosa;	148
VÖLVULO — Invaginação intestinal. Oclusão intestinal.	87

Unguento de Pellíol vet.

para a epitelização rápida de superfícies com feridas e para o tratamento de eczemas e afecções cutâneas.

Yatren vacina

Contra o Garrotilho (Adente)

Vacina preparada com culturas de inumeros estreptococos da adenite com adição de YATREN. — Frascos de (25) c.c.

Tonofosfan - Vet.

injeção fosfórica contra raquitismo, osteomalacia, enfraquecimento cardíaco, lumbago do cavalo e perturbações do metabolismo. — Caixa com 5 amps. de 10 c.c.

Yatrenet-v.e 104.

estimula a resistência, favorece a cura e evita complicações, indicada para a terapêutica de processos inflamatórios subagudos e crônicos, para estimulação da função de defesa geral do organismo nos flemões, abscessos, fistulas, panaricios, etc. — Vidros de 25 e 50 c.c.

»Bayer«



RELAÇÃO IMUNOLOGICA ENTRE O VIRUS DA ENCEFALOMIELITE EQUINA, ISOLADO NA BAÍA

VIRUS RÁBICO — NOTA PREVIA

RAYMUNDO CUNHA

Do Instituto de Biologia Animal

Em trabalho anterior, ficou demonstrado não haver imunidade cruzada, entre os virus da Encefalomielite Equina "Este" e "Oeste" e o virus isolado na Baía. Salientamos então a necessidade de um estudo comparativo com outros virus neurotrópicos.

Continuando nossos trabalhos com o virus "Baía", realizamos provas de imunidade cruzada com virus tipo Venezuelano, obtendo resultados negativos.

Quer pelo fato de não crescer na membrana corioalantoide, quer por outras particularidades que serão discutidas oportunamente, tivemos nossa atenção voltada para o virus rábico.

Estudos de imunidade entre estes virus e o da Encefalomielite, isolado na Baía, foram então realizados. Para tal, dois tipos de provas, foram efetuados: provas sorológicas e provas de imunização.

PROVAS SOROLOGICAS — Dois coelhos eram imunizados com um dos virus. Por sangria, obtinha-se o seu sôro que era colocado em presença de diferentes emulsões de virus rábico fixo (amostra do Instituto Pasteur) e virus "Baía".

Após ligeiro contacto, a mistura sôro mais emulsão de virus era inoculada por via intracerebral em camondongos.

Diluições de virus correspondentes em agua fisiológica eram inoculados em camondongos testemunhos.

Desta maneira, pôde ser demonstrado:

- 1.º) A presença de anticorpos tanto para o virus rábico como para o virus Baía, no sôro de coelhos imunizados com virus rábico.
- 2.º) a presença de anticorpos tanto para o virus Baía como para o virus rábico, no sôro de coelhos imunizados com virus Baía.

PROVAS DE IMUNIZAÇÃO — Estas provas foram realizadas em camondongos que eram imunizados por varias inoculações intraperitoneal de um vírus, com um determinado intervalo, estes camondongos eram divididos em dois grupos e inoculados por via intracerebral, um com o proprio vírus, o segundo com o outro vírus. Mais um certo intervalo e os camondongos que haviam sido inoculados por via intracerebral com o proprio vírus que servia para sua vacinação, eram agora inoculados, tambem por via intracerebral, com o outro vírus.

Assim, poude verificar-se que:

- 1.º) camondongos inoculados intraperitonealmente com vírus rábico e depois inoculados por via intracerebral, com vírus rábico e vírus Baia, resistem melhor ao vírus rábico do que ao Baia. A resistencia do vírus Baia é grandemente aumentada, si os animais recebem antecipadamente, uma inoculação intracerebral, com o proprio vírus rábico fixo.
- 2.º) camondongos inoculados intra peritonealmente com vírus Baia e posteriormente inoculados com vírus Baia e vírus rábico, por via intracerebral, resistem bem e da mesma forma aos dois vírus. A inoculação intracerebral de vírus Baia aos camondongos anteriormente inoculados com este vírus, por via intraperitoneal manteem a excelente resistencia, já demonstrada, à inoculação de vírus rábico.

NOTA

O trabalho apresentado é consequencia da nossa visita ao Estado de São Paulo, no inicio de julho do corrente ano, em serviço de polícia sanitaria animal.

No nosso dever funcional, como chefe da Secção responsável pelos estudos de patologia da Sub-Diretoria dos Serviços de Remonta e Veterinaria, procuramos ter em dia e informar sobre questões ainda duvidosas ou controvertidas.

A contribuição que publicamos é de autoria do DR. VITOR CARNEIRO, do Instituto Biológico de S. Paulo, estabelecimento sob a direção do sabio Rocha Lima.

O Instituto reune os melhores nomes da ciencia, dotado de vastos recursos, com ligação com os centros diferentes de pesquisas e seus membros viajam seguidamente para o exterior pesquisando e atualizando conhecimentos.

O trabalho encerra, no aspecto da veterinaria militar, valiosa contribuição ao estudo dos multiplos aspectos da encefalomielite infecciosa dos equideos.

Capitão Waldemiro Pimentel — Chefe da 1.^a Secção da 2.^a Divisão.

ROTEONNA

A rotenona oferece a estranha particularidade de ter permanecido oculta, nos bosques das regiões tropicais, por mais de 300 anos, sendo conhecida apenas pelos indígenas que dela se serviam para pescar. Ainda no ano de 1930 o comércio em raízes de plantas contendo rotenona quasi que não existia, enquanto que em 1940, só os Estados Unidos importaram 3 milhões de quilogramas deste produto, em bruto ou pulverizado. Este fato representa um dos mais rápidos avanços na história da agricultura.

Este acontecimento é de enorme importância no campo da solidariedade do continente americano, visto que as plantas que produzem a rotenona não crescem nos Estados Unidos, enquanto que são abundantes na América do Sul, oferecendo assim as possibilidades de vir a desempenhar um papel importante na crescente expansão comercial inter-americana.

Em face da tardia descoberta das propriedades destas plantas interessantes da selva tropical, o homem primitivo pode olhar com desdém para a nossa civilização. Séculos antes que nós soubermos que o seu veneno podia ser utilizado para matar os insetos que atacam a alimentação do homem, já os indígenas das regiões tropicais da América, Ásia e África, dele se serviam para atordoar os peixes e apanha-los com facilidade.

Em 1665, o explorador Rochefort observou que os indígenas das Antilhas se serviam de uma madeira que cortavam em pedaços e lançavam nas lagunas onde havia peixe. O botânico francês Aublet escreveu em 1775, que os indígenas da Guiana francesa usavam como veneno para os peixes, uma planta denominada *nicou*. O viajante inglês Hilhouse, em 1834, viu como os indígenas da Guiana inglesa usavam a planta *haiari* da mesma forma, juntando que a cortavam em pequenos pedaços, a mergulhavam em água e que dos seus barcos deitavam o líquido leitoso obtido nas águas dos lagos ou rios. "Em uns dois minutos", diz Hilhouse, todo o peixe em volta sobe à superfície, onde os colhem à mão ou os ferem com as setas. Um pé cúbico sólido de raízes envenenam um acre de água, ainda mesmo quando a corrente é forte.

A quantidade do peixe não fica prejudicada, nem se decompõem mais rapidamente que os pescados com redes".

Atualmente, como é natural, o uso de venenos para pescar é ilegal na maior parte dos países, pelo fato de que destrói toda a vida animal na água, porém a utilidade destas plantas para matar insetos tem ainda maior importância.

O veneno propriamente dito consiste de rotenona e de substâncias semelhantes, chamadas rotenoides. É um composto incolor, cristalino, que, em forma de pó, parece branco. É um produto agrícola que não parece que possa encontrar concurrentes sintéticos, visto que a fórmula da sua composição, apesar de ser conhecida, é tão complexa que há muito poucas probabilidades que possa ser preparada em um laboratório.

A rotenona encontra-se no estado sólido nas raízes secas de certas plantas da família dos feijões que se encontram em quasi todas as regiões tropicais. Algumas produzem rotenona em quantidade insignificante; outras até 12 por cento.

Das plantas que produzem rotenona, apenas duas espécies são de importância na produção, a *Derris* no Extremo Oriente e a *Lonchocarpus* das Américas Central e do Sul. É esta última a que mais nos interessa, e dela, principalmente dois dos seus membros; o *cube* do Perú, e o *timbó* do Brasil, plantas estas que atualmente produzem a maior parte do comércio inter-americano em rotenona. A *haiari* e a *nicou* das Guianas, mencionadas anteriormente, são de pouca importância. Os povos de língua espanhola da América Latina costumam chamar *barrasco* a todas as plantas venenosas para os peixes, quer contenham rotenona ou não.

A descoberta de que alguns venenos para peixes são também inseticidas, data provavelmente de há séculos; mas não existiam dados positivos sobre essa ação até há relativamente pouco tempo. Em 1848 foi anunciado oficialmente o uso da *derris* como inseticida na Malaca inglesa; mas havia muito tempo que os chineses a usavam para matar os insetos nas suas hortaliças. Em 1909, o botânico Bryant viu que alguns zulús africanos usavam para matar os piolhos um extrato proveniente das folhas de uma certa espécie de *Tephrosia*, planta relacionada com o *Derris* e o *Lonchocarpus*. Em 1910, o *cube* foi usado para destruir os carapatos das lhamas do Perú.

Segundo as primeiras descrições feitas em Inglaterra sobre o uso do *derris* como inseticida na Malaca inglesa, alguns fabricantes químicos daquele país começaram a preparação de inseticidas líquidos com extrato de *derris*. Estes produtos, que se vendiam sob os nomes de respectivas marcas de fábricas, apareceram em Inglaterra em 1911, e pouco tempo depois nos Estados Unidos. Na sua maior parte eram recomendados para combater os ofídios e insetos dos animais, principalmente piolhos. Mesmo para estes parasitas, os primeiros inseticidas das raízes de *derris*

não alcançaram um grande uso, em parte porque eram variáveis e incertos na sua eficácia. Foi apenas 20 anos mais tarde, depois de minuciosas investigações químicas, que os inseticidas preparados com base de derris puderam ser considerados eficazes.

A urgente necessidade de um inseticida que não deixasse resíduos inconvenientes nas frutas enviadas para o mercado, serviu de estímulo para que os entomólogos estudassem detidamente o derris, e o seu valor para combater certos insetos das plantas foi rapidamente estabelecido. A sua popularidade cresceu com rapidez e de 1932 a 1940, a importação de raízes de derris aumentou de 17.000 quilogramas para 1.460.000 quilogramas — 84 vezes mais!

Hoje, a eficácia da rotenona contra os diversos parasitas está definitivamente estabelecida. É de 15 vezes mais tóxica que a nicotina quando é usada para espargir os afídios; e 25 vezes mais tóxica que o cianeto de potassio para os peixes vermelhos. No entanto, há uma grande variação nos seus efeitos sobre os diversos insetos. Muitos veraneantes gostarão de saber que as larvas do mosquito sucumbem a 5 partes de rotenona para 1.000.000 de partes de água. Pela sua parte, uma lagarta dos Estados Unidos, a *Cirphis unipunela* come-a com prazer, ou, pelo menos, sem dar indícios que lhe faça mal; e há várias brocas, ou insetos fureadores que se vingam do gênero humano atacando as raízes secas do derris e do cube, em depósitos, reduzindo-as a pó e fazendo-lhes perder uma grande parte do seu valor.

Em muitos respeitos é um inseticida ideal, porque é extremamente tóxico para os animais de sangue frio e relativamente inofensivo para os animais de sangue quente — 30 vezes mais venenoso que o arseniato de chumbo quando é dado aos bichos de seda, e trinta vezes menos venenoso quando é dado, por exemplo, aos coelhos. Isso é uma circunstância muito feliz, não só para os coelhos, mas também para os seres humanos, pois isso quer dizer que couves, couve-flor, feijão, ervilhas, e muitos outros legumes, podem ser tratados com rotenona sem qualquer mau efeito para aqueles que com elas se alimentem.

Ainda que os entomólogos tenham experimentado os inseticidas com rotenona em cerca de 800 espécies de insetos e os tenham encontrado eficazes contra muitas espécies, o seu uso é recomendado apenas para algumas. Mais longos estudos talvez alarguem a sua esfera de ação. Porém, os inseticidas de rotenona já são usados atualmente para combater muitas pragas bastante destrutivas, entre as quais o afídio e broca das ervilhas, lagartas das couves, pulgas, moscas, piolhos e moscas do gado.

No seu estado normal as plantas que produzem rotenona são grandes plantas trepadeiras, lenhosas, com forma de arbusto até aos quatro anos, podendo depois chegar ao topo das árvores al-

tas. Quando são cultivadas, as raízes são geralmente colhidas quando a planta tem 2 ou 3 anos de idade. Para que se desenvolvam bem, precisam de um clima tropical com uma precipitação pluvial não inferior a 2 metros por ano.

Nos principais países produtores, o *Lonchocarpus* é cultivado em plantações de áreas variáveis, frequentemente perto das residências. Killip e Smith, dois exploradores americanos que foram ao Perú, pouco antes da rotenona chegar a ser um produto comercial, dizem que os terrenos em cultivo, ou *barbascales* variavam muito em extensão, desde os de apenas 25 ou 100 plantas, com o fim de satisfazer os requisitos de pesca de uma única família de indíos, até as grandes plantações de até 10.000 pés. Atualmente colhem-se grandes quantidades de raízes de plantas silvestres, em adição às das provenientes dos terrenos cultivados.

Os indígenas costumavam fazer a reprodução enterrando um pedaço do caule, com uns 30 cm. de comprimento a uma profundidade de 5 ou 7 cm, agora está-se usando praticamente o mesmo princípio, ainda que na Estação Experimental Agronômica de La Molina, Perú, se tenha imaginado processos mais científicos para a seleção e plantação das estacas. No Perú a plantação costuma fazer-se em setembro ou outubro e as plantas alcançam uma altura de 1,20 metro no primeiro ano, 1,50 m. no segundo ano, e 2,40 m. no terceiro ano.

Uma das dificuldades que esta cultura apresenta é a das herbas. Para as combater, usam-se plantações intercalares de mandioca, feijão e ananás, que, além disso, tornam a exploração do terreno mais lucrativa. As raízes são colhidas ao fim do segundo, terceiro e quarto anos, habitualmente durante a estação seca. Os dados disponíveis sobre o rendimento e conteúdo em rotenona das raízes não merecem grande confiança, no entanto são o bastante para indicar que, em certas condições favoráveis, a cultura pode ser lucrativa.

O cube, o timbó e derris são importados nos Estados Unidos principalmente na forma de raízes secas, com as quais se produz o pó inseticida comercial. As raízes em bruto são finamente moídas em moinhos especiais, e o pó resultante misturado com barro ou talco para formar uma mistura contendo 1 por cento de rotenona ou menos. A maior parte dos pós de comércio contêm apenas de $\frac{3}{4}$ a 1% de rotenona. Nesta proporção, o pó é eficaz contra as lagartas das couves, os afídios das ervilhas e muitos outros vermes. Para matar as moscas, usam-se extratos das raízes dissolvidos em safrol, alco-fenois ou outros dissolventes, misturados em querozene. Ao extrato de cube junta-se muitas vezes extrato de iurema, por esta mistura ser extremamente eficaz.

O uso de todas as plantas que produzem rotenona é provável que aumente. A rotenona e os produtos dela derivados são eficazes para a destruição de uma grande variedade de insetos

agrícolas e domésticas, não afetam o homem ou animais domésticos, exceto em concentrações muito elevadas, podem ser aplicados sem perigo às mais delicadas plantas e não deixam resíduos tóxicos nas frutas ou hortaliças, que sejam perigosos para aqueles que as consumam.

Em 1940, os Estados Unidos importaram 1.000.000 de quilos de raízes de cube em bruto, provenientes do Peru, com um valor de 0185.840, ou seja um preço médio de $8\frac{1}{2}$ centavos por libra. Além disso, foram importados 176.000 quilos de raízes de timbó em bruto e 30.000 quilos de raízes de timbó pulverizadas do Brasil, e 33.600 quilos de raízes de barbasco em bruto da Venezuela — num total de 1.517.000 quilos. Isto é um pouco mais que os 1.460.000 de raízes de derris em bruto, importadas da Malaca inglesa, Indias Holandesas, Filipinas e outros países.

Em 1937 e também em 1938, as raízes de derris constituíram apenas 24 por cento do total de raízes contendo rotenona importadas nos Estados Unidos. Em 1939, 43 por cento destas importações era de raízes de derris e quasi 50 por cento em 1940. Assim, pelo menos até há muito pouco tempo, as raízes americanas estavam perdendo terreno em relação à derris do Extremo Oriente, no mercado norte-americano. A causa deste fato encontra-se em que os importadores neste país pensam que o conteúdo de rotenona é mais elevado nas raízes de derris que nas de cube ou timbó. Nas Indias holandesas, assim como em Malaca, têm-se feito grandes progressos no sentido de aumentar o conteúdo em rotenona de derris. Há uns dez anos, a maior parte destas raízes não continham mais de 1 a 2 por cento de rotenona, enquanto que atualmente há raízes contendo 10 ou 12 por cento. Este aumento foi conseguido por meio de uma cuidadosa seleção de raízes de elevado conteúdo em rotenona e da sua propagação.

Estes trabalhos de seleção não têm até agora, sido feitos com tanto perfeição na América do Sul; não há porém motivos por que não possam ser feitos. Na Estação Experimental Agrícola de Mayaguez, Porto Rico, tem-se colecionado vários centenares de espécies e variedades de barbasco. Na maior parte delas o conteúdo em rotenona é pequeno, mas algumas contêm grandes quantidades de veneno, podendo por isso constituir explendidas bases para serem propagadas e exploradas neste Continente.

Tem-se provado com numerosas experiências que o poder da rotenona é igual, quer provenha do barbasco sul-americano ou da derris do Oriente. A única diferença consiste na proporção de rotenona contida nas raízes. Com os Estados Unidos interessados na intensificação do comércio e indústrias deste Continente, e com as crescentes dificuldades que se encontram nas importações do Extremo Oriente, parece que a cultura de plantas produtoras de rotenona, cuidadosamente selecionadas nas regiões tropicais da América Central e do Sul, deverá constituir um empreendimento remunerativo.

SEGUREM SEUS PREDIOS, MOVEIS E NEGOCIOS

NA

Companhia de Seguros Aliança da Baía

*A MAIOR COMPANHIA DE SEGUROS DA AMERICA
DO SUL, CONTRA FOGO E RISCOS DE MAR*

Em Capital e Reservas: Rs. 62.810.442\$201

CIFRAS DO BALANÇO DE 1941:

Responsabilidades	Cr. \$ 4 748 338	249,78
Receita	Cr. \$ 34 198	834,90
Ativo em 31 de Dezembro	Cr. \$ 91 862	598,37

SINISTROS PAGOS NOS ULTIMOS 10 ANOS

— Cr\$ 52.215.902,10 —

— :o: —

Diretores:

Dr. Pamphilo d'Ultra Freire de Carvalho

Epiphanio José de Souza

Dr. Francisco de Sá

— :o: —

Agencia Geral:

RUA DO OUVIDOR, 66 — (Edificio Proprio)

Telefones: 23-2924 — 23-6164 — 23-3345

Gerente: ARNALDO GROSS

DISCURSO PRONUNCIADO PELO ASPIRANTE VETERINARIO DA RESERVA, VICENTE LEITE XAVIER

Em primeiro lugar, desejo expressar publicamente os meus cordiais agradecimentos a esta turma de Aspirantes aqui presente, mocidade ardorosa e viril, cuja excessiva benevolencia descobri na pobreza do meu verbo recursos para, em seu nome, manifestar a todos os militares desta Unidade o nosso agradecimento, bem como lhes apresentar as nossas despedidas.

Bem melhor, sem dúvida, fôra a escolha se os meus ilustres colegas não se deixassem influenciar pela sua inconfundivel bondade e pela simpatia e amizade que entre nós existem. Em todo o caso, recebi a ordem por vê-la unâmine e sincera; cumprí-la é, pois, o meu dever.

Senhores ! Ao transpormos os umbrais deste quartel tradicional e histórico e lermos as palavras de ordem inscritas em caractéres vivos no muro de uma de suas dependencias, sentimos um entusiasmo singular: é que aquela ordem escrita valeu-nos por um brado ardente da Pátria estremecida: "Cumpre o teu dever, aconteça o que acontecer".

Deste momento em diante, começamos a sentir as benéficas influencias do meio militar e já orgulhosos do uniforme que envergamos, comprehendiamos que neste novo ambiente não eramos somente os profissionais da vida civil, tinhamos uma responsabilidade a mais sobre os nossos ombros: o cumprimento do dever militar junto ao glorioso Exército Nacional.

Integrados nas funções inerentes ao nosso posto e orientados no sentido de uma adaptação tão perfeita quanto possivel ás peculiaridades e subtilezas da Veterinaria Militar, procuramos, cada qual no limite das suas forças, desincumbir-nos das tarefas que nos foram confiadas.

Os exemplos dos nossos chefes, a dedicação dos nossos superiores hierárquicos á causa da pátria, a disciplina consciente da caserna, tudo sempre foi para nós motivo de estímulo e da inaís viva satisfação.

E' salutar, Srs., para um espirito brasileiro bem formado, civil ou militarmente, contemplar de perto a abnegação dos nossos valorosos soldados, maximé neste momento quando o mundo em chamas é o palco tétrico de tragedias indescritiveis.

Seria despiciendo relembrar, em suas minúcias, diante de tão seletos ouvintes, as hecatombes, os horrores, as lágrimas e o caudal de sangue que empapa as terras de todas as longitudes e conspurca a esmeralda das aguas oceanicas, para se evidenciar a grande missão do Exército no momento que atravessamos.

Donos de invejaveis latifundios, geograficamente bem situados e compreendendo todas as variedades de clima; senhores de uma gleba uberrima e de um sub-solo opulentissimo; herdeiros de um patrimonio moral impoluto e sagrado, cumpre-nos, como já o disseram os nossos maiores, nesta hora dolorosa em que o direito da força ameaça a soberania dos povos, ascender o nosso valor patriótico, para que, embora através de renuncia e sacrificios, possamos conservar incolume e respeitado o pendão auriverde que simbolisa a amada patria brasileira.

Das florestas virgens do nosso setentrião aos campos temperados do Sul, assim como do lençol de areias niveas do litoral ás extremas regiões ocidentais do Brasil, todos, desde os caboclos humildes das palhoças — herois incognitos do nosso interior — até os cidadãos dos arranha-céos metropolitanos, devem, nestes dias de incerteza, estar alertas, para bem atenderem, no momento devido, ao apêlo da pátria.

Foi a compreensão deste dever, Srs., que nos trouxe até aqui. E viemos espontaneamente, sem objetivar outro interesse que não fosse oferecer o nosso modesto concurso á causa do Brasil.

A adaptação por que passamos constitua verdadeiramente uma necessidade, pois o carater práctico e expedito dos trabalhos técnicos no Exército é de molde a preparar o profissional para agir nas horas amargas das refregas, quando o máximo de eficiência tem que ser realizado no menor tempo.

E' nos campos de batalha ou próximo deles, onde tudo são penas e dificuldades, que se aplicam, em sua plenitude, os conhecimentos prodigalizados pela Veterinaria do Exército, e dificuldades encontrará, por certo, nessa emergencia, quem não se tenha instruido no ambito do quartel.

Seria pueril pensar numa balisa rígida entre a Veterinaria militar e a Veterinaria civil, pois ambas objetivam o mesmo fim e de algum modo se irmanam, confundem-se e se completam, porém, esta última, não encerra senão indiretamente as borrascas:

dos tempos de guerra, enquanto que aquela estuda com carinho o norte a seguir no momento arduo do troar dos canhões e do entrechocar de tropas, que se exterminam.

E é bem comprehensivel esta diferença de proceder: é que a Veterinaria Civil, no momento em que se acende a fogueira do "bellum", tem uma posição de retaguarda, donde pode prestar inestimaveis serviços á causa de sua pátria; a Veterinaria militar, na mesma conjuntura, ocupa obrigatoriamente um posto mais avançado, isto é, encontra-se dentre os que devem desferir ou rebater os primeiros golpes.

Sobre esta verdade repousa a principal razão do nosso es-tágio: aprender a agir nas linhas de vanguarda, nas quais os imprevistos e as surpresas se multiplicam e se sucedem.

E essa aprendizagem, acabamos de receber-la no recinto desta brilhante unidade, que é o quartel dos Dragões da Independencia. Assim sendo, Srs., ingratos fôramos, se nos retirassemos da casa que tão amavelmente nos acolheu e onde haurimos os mais uteis conhecimentos, sem dizermos aos que a dirigem as palavras sinceras do nosso agradecimento. Por isso, Sr. Cel. Comte., desejamos confessar o mais vivo reconhecimento pelo muito que fizestes em nosso favor, quer diretamente, quer por intermédio dos vossos auxiliares.

Agradecemos, cheios do mais fervente penhor, a vós e a todos os brilhantes oficiais deste Regimento, as reiteradas provas de consideração que nos prestaram, bem como os ensinamentos proveitosos que generosamente nos ministraram.

Os gestos cavalheirescos e a aproximação amiga e fraterna que mantiveram conosco os oficiais do Efetivo desta Unidade serão para nós motivos de gratas e indeleveis recordações.

Seja-me permitido, Sr. Cel., lembrar aqui os nomes do Sr. Cap. Jocelyn de Souza Lopes e dos Srs. Tenentes: Darcy Coimbra Chincoli, Roberto Sattamini Ferreira, Walter Pires de Carvalho e Albuquerque, Levy Lara e Euclides Monteiro de Barros, o primeiro Instrutor-Chefe e os demais instrutores-auxiliares da turma de Veterinarios-estagiarios.

Dedicado até á abnegação, o Cap. Jocelyn esforçou-se ao máximo para que houvesse um real aproveitamento por parte dos Aspirantes e para que o programa fosse integralmente satisfeito. Profissional competente, professor emérito, juiz integro, amigo leal, o ilustre militar captou a simpatia geral da turma, a quem, através das suas conferencias, mostrou, de modo claro e perfeito, a verdadeira feição militar da Medicina Veterinaria.

Os demais instrutores, pela eficiencia de suas aulas e pelo especial interesse que sempre demonstraram em transmitir-nos os seus invejaveis conhecimentos técnicos, muito merecem da nossa gratidão.

Sr. Comte., não entrarei em outras apreciações para não me tornar prolixo e porque não é do meu desejo molestar por muito tempo esta assistencia de escól. Peço-vos, por isso, licença para dizer-vos em nome dos 53 Aspirantes aqui presentes, que a nossa despedida não tem a significação que se lhe costuma dar, ao contrário, ela é apenas pragmática e simbólica. E assim é, porque nesta hora crepuscular de nossa vida histórica, a patria augusta e veneranda não permite que os seus filhos diletos se afastem do quartel. Isto é quanto basta para justificar o nosso pensamento: ela o determina, nós o cumpriremos. Entretanto, cabe-nos o dever de vos prestar uma satisfação: é o que ora fazemos. Aqui reunidos somos "cor unum et anima una" a dizer-vos que a nossa ausencia não significará partida, mas apenas obediencia, por quanto, na verdade, ali ou acolá em que estejamos, impõe-se-nos o dever sagrado de estarmos orientados para a caserna, onde os clarins transmitem mais cedo a palavra de ordem do Brasil.

Disse.

DISCURSO PRONUNCIADO PELO SR. CAPITÃO JOCELYN DE SOUZA LOPES — CHEFE DA F. V. R.

Momentos ha no decorrer de nossa existencia, que a expressão daquilo que sentimos não pode ser representada pelas palavras, porque este próprio dom do qual o homem é dotado nem sempre tem os meios apropriados a traduzir aquilo que conosco se passa. Apenas ha gestos, ha expressões gerais que de um modo imperfeito mesmo contorna-se na magnificencia do ambiente que nos cerca, no ar que respiramos, na irradiação do nosso mundo interior. Ai, a palavra é pequena. Perde um tanto do seu valor, porque ela pode quando muito emitir notas, mas nunca entoar hinos, verdadeiras harmonias que se evolam da nossa alma em festa. Essa alegria, esse contentamento eu sinto que se manifesta neste aura resplandescente, onde de um lado está a satisfação de um dever cumprido e doutro já se vislumbra como uma tenue névoa o começo de uma saudade.

Hoje termina aqui uma etapa. E' o encerramento de uma via latea que se traçou em bôa hora na história do Exército. E' o traço de união que irmana a força armada — o Exército ativo com o seu verdadeiro manancial de virilidade — a reserva. E' a força do Brasil que se cadeia nos quartéis, se prepara, fortifica e se levanta como uma só muralha. Assim, o nosso Exército enriquece a sua reserva com mais uma turma — a maior turma — de oficiais veterinarios reservistas.

Eles concluiram hoje a sua tarefa. E' a eles neste momento que me dirijo: E' justo, que se diga que me sinto satisfeito convosco. Satisfeito, — porque pude bem observar a nitida compreensão dos deveres da missão que vos propusestes a desempenhar.

Satisfeito. — porque pude bem de perto aquilatar do vosso espirito de desprendimento, disciplina e bôa vontade no decorrer da curta, mas intensiva programação do vosso estágio.

Ainda uma vez: satisfeito, porque verifiquei bem de perto o aprimorado grau de conhecimento de que são possuidores os veterinarios das novas gerações aliados a uma inexgotavel vontade de aprender.

Quando foi do primeiro contacto, frisei bem que a minha missão era apenas a de vos adaptar ao Exército. A tarefa de vos dar uma feição militar — porque bem e muito diversa é a nossa atuação na tropa. Disse que essa adaptação seria a primordial condição para o vosso aproveitamento, porque a parte do vosso preparo profissional não me competia ajuizar. E hoje posso afirmar que tinha bastante razão quando assim disse, porque tudo que aqui fizestes, — o vosso trabalho, a vossa passagem — ficarão bem gravadas porque os beneficios, como bronze podem esmaecer no tom mas não se deixar corroer pela voragem do tempo.

Meus senhores: — coube a mim pela terceira vez a insigne honra de ser designado para instrutor chefe dos estagiarios do serviço de veterinaria. Já em Escola Superior de Veterinaria, varias gerações de hoje provetos médicos — veterinarios, detentores de funções de relevo em diversos Estados, tive oportunidade de instruir, repartindo com eles os meus modestos conhecimentos. Agora, já bem perto de encerrar a minha carreira no Exército, pois sou dos que pensam que se deve ceder logar às energias mocas, foi-me dada esta felicidade de trabalhar convosco. A turma de estagiarios, numerosa, viril, brilhante aí está. Acudindo ao chamamento da Pátria, eles como todos os bons brasileiros vieram para a caserna para dividir com a nossa classe armada as responsabilidades do dia de amanhã. Ao lado do Exército ativo, eles formarão com o resto do povo brasileiro a nação em armas, a ufania do Brasil. Eles vieram enriquecer a nossa já vital reserva de mais um punhado de energias mocas e radiantes.. Robustos de espirito, de inteligencia e de alma. Grandes, eles serão tambem, unidos e coéos quando o clarim soar a hora do vosso batismo de fogo — cumprindo o seu dever no ambito de sua finalidade, eles não vacilarão tambem de enfileirar-se se preciso for, ao lado dos que empunham a espada ou o fusil na carga final. O valor do homem está na sequencia de seus atos e no desprendimento das cousas terrenas e materiais. Hombrear com heróis e adquirir o excuso aura de suas virtudes. Invoquemos os nossos antepassados gloriosos: Desde o selvicola abnegado, defendendo o seu sólo a golpes de tacape e de saraivada de flexas.

Guerreiros, gladiadores, seremos todos nós brasileiros — herdeiros da coragem indomita do potiguar valoroso e do carijó destemido. E só assim seremos dignos de uma morte honrosa.

A história dos tempos nos ensinou a saber defender o sólo

pátrio como os nossos antepassados a defenderam quaisquer que fossem os invasores.

— Esta turma aqui aprendeu a obedecer para saber ser obedecida. A eles procurei, cumprindo a minha missão, dar-lhes todo o esforço possível da prática do veterinário militar. E assim, colegas, eu não procurei mascarar as dificuldades que a cada momento se nos depara na vida quotidiana; não escondi também quanta luta tem de vencer o veterinário para poder bem desempenhar o seu trabalho vencendo as dificuldades naturais a despeito dos maiores sacrifícios. Ao lado destes inconvenientes, mostrei-lhes a satisfação que encontramos quando as nossas iniciativas são amparadas e acatadas pelos nossos Chefes. Nem os desalentos nem as fadigas devem vencer a nossa diretiva traçada.

Em todos os momentos dos 60 dias deste estágio dei aos estagiários trabalho em ambiente próprio, pondo-os em contacto do modus faciende de nossa missão, como se efetivos fossem. As antenas da F. V. foram aos Esquadrões e pelotões diretamente. Em presença dos chefes, eles souberam conseguir os meios de desempenho do trabalho. Cooperando, aconselhando, propondo, dirigindo o serviço entraram em contacto com o soldado. Souberam mandar, obtiveram a sua colaboração.

— Diante de vós, Sr. Cmt., diante de vós meus camaradas, está esta turma que se despede. Ela foi disciplinada e bôa; Ela deixará um vácuo nesta repartição e um indelevel traço de saudade. Mas em compensação, eu posso vos afirmar porque tive a felicidade de bem compreender a psicologia de todos: eles levarão deste Regimento uma saudade maior, porque a tradição dos Dragões da Independência tradição de hospitalidade e cavalheirismo mais uma vez se fez sentir. No Comando, nos instrutores, em toda a oficialidade eles encontraram a mão amiga que lhes estendia a dextra, irmanados na solidariedade de uma classe.

Não é de hoje felizmente que o veterinário desfruta já no seio do Exército o logar que lhe é de direito pelo muito que propugna pelo seu engrandecimento. Já no Exército se tem em conta a soma de benefícios trazida com o aperfeiçoamento e crescente melhora do nível intelectual desta classe que, no caso do veterinário militar, vem labutando sem esmorecimentos pela manutenção melhora e condicionamento do nosso cavalo de guerra.

Bem como o afirmou ainda ultimamente o Exmo. Sr. General José Pessoa, Inspetor da Arma de Cavalaria, num recente discurso: Ao lado da Cavalaria, a Arma que decide, deve haver a ajuda preciosa da Veterinária, o órgão técnico que auxilia o preparo dos meios locomotores, — o cavalo. "Eu vejo, — disse esse ilustre General e grande patriota — no Veterinário, o Técnico. Ele trabalha sempre: no laser da Paz, no tumulto da Guerra. Precisamos dar a ele os meios que precisa para bem desempenhar-se de sua árdua missão, se quizermos que produza: meios materiais,

meios científicos. Só assim a Veterinaria Militar no Brasil poderá marchar para a frente.

— x —

Precisamos, camaradas, fazer das nossas forças, uma muralha intransponível, capaz de resistir aos baques dos desanimos e das dificuldades. Sejamos capazes de despresar os sofrimentos e devemos ver sempre na ordem das cousas um motivo para triunfarmos. Nunca o desanimo deverá nos assoberbar. Em cada tropeço, mais um passo à frente e para a frente sempre.

Num corpo de tropa, nem sempre é melhor o profissional que cura. Nem sempre presta mais útil serviço o veterinario que apresenta o maior coeficiente de altas e baixas e que tem assim o seu mapa nosológico rico de alterações. É mais útil aquele que no silêncio do seu trabalho, apresente uma quasi totalidade de animais saudáveis, indenes de molestias, porque este profissional demonstra que seus cuidados preventivos são capazes de evitar o apagamento e a propagação de um mal. É prevenindo, destruindo os possíveis focos de progressão de molestias que se obtém o melhor resultado. Prevenindo, melhor que curando, porque é mais fácil prevenir que mesmo curar. Felizes são os que podem afirmar a inexistência de males que noutras localidades são comuns e em casos até constituem uma quasi calamidade. Vejamos o caso da "esponja". Houve época em que a esponja era tida e havida como um fantasma invencível e destruidor. Perante ela muitos esforços baquearam e em outros corpos de tropa ainda a esponja persiste na sua terrível devastação.

Neste Regimento, para nosso gaudio a esponja é uma quasi lenda. Aqui, apesar do habronema existir em apreciável número na mosca que pulula nos fócos de origem, apesar disso tudo a esponja não prolifera porque somos dos que crêem no irrefutável aforismo que é melhor prevenir que reprimir. E hoje, nesta solene reunião, eu quero invocar o nome de um colega que me impõe respeito e veneração porque a ele eu devo este estado sanitário dos nossos cavalos. É o hoje Major Carlos Bozon, o veterinario que como chefe desta F. V. R. durante doze anos ininterruptos aqui trabalhou, lutou e acabou com a esponja. Ao passar-me a chefia deste serviço, recomendou-me a sua obra digna de encomios. E mais uma vez, é com satisfação que eu posso dizer: cumpri o que a ele prometi. Posso afirmar que a esponja, — esse mal que só cede ao mormo — como o maior devastador dos nossos solipedes, não tem guarida neste Regimento, e isso eu o afirmo com prazer.

Meus senhores: — já estou me tornando por demais extenso e não quero fugir ao fim do principal motivo desta peroração.

Como veterinario, eu desejo dizer aos meus chefes e colegas do Regimento, que com os estagiários eu senti a satisfação de receber a manifestação em todos os atos da boa vontade de todos

e a cooperação eficaz do Comando, Cmts. dos Esquadrões e instrutores que nada nos negaram. E é com orgulho, como já disse, devo vos confessar que a gloriosa tradição de cavalheirismo dos Dragões da Independência se fez manifestar em todos os vossos atos. No momento em que ingressam na reserva do Exército 53 jovens oficiais veterinários, no mais agudo e difícil momento da nossa Pátria, na hora em que o nosso coração e nossa alma estão todos e inteiramente devotados ao Brasil, na ocasião em que a alma nacional agita-se num frêmito eletrizante do tão patriotismo, eu quero, Sr. Cmt., vos informar que seremos todos um só homem à sombra da vossa espada e do vosso mando para darmos à Pátria querida o holocausto do nosso sangue pela grandeza do nosso Pavilhão.

Na hora do perigo o Exército é o povo, é a nação em armas. Debaixo desta farda, palpita um só coração e dentro do nosso peito vibra a mesma alma — é a alma grande e generosa do brasileiro, que sabe amar e querer, mas sabe melhor eletrizar o inimigo na muralha de ferro onde baqueiarão mordendo o pó da derrota aqueles que ousarem macular a bandeira mais linda e mais querida de todos os povos.

Tenho dito.

Instituto Vital Brazil

AV. SETE DE SETEMBRO N.º 314

C. Postal, 28

NITERÓI, Estado do Rio

NO COMBATE DAS DOENÇAS DE
VOSSOS ANIMAIS EMPREGAI
PRODUTOS DE RECONHECIDA
EFICIÊNCIA

SOROS CONTRA

PESTE SUINA (BATEDEIRA)
CARBÚNCULOS HEMÁTICO E
SINTOMÁTICO
ADENITE EQUINA
(GARROTILHO)
FEBRE AFTOSA
CYNOMOSE ("ESGANÁ",
"DYSTEMPER")
PASTEURELOSES. E. t. c.

VACINAS

CÓLERA DAS AVES.
VARIOLA " "
FEBRE AFTOSA.
CARBÚNCULOS HEMÁTICO E
SINTOMÁTICO

Agências em todos os Estados:
RIO — Rua do Carmo, 66 — S. PAULO — Rua Xavier de Toledo, 144

BELO HORIZONTE — Av. Afonso Pena N. 1.500
SOLICITE O "INDICADOR VETERINARIO" N.º 5, de 1942

ENSAIO TERAPEUTICO

A SULFOZOAMIDA RESOLVENDO UM CASO DE QUERATITE AGUDA

Cavalo báio, então n. 6 desta Tropa, atualmente distribuído ao Cap. Vicente Saguas, crinalvo e caudalvo, com 5 anos de idade. Histórico: Há cerca de dois meses apareceu numa das báias desta Tropa, o citado cavalo apresentando forte conjuntivite ao exame objetivo, bem como trazia a pálpebra esquerda permanentemente cerrada.

Ao primeiro exame pareceu-me tratar-se de uma simples conjuntivite, com irritação da córnea, fazendo eu para o suposto caso lavagens de sôro fisiológico isotônico e colírio de óxido amarelo de mercúrio durante 5 dias sem que houvesse qualquer melhora, continuando o olho traumatisado e lacrimejar abundantemente e a conjuntiva injetada.

Lancei mão dos sais de prata sob a forma de colírio, tendo observado na câmara anterior do olho, forte depósito sanguíneo, estando a córnea completamente opaca.

Insisti na medicação a base de prata, sem que houvesse um resultado compensador. Iniciei um tratamento com o emprego de iodeto de sódio, por via oral e aplicações locais de colírio do mesmo iodeto, durante 10 dias, com resultado negativo.

A conselho de colegas mais esclarecidos, a quem consultara, empreguei com resultados surpreendentes a Sulfozoamida, por via endo-venosa, ampolas de 20 cc. em dias alternados, tendo verificado com a terceira aplicação a absorção total do depósito existente na câmara anterior do olho e a mancha da córnea que a cobria completamente reduzir-se de modo a prognosticar-se que, com as próximas

aplicações desaparecerá totalmente, ficando assim o animal com orgão visual perfeitamente íntegro.

Testemunharam as diversas fases do tratamento o Sr. Major Aristides Corrêa Leal, a quem devo a gentileza da orientação técnica do caso e a de me haver fornecido as ampolas de Sulfazoamida com que oblige tão supreendente resultado.

O Cap. Vicente Saguas, é, atualmente, ajudante de ordens do Exmo. Sr. General Almerio de Moura, a quem está distribuído o citado animal.

Tornou-se merecedor da minha gratidão o 3.º Sgt. Enf. Vet. Manoel Maurilio Veiga, auxiliar dedicado, colaborador eficiente do pleno êxito que consegui.

Rio, 30 de Dezembro de 1942.

MOACYR PINTO PACCA
2.º Ten. Vet. da Escolta da 1.ª R.M.



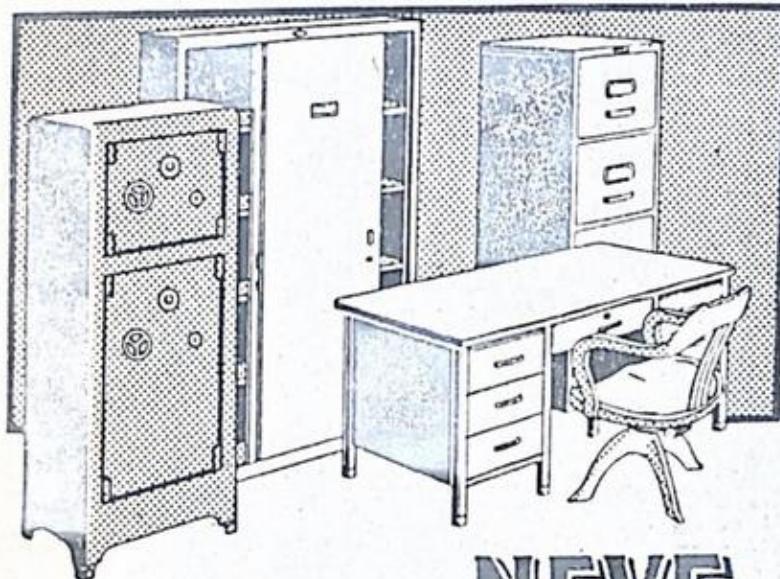
1.º Tenente ELYESER GOMES VALENTE

1.º TEN. ELYESER GOMES VALENTE

E' incontestavelmente um colaborador eficiente, que, pelo brilho da admiravel inteligência de que é dotado, da solidez da sua cultura geral e do discernimento que revela no desempenho das importantes funções correspondentes ao cargo que ocupa na S/D. S. D. R. V., tornou-se credor da confiança e do acatamento dos seus Chefes, e da amizade e admiração dos seus companheiros.

Tem estado à frente da Secção Administrativa da S/D. S. R. V. em uma das fases de trabalhos intensivos, e justamente quando as atividades destes Serviços do Exército têm se irradiado, nas suas manifestações multiformes, levando amparo moral e material aos nossos patrícios que se dedicam à equinocultura e ao hipismo nos mais longínquos rincões da terra brasileira.

E o tenente Elyeser, pondo sempre em evidência o seu insuperavel espírito de cooperação e a sua grande capacidade de trabalho, jamais encontrou dificuldade em resolver as questões que dizem respeito à sua Secção, mas que não deixam de ter influência decisiva nos êxitos que a Remonta tem obtido nos seus inúmeros empreendimentos de utilidade coletiva.



Os móveis de aço **NEVE**

Construídos para satisfazer 100% às exigências do "homem moderno", prático e previdente, são uma soberba afirmação da independência da indústria nacional.

INDÚSTRIAS NEVE LTDA.

Rua Rosa e Silva, 74 ★ São Paulo

FONES: 5-1322 E 5-1311

FICHA HIPODINAMICA

Esta ficha foi elaborada pelo então Capitão Veterinário ARISTIDES CORREA LEAL, que fez parte do Juri Técnico, composto dos então Coronéis ANOR TEIXEIRA DOS SANTOS, GAUDIE-LEI, Capitães CAMINHA e PAULO SERPA. Juri este que funcionou no Concurso de Cavalos de Armas, realizado pela 3.^a R. M. em 1938.

UNIDADE: 14.^º R. C. I.

GINETE: 1.^º Ten. MEDEIROS PONTES.

NOMES: S A C I.

RESENHA: Cavalo nº 220, barroso estrela corrida, nove (9) anos de idade.

EXAME DE URINA

PESQUIZAS DE GLICOSE: o

PESQUIZAS DE ALBUMINA: o

EXAME DE FEZES

OVOHELMINTOSCOPIA: -|--- (ovos de estrongilos)

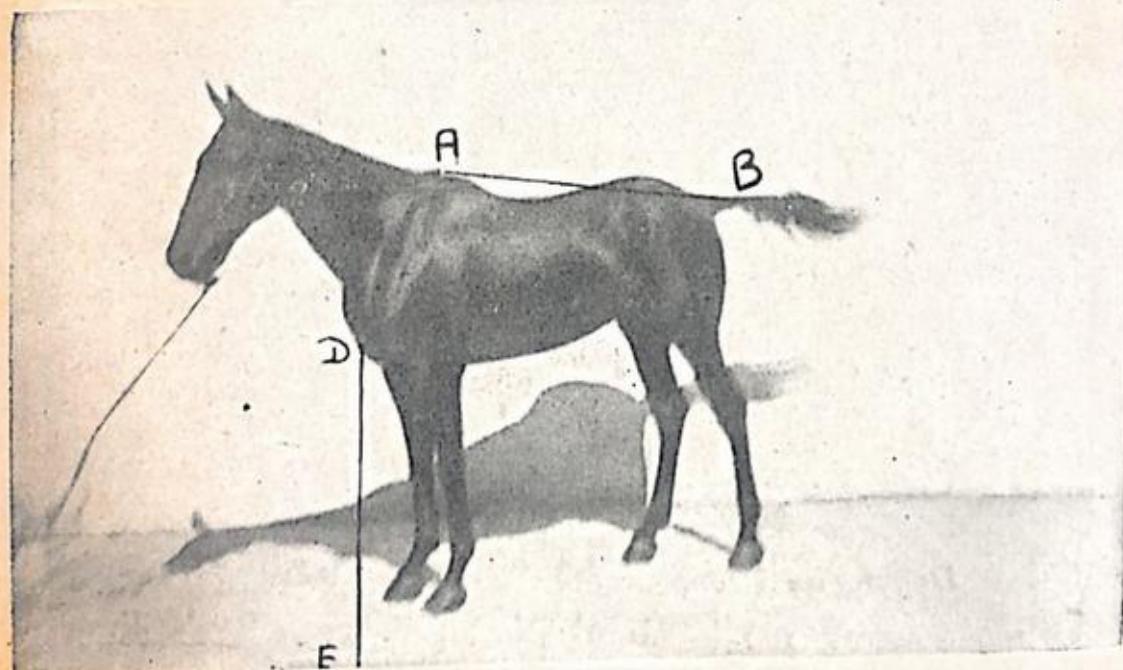
PESQUIZAS DE HELMINTOS ADULTOS: o

PESQUIZAS DE LARVAS DE GASTROFILOS: o

EXAME VETERINARIO

<i>Antes da prova</i>	Temperatura: 38º (
	Pulsões p.m: 44 (
<i>Depois da prova</i>	Respiração p.m 14 (Média
	Conjuntiva: Normal. (
	38, 2º (
	48 (
	20 (Média
	Normal. (

Ficha Hipodinamica





LINHAS HIPOMETRICAS

A.C.: 1m,56.

A.B.: 1m,65.

A.D.: 0m,93.

D.E.: 0m,92.

Altura: 1m,56.

Perímetro torácico: 1m,79.

Peso: 450 Quilos.

Índice de densidade: 8.

OBSERVAÇÕES

As linhas: A.C., que vai da Cernêlha à ponta do fôcinho, passando entre as orelhas; e A. B., que partindo do mesmo ponto — a Cernêlha — vai acompanhando a coluna vertebral até a ponta do sabugo, indicam a VELOCIDADE. E' considerado bom animal o que tem as duas linhas iguais, indicando maior velocidade aquele que acusar maior cumprimento na linha anterior do que na posterior.

A resistência é revelada pelas linhas: A.D., que parte do alto da Cernêlha e vai ao meio do peito, passando pela articulação escápulo-humeral; e D.E., que partindo do meio do peito cai perpendicularmente ao sólo. Maior resistência apresenta o animal que demonstrar superioridade no cumprimento da linha A.D. sobre D.E.

O peso do animal foi calculado pela fórmula seguinte:

$$P = C^3 \times 80$$

Em que P representa o peso vivo procurado, C , o perímetro torácico (elevado a 3.^a potência) e 80 um fator constante.

O índice de compacidade ou de densidade, foi tirado pela fórmula seguinte:

$$I.D. = \frac{P}{A - 100}$$

Em que as letras $I.D.$ representam o índice de densidade, P o peso em quilogramas e A a altura do animal.

Os exames de urina e de fezes foram realizados no LABORATORIÓ DE PESQUIZAS CLINICAS do D.M.V. de

3.^a R.M., pelo Aspirante Veterinário MILTON TIAGO DE MELO.

O exame de veterinário foi auxiliado pelo 1.^º Ten. Veterinário NELSON LAGROTA do IV/ 3.^º R.C.D. Estes cálculos foram feitos com aproximação; não houve rigorismo na aplicação das fórmulas.

ARISTIDES CORREA LEAL

Major Veterinário

Alfaiaaria Sterling

FACILITAM-SE OS PAGAMENTOS
RELOGIOS DE TODAS AS MARCAS

Variadíssimo sortimento de casemiras nacionais e
extrangeiras — Linhos de todas as cores —

CHIL STERLING

RUA BOA VISTA, 204 — 1.^º ANDAR

Fone: 3-2501

SÃO PAULO



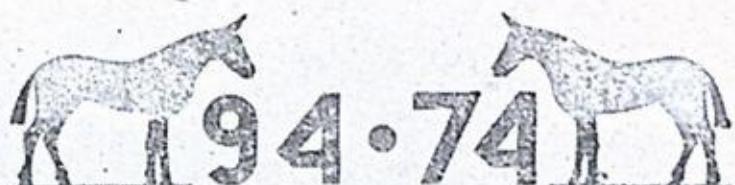
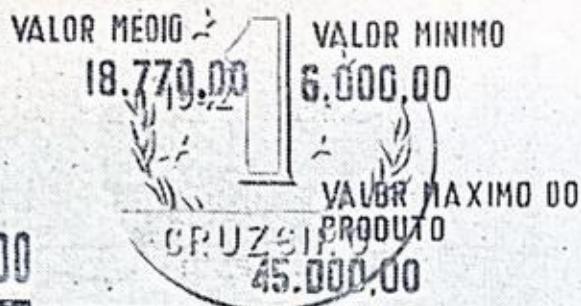
JOCKEY-CLUB BRASILEIRO

LEILÕES EFETUADOS DE ANIMAIS NACIONAIS DE 2 ANOS

1940

TOTAL DAS VENDAS

CR\$ 1.389.000,00



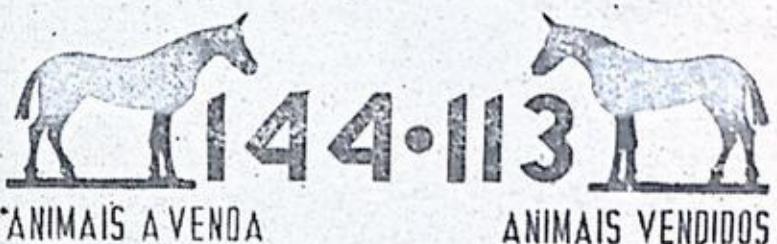
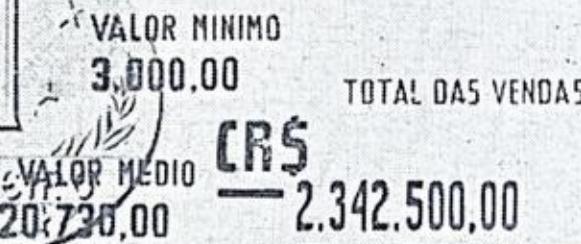
ANIMAIS A VENDA

ANIMAIS VENDIDOS

1941

TOTAL DAS VENDAS

CR\$ 95.000,00



ANIMAIS A VENDA

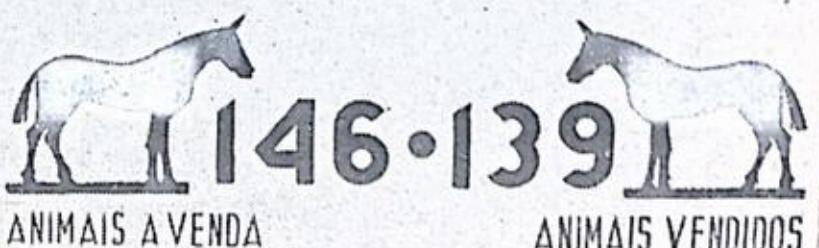
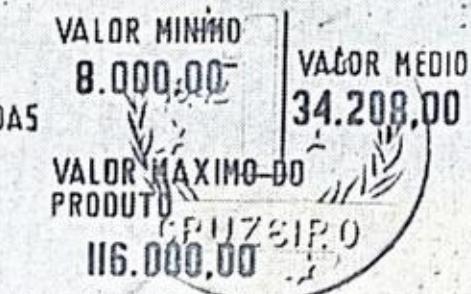
ANIMAIS VENDIDOS

1942

TOTAL DAS VENDAS

CR\$

4.755.000,00



ANIMAIS A VENDA

ANIMAIS VENDIDOS

A criação do cavalo de puro sangue no Brasil é hoje uma indústria de grandes alcances econômicos e patrióticos. O gráfico é ilustrativo da progressão dos leilões efetuados no Jockey Club Brasileiro, a partir do ano de 1940. No ano corrente, venderam-se 139 potros pela quantia de Cr\$ 4.755.000,00, dando a média por produto a importância de Crs 34.208,00. Estes nu-

O CAVALO E A GUERRA

Tradução do MAJOR ARISTIDES CORREA LEAL
Do livro de Otto Strasser "El Plan de Hitler"

Canas é a batalha histórica na qual romanos e cartaginenses se empenharam em Apúlia, no ano 216 a. J. C.. Em tal batalha, o pequeno e débil exército de Aníbal desfez em pedaços e aniquilou a incomparável força de 85.000 orgulhosos legionários romanos. O habil capitão de Catargo empregou o princípio estratégico da preponderância específica conseguida pela máxima concentração de forças: sitiou o exército inimigo, desfechando-lhe em seguida um fulminante ataque de flanco, em que utilizou poderosas massas de cavalaria.

Clawsewitz, o primeiro fundador do grande Estado Maior prussiano, condensou a idéia de Canas em uma doutrina teórica geral, exposta em seu tratado "Da Guerra", hoje a obra militar clássica. Schlieffen, sucessor do velho Moltke e chefe do Estado Maior germânico antes da guerra (1891-1906), reduziu esta idéia a um sistema estratégico exato, que, sob a simples denominação de "Canas", foi um segredo até 1914. Desde então, todo soldado teuto tem vivido empolgado por essa idéia.

Trata-se, antes de tudo, de um princípio natural e elementar de toda luta, especialmente quando se tem em vista forças desiguais; princípio à base do qual se tem verificado o desfecho de todas as guerras vitoriosas da história.

Napoleão, César, Alexandre, triunfaram por meio da inesperada concentração específica de forças, e até mesmo a fábula clássica e habitual em todas as academias militares, a tática do pequeno David, desarmado, ante o gigante Golias, armado, não tem outro significado.

Mas foi a arte da guerra alemã quem primeiro compre-

endeu a enorme significação do método de Canas, em a nova era dos modernos exércitos de massas, com suas gigantescas forças militares que se paralisam mutuamente. Tal método consubstanciava todo o conteúdo do último plano de guerra alemão, com o qual o conde Schlieffen tratou de ganhar a Guerra Mundial para a Alemanha, e que esteve a ponto de conseguir o triunfo.

Schlieffen visou por essa guerra a destruição total da França, consoante a consecução de uma segunda Canas histórica.

Concentrou, seguindo seu plano, três quartas partes de todo o exército alemão (cincoenta e três divisões sobre um total de setenta e duas), em um só ponto da frente — a ala direita, que devia marchar através da Bélgica e do norte da França até Paris. Deixou quasi inteiramente descoberto, em virtude dessa concentração no ângulo norte, a outra ala, a esquerda, de Lorena, e até a frente contra a Rússia; para estas duas zonas deixou respectivamente 9 e 10 divisões. Aumentou ainda a eficiência da ala direita, provendo-a ademais com especial potência mecânica; equiparando-a com obuzeiros pesados e metralhadoras, naqueles dias as mais modernas e poderosas, que o exército alemão havia acumulado secretamente (o mesmo efeito que Aníbal conseguiu com a sua cavalaria).

De tal modo, Schlieffen construiu em um só ponto da linha defensiva francesa um ariete que devia fazer toda a resistência inimiga ir pelos ares. A potência deste ataque da ala direita alemã devia ser tão terrível que, agindo como um furacão, derrubasse a força antagonista; o outro exército francês, o do sul, que devia chocar-se deliberadamente com escassas divisões alemãs, seria atraído como por uma voragem: avançaria sem encontrar resistência, internando-se bastante na frente alemã; mas logo após a brecha feita pelo exército alemão ao norte, seria desapiedadamente separado do resto do exército francês e desfeito em frangalhos. Nisto consistia a "segunda Canas" de Schlieffen. Significava o aniquilamento da França seis semanas depois da guerra declarada; e, por outro lado, permitiria ao vitorioso exército germânico arrojar-se sobre a Rússia e dar o golpe de misericórdia no Czarismo.

Este plano fracassou, e a Alemanha perdeu a guerra, mas a culpa não deve ser atribuída a Schlieffen. A culpa foi devida ao feito de que o sucessor do velho estrategista (morto em 1913, tendo como últimas palavras "Fortificai minha ala direita"), o jovem Moltke, quasi nada compreendeu da tática de Canas e alterou todo o plano genialmente concebido pelo seu antecessor. Em vez de reforçar o ariete da ala

direita, colocou 8 das 9 divisões novas, que a Alemanha havia formado alguns anos antes da guerra, na esquerda; e então, quando chegou o 1.º de agosto e o grande sonho do Aníbal alemão devia transformar-se em realidade, seu pequeno epígonos tomou dois corpos da ala direita que marchavam vitoriosos através da França, e os arrojou de puro receio, contra os sabres dos cossacos, na frente russa.

Este foi o fim do sonho de Schlieffen e a "segunda Canas" foi um sonho que passou... Os corpos de tropas retinadas para a frente leste constituiram uma brecha na concentração de forças, acarretando o desmoronamento da concepção de Schlieffen. A derrota do Marne foi uma decorrência da espalhafatosa vitória de Tannenberg, Hoffmann contra Schlieffen...

No momento em que a ala direita, do exército alemão, atufando-se em avalanche, levando de vencido tudo o que encontrava pela frente, saltando sobre a Bélgica e fazendo 370 quilômetros em 20 dias, chegou a Paris seis semanas depois de iniciada a luta, devia dar então o golpe decisivo, fracassou por causa da sua debilidade, depois dessa marcha grandiosa e foi derrotado no flanco esquerdo por Joffre (Marne), em virtude da retirada dos dois corpos de exército que foram para a frente oriental.

A França ganhou e lhe foi possível firmar-se na guerra de posições, mas tal acontecimento somente ocorreu pela razão de haver o Estado Maior alemão se afastado por certo espaço de tempo do princípio da estratégia de Canas, o método da específica concentração de forças.

Seis anos mais tarde, no verão de 1920, a centenas de milhas de distância do Marne, demonstrou-se que o plano "Canas" foi concebido para ser realizado com precisão matemática. O Generalíssimo Weygand demonstrou isto. Em tal ano, um exército que vinha do oriente, marchava sob o comando de um tenente desconhecido, chamado Tuchachevski, em direção ao oeste europeu: o exército vermelho de Lenine, que estava fazendo a guerra contra a Polônia. Tuchachevski, homem de 30 anos, desconhecido fora da Rússia e pouco conhecido neste país, estava em vias de realizar uma façanha militar de alcance napoleônico: havia derrotado o exército polonês com um montão de camponeses e proletários soviéticos esfomeados, andrajosos e pobemente armados, por meio de uma batalha de estilo brilhante no Berezina; e agora marchava com uma velocidade de 20 a 30 quilômetros por dia — velocidade de cavalaria — em um fantástico avanço através da Polônia, em direção à Varsóvia (todos os observadores do mundo falam de tal avanço como de uma reminiscência

de Alexandre). A sorte da capital da Polônia parecia achar-se decidida: as tropas vermelhas atacavam já seu subúrbio de Praga. Weygand chegou a Varsóvia para salvar a civilização capitalista do poder de Lenine. Empreendeu então, com pequena variante, a operação que viu mal executada pelos seus inimigos durante a Guerra Mundial (Marne). Deixou que a cavalaria soviética continuasse sua perseguição ao norte, quasi sem encontrar resistência e até permitiu que fosse cruzada a fronteira polono-germana na Prússia oriental. Deixou descoberta a frente em grande extensão. Em seguida concentrou todo o grosso do exército polonês, tudo que esse país podia oferecer como elemento defensivo, lançando-o contra um só ponto do exército de Tuchachevski. A civilização capitalista foi salva. Ao fim de poucas semanas as tropas russas estavam novamente no ponto que ocupavam ao início da ofensiva, e o governo soviético teve que firmar uma paz desvantajosa. Weygand arriscou, e aplicou a estratégia de Canas em toda a sua integridade. E' um homem das surpresas providenciais, o Gen. Weygand.

Acham-se agora alinhadas na frente oriental as duas mais poderosas forças militares de todos os tempos: Alemanha, com o controle político, econômico e militar de todo o Continente europeu, contra a União Soviética.

O resultado de tão tremendo choque é imprevisível. Ambas se preparam durante vários anos, sem esquecerem o resultado das experiências.

Alemanha e Rússia são justamente as nações que primeiro trataram da mecanização em grande escala das suas forças armadas. Entretanto, o Marechal Blomberg fixou um número surpreendentemente alto de divisões de cavalaria para o seu novo exército: 12 das mesmas contra 24 divisões de infantaria! Esta proporção, segundo os comentadores militares, não é nem siquer aproximada em qualquer outro grande exército europeu e sua finalidade consiste simplesmente em conseguir alguma compensação pelas possibilidades da cavalaria soviética nas vastas planícies e estepes do interior da Rússia.

A Rússia, por sua vez, que possuia já 36 divisões de cavalaria, em começo de 1941 organizou mais 24 divisões.

A móvel e veloz tropa montada soviética, antes da eclosão armada era já reconhecida pelos alemães como a mais eficiente da Europa.

Consoante a opinião dos entendidos, ganhará esta guerra quem dispuser do maior número de motores a petróleo e a sangue e souber empregá-los no momento oportuno.

A contribuição do cavalo ao lado do motor, vai ser enorme, no resultado final.

Se a França, no Marne, contasse com uma cavalaria boa e descansada para perseguir o invasor derrotado, teria logo resolvido a guerra, a seu favor.

A CAVALARIA DA GUERRA MODERNA

Por NICOLAI UMANSKI

ANGORA (Por avião) — Nas gigantescas lutas que estão sendo travadas na frente sul da Russia, mencionam-se, agora, com maior frequência, as façanhas da cavalaria do



marechal Budenny. Este ressurgimento da cavalaria é motivo de surpresa geral, pois, na guerra moderna dos tanques e dos aviões, esta arma parece ser um anacronismo.

Esta surpresa, porém, não é compartilhada pelos peritos militares. Nos últimos anos tanto os publicistas militares alemães, como os russos, sustentavam que na época de motorização a velha cavalaria estaria destinada a ressurgir, com as seguintes condições: não deve ser utilizada de forma esporádica porem em massa compacta; estar equipada com armamento moderno e atuar em cooperação com as tropas blindadas e a arma aérea.

Enquanto que na Europa ocidental estas considerações não saiam do campo teórico, a Rússia transladou-se à prática com amplo critério estratégico e militar.

De fato, os "ginetes das estepes" de Budienny receberam asas e motores.

Em 1935, o marechal Budienny escreveu, acerca da motorização da cavalaria soviética, as seguintes palavras:

"Em toda a etapa da guerra civil se manifestou nitidamente duas tendências características:

a) — A tendência ao emprego compacto da cavalaria.

b) — O emprego da cavalaria estratégica para fins decisivos."

A cavalaria forma entre as mais importantes armas ofensivas do exército soviético. Pode-se dizer que esta ocupa atualmente uma posição única quanto ao emprego das massas de cavalaria na guerra moderna. Com suas 34 divisões compostas de 3 brigadas e 2 regimentos, a cavalaria soviética é tão potente como as forças de cavalaria da Alemanha, Itália, Japão, França e Polônia juntas. Por outra parte, enquanto que no ocidente a cavalaria tende a se transformar em tropa moderna ligeira, no exército soviético as verdadeiras massas de cavalaria retêm seu papel específico. Na Polônia a cavalaria, a segunda da Europa, representava um sucedâneo da motorização do exército; em troca, a cavalaria soviética constitui um complemento da motorização.

Seu emprego é duplo: como arma independente, é utilizada as mais das vezes para fins ofensivos; em tal caso, atua como núcleo das tropas que lhe são agregadas. O regulamento de combate russo do ano de 1934 reza:

"A cavalaria estratégica, amplamente equipada com armas de fogo e recursos técnicos (metralhadoras artilharia, tanques, carros blindados aviões), está em condições de cumprir por si mesma as mais diversas missões de combate (ataque, defesa, exploração, incursão)."

Este conceito encontra ainda uma formulação mais exata:

"A cavalaria terá que enfrentar tarefas de grande responsabilidade. As formações de cavalaria, saturadas de aviões, tanques, carros blindados e artilharia anti-aérea e anti-tanque devem cumprir, ao lado das missões táticas (aniquilação do adversário desorganizado que bate em retirada) também tarefas operativas e estratégicas (cerco profundo do inimigo conquista de seus grandes centros estratégicos".

E assim aconteceu no aniquilamento do exército de Denikin, na guerra civil, como — de maneira mais evidente — na guerra russo-polaca na frente sudoeste, onde a cavalaria era o motor do exército soviético, completado somente por fracas forças de infantaria e, mesmo assim num nível técnico bastante atrasado. Agora, o exército apresenta massas de cavalaria muito maiores e dotadas de todos os armamentos modernos. Tais formações de cavalaria constituem uma potente arma ofensiva do oeste europeu. O eminent perito militar russo Svjetichin afirma que "a cavalaria representa um valor, não em si, mas em conexão com o espaço que a guerra lhe proporciona para a sua situação".

Durante as manobras russas do outono de 1936 a cavalaria, conjuntamente com as tropas blindadas e formações aéreas adjuntas atuou em determinada situação como núcleo de um exército; revelou-se, assim, uma nova combinação bélica, que entra na atual guerra russo-germanica. Ao lado das tropas blindadas e da infantaria motorizada, o exército russo tem na cavalaria uma arma móvel de emprego compacto para a ofensiva e a manobra.

Ao mesmo tempo, a cavalaria soviética foi integrada dentro das operações decisivas das formações compactas e motorizadas. Aqui, a sua tarefa consiste em seguir as tropas blindadas, ocupar as brechas e empreender uma ação de limpeza. Sem oferecer em parte alguma um objetivo importante e dotada de grande mobilidade, é lançada contra o inimigo enquanto os tanques derrotam as linhas de fogo do adversário. Nesta combinação de operação, a perseguição é realizada com rapidez e ímpeto, aproveitando o êxito de forma fulminante.

"A grande mobilidade da cavalaria se completa com o ímpeto e capacidade de manobra dos tanques. Isto faz da formação mixta da cavalaria e tropas mecanizadas a arma combativa mais eficaz", escreve o comandante russo Kriwoschein, num livro cuja versão alemã causou verdadeira sensação nos círculos militares alemães, sendo qualificado

como fonte de novas sugestões para a tática da arma moderna. O exército soviético rehabilitou os "ginetes das estepes".

As últimas ações da cavalaria de Budeinny demonstraram que os audazes gineteiros soviéticos cooperaram eficientemente com as tropas blindadas e a arma aérea do exército, enfrentando com êxito as tarefas consignadas na guerra moderna. Enquanto que no primeiro ano da guerra a cavalaria polaca, sem a cooperação dos tanques e aviões, sucumbiu à "guerra relâmpago" dos alemães, a cavalaria soviética representa também, na época da motorização, um valor combativo apreciável.

(“Diário da Noite” de São Paulo, 18-8-42.)

OFICINA MECANICA VAZ SALLEIRO LTDA.

Vigamentos — Esquadrias — Caxilhos — Portões —
Portas de Aço — Caixas d'água — Fogões — Cofres —
Portas Fortes — Todo trabalho em Ferro, Cobre, Zinco,
Estanho e Alumínio.

Todo material de ferrageamento de animais — ferro
para ferraduras, carvão, etc.

LUCIO PINTO FERREIRA

RUA SACADURA CABRAL, 158

Telefone: 43-3676 — Cx. Postal 66 — Lapa
End. Telegr. LUPINFER

Rio de Janeiro



Sessão de encerramento da Exposição Agro-pecuária de Julio de Castilhos (Rio Grande do Sul) — Flagrante do momento em que discursava o Ten. Cel. Vilas Bôas, representante de Sub- Dir. R. V. E.



Churrasco oferecido pela oficialidade do 8.º R. C. I. ao Exmo. Sr. Gal. Antonio da Silva Rocha, por ocasião de sua inspeção.

SÔBRE A ENCEFALOMIELITE INFECCIOSA DOS EQUIDEOS E SUA OCURRÊNCIA NO BRASIL (*)

Por V. Carneiro
Do Instituto Biológico de S. Paulo

Si considerarmos a extensão territorial do Brasil e sua posição como país de criação extensiva, é forçoso reconhecer que são ainda muito restritos os nossos conhecimentos sobre os aspectos epidemiológicos, clínicos e sobre a natureza dos agentes infecciosos, desse grupo de doenças que constituem as encefalomielites infecciosas dos equídeos. Si compararmos a extensão dos nossos conhecimentos sobre a doença no nosso meio com o que tem sido alcançado pela investigação nos Estados Unidos, nesses últimos anos, ainda se destaca mais a nossa deficiência de dados preciosos, comparada com o abundante material, feito de aquisições científicas importantes, surgidas nos diferentes centros de pesquisa em território americano.

E' necessário porém, neste confronto, assinalar que a criação de equídeos não tem aqui, ainda, a mesma importância da que se realiza lá e além disso, que a doença no nosso meio, não é no momento, o sério flagelo que representa para algumas regiões dos Estados Unidos.

(*) — O presente trabalho foi apresentado ao *Sixth Pacific Science Congress* reunido em San Francisco, California, em setembro de 1939, atendendo a um honroso convite do prof. K. F. Meyer, Diretor da *Hooper Foundation for Medical Research*, em nome da Comissão do Congresso. Saiu publicado o original no volume V dos *Anais* do referido congresso.

O problema das Encefalomielites infecciosas dos Equídeos foi ali estudo como um dos mais importantes no programa relativo a Doenças de Virus Neurotópicos do Homem e dos Animais.

O assunto vem sendo enriquecido de numerosas contribuições importantes, algumas surgidas depois daquela data e que não podiam pois, ser aqui referidas.

Esta explicação prévia é necessária no inicio deste trabalho. Porque ela torna evidente a dificuldade em que nos encontramos na sua redação. Seria desejar fornecer informes abundantes, de várias regiões do País, relativos ao assunto, informes que ainda não existem até o momento. Somos obrigados a limitar nossa exposição ao estudo de uma epizootia surgida em São Paulo, porque em outras regiões do País, onde há suspeitas de grassar doenças semelhantes, há a respeito, apenas referências ligeiras, ou mesmo descrições clínicas, sem que estudos experimentais tenham sido realizados sobre a natureza e a causa dessas epizootias.

Nossos conhecimentos relativos a este grupo de doenças evoluíram de tal modo, nesses últimos anos, que os livros anteriores a 1924 e mesmo anteriores a 1932 têm o capítulo das encefalomielites do cavalo completamente fora das realidades atuais. Durante mais de meio século, ou mesmo durante três quartos de século, o único conhecimento adquirido de descrições sucessivas, acumuladas no curso de epizootias, se limitou ao estudo clínico. As causas incriminadas não resistiram a novas análises feitas em outra direção, a partir de 1924.

Da velha literatura, acumulada sobre a doença até 1924, só duas séries de aquisições precisas resistiram à investigação moderna: o estudo clínico, realizado desde longa data, na Alemanha e nos Estados Unidos, e o estudo histológico, feito por DEXLER, por OPPENHEIM, por JOEST e por JOEST e DEGEN. A descrição desses últimos autores é fundamental, classificando a doença de Borna como uma meningo-encefalite linfocitária não purulenta e descrevendo as clássicas inclusões nucleares das células nervosas.

Dá-se haver razões para um justo otimismo da parte dos investigadores quando se considera o número e a importância das descobertas dentro deste capítulo, no curto espaço de alguns anos. Se considerarmos por exemplo, de modo especial, as encefalomielites americanas é fácil constatar como as descobertas aqui se sucederam a curtos intervalos, de 1930 para cá, e todas elas do maior interesse científico e aplicado:

1 — a descoberta de um agente infeccioso, destruindo o caos das teorias, para explicar a causa do mal, é de 1931, quando MEYER, HARING e HOWITT isolam o vírus da Califórnia;

2 — veiu, em seguida, a noção da dualidade do vírus, que resultou do estudo das epizootias graves da costa leste;

3 — não tardaram as investigações de que resultaram o preparo de um sôro específico e de uma vacina obtida do vírus inativado pelo formol;

4 — vieram ainda as verificações importantes de transmissão pelos mosquitos do gênero *Aedes*, surgidas dos trabalhos de KELSER, em 1933, e depois confirmadas por vários autores;

5 — a área geográfica da doença pôde ser sistematicamente

estudada, fornecendo dados epidemiológicos e permitindo outros estudos, além da aplicação de medidas sanitárias;

6 — finalmente, o estudo histológico, o estudo do virus, de seu comportamento e de suas relações com outros virus, assim como o estudo da doença foram objeto de investigações do maior interesse entre as quais a descoberta das inclusões nucleares nas células nervosas.

Em seguida a essas investigações, ou ao mesmo tempo que elas eram realizadas, estudos em outros países mostravam o interesse do problema para o nosso Continente. Na Argentina, ROSENBUSCH, em 1933, encontra e identifica doença semelhante, demonstrando pelas provas de imunidade cruzada que o virus argentino é idêntico ao da Califórnia. No Brasil, em 1937, no México, no Canadá, no Panamá, na Venezuela, epizootias do mesmo grupo, dadas por virus, são sucessivamente estudadas por diversos autores.

Fóra da América doenças do mesmo grupo têm um grande interesse porque do seu exame surgiram os primeiros estudos etiológicos importantes. Assim é o caso da doença de R. MOUSSU e MARCHAND, cuja etiologia foi estabelecida em 1922, na França, por estes autores e da doença de Borna na Alemanha, cuja etiologia foi clareada por ZWICK e SEIFRIED, em 1924, e que é estudada depois em longos trabalhos de ZWICK, SEIFRIED e WITTE, em 1926, e de NICOLAU e GALLOWAY, em 1928. Em outros países, particularmente na Rússia, há focos de doenças idênticas, estudadas por WYSCHELESSKY e BOUTCHNOW e por vários outros autores e a Ásia é igualmente atingida havendo amostras de virus procedentes da Sibéria. Mesmo na Europa há outros países onde epizootias semelhantes são referidas, como na Bélgica, onde a doença é chamada "mal d'Aiseau". Na Ásia há, além disso, referências a doenças idênticas no Japão e na Índia.

O problema adquiriu maior interesse quando, recentemente, foram conhecidos os casos humanos de encefalomielite infecciosa e se demonstrou que o virus isolado do homem e do cavalo são idênticos.

* * *

As dificuldades de separação e de sistematização das diversas doenças, que constituem este capítulo, estão sendo felizmente, removidas por etapas, sob influência dos trabalhos recentes. Parece hoje indispensável, mesmo estudando apenas as doenças do cavalo, — falar de um grupo de encefalomielites infecciosas. Embora sejam ainda incompletos os dados relativos às analogias e às diferenças entre estas diversas doenças, e entre os seus diversos virus, não há dúvida que pelos seus aspectos clínicos, pelo estudo da sensibilidade comparada das diversas espécies animais, pelo caráter mais pantrópico, ou mais neurotrópico dos diversos

virus, pelo estudo histológico e pelas provas de imunidade cruzada, — há a considerar neste grupo, quatro ou mesmo cinco variedades de virus, para usar a expressão empregada por HOWITT (1938), no seu recente e interessante estudo comparado do virus russo denominado Moscow 2, do virus da doença de Borna e dos dois virus americanos do oeste e de leste. As cinco variedades seriam assim:

- 1 — O virus de Moussu e Marchand.
- 2 — O virus da doença de Borna.
- 3 — O virus da encefalomielite americana do oeste e da Argentina.
- 4 — O virus americano de leste.
- 5 — O virus dos autores russos (1).

E' necessário acentuar o caráter provisório de uma tal classificação, pois novos estudos são ainda necessários. E' possível haver diferenças ainda mal conhecidas entre as diversas amostras russas e sabe-se alem disso, que uma das amostras isoladas na Russia era, em realidade, uma amostra de virus rábico.

E' um fato curioso e surpreendente a ausência de informes sobre a doença na França, depois dos trabalhos de MOUSSU e MARCHAND. O estudo comparado do virus francês não pôde ser feito, por isso mesmo, e porque a única amostra isolada perdeu-se, conforme informam MEYER, HARING e HOWITT e ainda NICOLAU e GALLOWAY. Na ausência de informes mais precisos, que só o estudo comparado do virus poderia fornecer, parece acertado considerar que o virus francês se aproxima mais dos virus americanos, do que do virus da doença de Borna, opinião formulada pelos autores da California, desde 1931, e que os estudos posteriores permitem manter. MOUSSU teria assim razões quando pensava na importação da doença pelo movimento de importação de cavalos durante a guerra. O virus não teria encontrado na França, condições de conservação e isso explicaria a ausência significativa de infecções, depois da única epizootia estudada. Nos ensaios de MOUSSU a cobaia não foi regularmente experimentada e parece estar aí a razão pela qual sua sensibilidade não foi verificada.

Sob vários aspectos clínicos e experimentais, dentro deste grupo de infecções, a doença de Borna, tem uma colocação à parte: tem um curso clínico crônico, de evolução mais lenta que todas as outras doenças, um período de incubação mais longo, de regra, e encontra no coelho o animal mais sensível para isolamento e estudo do seu virus, como mostraram ZWICK e colaboradores e depois NICOLAU e GALLOWAY. O período de incubação, segundo os mesmos autores, é, em média, de 21 a 33

(1) — Estudos posteriores mostraram que o virus russo é um vírus rábico, mas à lista desses tipos deve ser acrescentado o vírus da Venezuela.

dias no coelho, sendo os limites extremos entre 7 e 53 dias, enquanto os outros virus dão um período de incubação de 2 a 6 dias na cobaia infectada por via cerebral e encontram neste animal e no camundongo as espécies mais sensíveis. As diferenças que separam estas doenças, assim como os seus virus, são aliás bem evidenciadas no estudo comparado de HOWITT (1938). Sob o ponto de vista da imunidade cruzada o virus de Borna é ainda diverso dos virus americanos, conforme se vê dos estudos de HOWITT e MEYER, em 1934.

* * *

Em alguns Estados do Brasil, como no Paraná e em Mato Grosso e mesmo em regiões compreendendo vários Estados, como na região do Nordeste brasileiro, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Ceará, etc., — há referências a uma doença que parece pertencer a este grupo. As indicações reunidas são porém, apenas de ordem clínica e nenhum estudo completo foi ainda realizado sobre a natureza desses fócos que parecem ter caráter epizoótico. No Paraná as referências mais antigas são de DUPONT e de URBAINI, a partir de 1913, quando nada se sabia de preciso sobre a etiologia deste grupo de doenças. Novas referências são feitas por ESPIRITO SANTO, FARIA e PINTO. No Nordeste brasileiro existe doença semelhante conhecida sob o nome de "mal de roda", denominação que alude aos movimentos de rotação que o animal realiza. Uma descrição clínica é feita por W. BRAGA. É difícil dizer, na ausência de informes precisos, qual a natureza dessas doenças. Em Mato Grosso houve em pleno inverno e em período de seca, junho-julho de 1938, mas em região muito baixa e frequentemente inundada, na região do Pantanal do rio S. Lourenço, dous fócos simultâneos, sem que nos tenha sido possível realizar um estudo completo; examinámos dois casos desse fóco, já no seu fim. A sintomatologia coincide com a de uma encefalomielite infecciosa e os dados de diagnóstico diferencial permitem afastar a raiva, que é epizoótica nessas regiões, ou uma intoxicação forrageira, ou mesmo o botulismo. No cérebro de dous casos examinados foi possível encontrar lesões de uma encefalite infecciosa, com infiltração de células redondas, sobretudo em torno dos capilares do cérebro; mas o isolamento de um agente infeccioso não pôde ser conseguido por inoculações realizadas em cobaias e em coelhos.

Esses informes incompletos nos obrigam a limitar o nosso estudo ao exame do fóco epizoótico surgido no Estado de São Paulo, em março de 1937. O fóco em questão surgiu no município de Tatuí, situado a 160 quilometros ao sul da Capital do Estado, em região situada a uma altitude aproximada de 500 metros.

A doença apareceu ao mesmo tempo, em várias propriedades, em diversas direções, com um quadro de distúrbios nervosos que vamos examinar mais adiante. Vimos uma série de casos com sin-

tomatologia às vezes grave e típica. De um desses casos isolámos, por inoculações em cobaias, um agente infeccioso, não cultivável nos meios habituais de cultura, filtrável, obtido de material de cérebro, colhido em glicerina fosfatada, — colocando assim a doença no grupo das encefalomielites produzidas por vírus.

Vamos realizar um estudo clínico do fóco epizoótico, discutindo os fatores do diagnóstico diferencial no nosso meio. Resumiremos depois os ensaios realizados, alguns já expostos em um trabalho anterior.

ESTUDO CLINICO — O fóco epizoótico não nos forneceu infelizmente, um grande número de casos a examinar. Isto era para lamentar porque devíamos contar com numerosas causas de insucesso no isolamento do vírus: autópsias, más condições de trabalho, quando os animais doentes, ou já mortos, eram encontrados no posto sob um sólido intenso; período mais ou menos longo de conservação do material fora do gelo e além disso, a possível ocorrência de infecções mortais auto-esterilisaveis, lembradas no exame do fóco da Califórnia como podendo explicar, em vários casos os insucessos no isolamento de vírus. No seu recente trabalho, HOWITT chama a atenção, além disso, para a dificuldade de isolamento do vírus no material de campo, quando o cérebro é invadido por germens de contaminação e com consequente produção de ácido.

Nos países em que a distribuição geográfica da doença não é conhecida, como no Brasil, duas indicações práticas parecem úteis, no momento de epizootias suspeitas e quando se procura o isolamento do vírus de casos de infecção natural: realizar a autópsia logo que a morte sobrevenha, ou mesmo sacrificar os animais em período final da doença e em segundo logar, realizar o maior número de autópsias, retirando material de vários casos. O isolamento do vírus da encefalomielite não apresenta as mesmas facilidades que são encontradas no isolamento do vírus da doença de Aujeszky ou mesmo do vírus rábico, nos quais mesmo autópsias tardias e materiais transportados de longe e em más condições, dão resultados positivos. Do vírus da doença de Aujeszky isolamos aqui em São Paulo, 13 amostras e algumas foram obtidas de materiais de substância nervosa em más condições de conservação.

Examinamos material de 6 casos apenas e uma única amostra de vírus foi isolada. Em um outro caso as primeiras inoculações foram ou pareciam de resultados positivos, mas as passagens não puderam ser conseguidas. Um cuidado que nos parece ainda útil entre nós, no momento das autópsias, consiste em retirar material nervoso de zonas as mais variadas, sem esquecer as que são consideradas como eletivas e este cuidado resulta da indicação que é fornecida pelos estudos histológicos, que mostra uma distribuição irregular das lesões.

O fóco que examinamos foi sem dúvida pouco grave, quando comparado com o que se vê nas epizootias dos Estados Unidos. Houve, no espaço de um mês, cerca de 60 casos da doença. Mas esse fato é porque a criação de cavalos é reduzida no local. Em pequenas propriedades com 6 cavalos, adoeciam, às vezes, 3-4 animais. Em uma criação maior, com um total de 60 equídeos apresentando ainda sequelas graves, irreparáveis, como incoordenação locomotora e perturbações da visão, elementos que consideramos de grande valor na orientação do diagnóstico clínico.

A única espécie animal atingida era o cavalo. Havia em algumas propriedades, burros nas mesmas pastagens, embora em menor número. Os bovinos não eram atingidos, vivendo no mesmo pasto, ou em pastos vizinhos. Não parece haver influência da idade e os doentes estavam entre 4 meses e 6 anos.

O local em que surgiu o fóco da doença é situado no planalto, mas em várias propriedades há pastagens mais baixas, em terrenos percorridos pelo rio Sorocaba, que deixa em vários lugares, zonas mais húmidas.

O surto teve seu inicio em fins de fevereiro e começo de março. Os casos que examinamos se deram na segunda quinzena de março, em um período de intenso calor, raramente registrado ali. As chuvas abundantes caiam durante aquele periodo. A demarcação nítida dos periodos de calor e de inverno rigoroso não existe porém aqui, como se observa nos Estados Unidos e na Argentina, de modo que é possível haver condições favoraveis à vida dos mosquitos durante todo ano, sobretudo nas zonas mais baixas. O calor forte e a ação direta do sol sobre os animais no pasto, às vezes sem o abrigo das sombras, parece ter influência nociva, diminuindo a resistência dos animais.

A sintomatologia da doença pôde ser reconstruída inteiramente, na infecção natural, pelo exame de vários casos, entre os quais alguns bem típicos e de evolução mais lenta e mesmo de rica sintomatologia. A reprodução da doença no cavalo permitiu completar o quadro. Descrições clínicas são relatadas em um trabalho anterior, pelo que vamos dar apenas um resumo.

O inicio da doença é assinalado pelas perturbações locomotoras muito ligeiras: há tropeços ftequentes, andar pouco firme e irregular. O animal tende a permanecer imovel, sonolento, sem vivacidade, pálpebras meio cerradas. Depois aparecem: rigidez de movimentos, tendencia para um estado de letargia e de imobilidade absoluta, perturbações do equilíbrio e incoordenação dos movimentos. Os membros dianteiros ou traseiros são mantidos muito abertos, para assegurar o equilíbrio do corpo, que é comprometido. O pescoço é mantido em distensão e a cabeça torcida, fóra da linha do corpo. A ataxia locomotora, acompanhada de rigidez generalizada, dá, nos casos típicos, um quadro caracte-

rístico em que o animal se desloca forçado, em movimentos lentos, difíceis e penosos. Os passos são desordenados, aos arrancos e o animal tende a apoiar a cabeça ao primeiro obstáculo que encontra. Qualquer esforço traz cansaço e aceleração respiratória. O emagrecimento é, às vezes, muito rápido. Movimentos em círculo podem ser observados e ainda verdadeiros acessos durante os quais o animal se projeta sobre obstáculos, recebendo contusões e caindo em posições anormais. Os sintomas de encefalite são muito característicos e o animal permanece sonolento, durante horas, a cabeça apoiada à parede, como que suportando um grande peso.

A última fase é assinalada pelo decúbito lateral, sendo às vezes, o pescoço torcido em posições anormais e pelo batimento dos membros, em movimentos violentos ou frequentes. Há ainda a assinalar: dificuldade de deglutição, mesmo de líquidos, paralisia da língua, dos lábios, dos intestinos e da bexiga. Em um caso experimental havia glicosúria. As mucosas, como a conjuntiva, são congestionadas. A visão é mais ou menos comprometida.

A duração da doença é em média de 2 a 7 dias, às vezes um pouco mais e parece ter havido um caso de evolução sub-aguda, evoluindo em menos de 24 horas.

A temperatura alta, que em geral precede o aparecimento dos sintomas, pode alcançar 40° e mesmo 40,8, conforme vimos na infecção experimental. É um índice importante no diagnóstico clínico, como veremos.

Diagnóstico diferencial — A questão do diagnóstico diferencial nos países em que a doença tem sido muito estudada, como nos Estados Unidos, não oferece mais dificuldade e está bem resolvida. Mas nos países em que a exata distribuição da doença não é conhecida, ela apresenta ainda um interesse especial na identificação dos novos fócos e no estudo da distribuição geográfica, permitindo eliminar confusão com doenças de sintomatologia nervosa e de caráter aparentemente epizoótico. Além disso, nas epizoótias surgindo em zonas distantes nem sempre é fácil acompanhar a evolução dos casos, ou ver casos muito típicos.

Um caso que consideramos típico, vai descrito em nosso trabalho anterior e a oportunidade de ver casos como este permite orientar o diagnóstico. O conhecimento da literatura americana sobre a doença nos foi de um grande auxílio, pois havia concordância significativa de dados clínicos, que não podia ser despresada.

Vamos procurar fixar aqui rapidamente, os fatores que nos parecem essenciais ao diagnóstico diferencial, apenas lançando mão de dados clínicos.

Em primeiro logar, o aparecimento da doença sob a forma de casos dispersos, em várias direções, indicava uma doença infeciosa. Em segundo logar, um elemento útil e de apreciação im-

diata, reside na especificidade da doença para os equideos. Em terceiro lugar, a presença de casos com sintomatologia típica e grave, vistos às vezes, logo no inicio das epizoótias. Em seguida, a observação de casos no momento em que aparecem os primeiros sintomas, e a presença de casos curados, sem que qualquer manifestação clínica aparente seja notada. Há ainda a notar, a presença de animais conservados como curados e apresentando, como sequelas, perturbações do equilíbrio, da marcha e da visão.

Lembremos de passagem que a raiva sob a forma de epizoótias mais ou menos graves e extensas, propagadas pelos morcegos hematófagos do gênero *Desmodus*, compreendendo três espécies, grava em diversas regiões do Brasil e que tratando-se de uma doença de sintomatologia nervosa, embora de quadro clínico diverso, era necessário evitar qualquer suspeita de confusão.

Aqui mesmo em São Paulo, e em zonas próximas do fóco de encefalomielite que examinámos, havia surtos de raiva que havíamos anteriormente examinando, com cerca de 50 casos ocorridos em pouco tempo. O diagnóstico clínico poude ser completado por inoculações a coelhos e cobaias e pela pesquisa de corpusculos de Negri. Mas o diagnóstico diferencial, em geral, pode ser assegurado apenas com o concurso da clínica: o curso da raiva é sempre fatal, a incidência é entre bovinos e equinos, há predominância de fenômenos paralíticos e há informes de presença de casos de raiva canina, ou de morcegos que se alimentam de sangue de animais. Esses dados e outros permitem uma separação muito clara. Nos casos isolados, ocorridos no campo, nos casos pouco típicos, uma confusão clínica pode surgir, mas o laboratório assegura uma separação pois as inoculações de raiva são bem sucedidas quasi sempre, além da pesquisa de corpusculos de Negri.

A raiva epizoótica dos grandes animais do Brasil, tem, de regra, um quadro em que domina a forma paralítica. Dêsse modo, as indicações clássicas que orientam o diagnóstico pelos sintomas de furia e agressividade, têm, aqui, um valor restrito. Fato idêntico se verifica, como se sabe, nas epizootias de outros países da América e da ilha de Trinidad.

A possibilidade de confusão com a intoxicação conhecida sob o nome de *corn-stalk disease*, que tem um quadro clínico semelhante, tem sido revista em trabalhos recentes. No caso do fóco que examinamos o milho não entrava na ração dos animais, que só eram alimentados no pasto. SCHWARTE, BIESTER e MURRAY, assinalam, como elementos de diagnóstico diferencial, a época do aparecimento, que é no inverno para a intoxicação e no verão para a encefalomielite, além da grande diferença de lesões, havendo na intoxicação, edema, zonas extensas com focos de necrose no cérebro e lesões dos órgãos abdominais, como o figado.

A confusão com o botulismo tem sido examinada pela lite-

ratura americana de modo especial. MEYER, HARING e HO-WITT observam que os sintomas de letargia, sonolencia, incoordenação locomotora, produzindo o "staggering gait", tremores musculares, ictericia, conjuntivas injetadas, pulso acelerado, 60-120, alem dos distúrbios respiratórios, não são observados no botulismo. O botulismo tem, ainda, índice elevado de mortalidade e é acompanhado de suspeita para o lado da alimentação. THEILER e ROBERTSON (1928) estudando o parabotulismo dos equideos na Africa do Sul Inglesa, assinalaram a ausência constante da febre, elemento importante do diagnóstico diferencial. Dos quadros organizados pelas publicações americanas, segundo dados de MEYER, os seguintes fatores nos parecem especialmente importantes: ambiente epizoótico, quadro encefálico com sonolência e letargia, tremores musculares, febre, conjuntivas injetadas ou ictéricas.

ESTUDO EXPERIMENTAL: — Alguns exames prévios de esfregaços de orgãos, sangue, assim como tentativa de cultura forneceram resultados negativos, tendo sido isolados coccus Gram positivos, que outrora foram responsabilizados sem razão, e que são considerados germens de invasão secundária do cérebro.

As numerosas inoculações realizadas em cobaias, coelhos, pombos, ratos e camondongos, com material de cérebro, conservado em glicerina fosfatada ou em glicerina pura, deram resultados positivos a princípio, apenas na cobaia. Passagens foram tentadas na cobaia e no pombo, utilizando material de uma das cobaias que havia revelado sintomas típicos. Estas passagens foram negativas pelo que voltamos a repetir as inoculações com material de cavalo. As passagens foram então bem sucedidas, de cobaia a cobaia, por via cerebral, na dose de 0.1 a 0.2 cc. de uma emulsão espessa de substancia nervosa. O periodo de encubação inicia na cobaia foi de 8-11 dias, caindo depois a 6-7 dias e permanecendo em seguida, regularmente, de 90-96 horas. Contamos atualmente cerca de 35 passagens em série. As inoculações no camondongo, com material da décima passagem, foram bem sucedidas com 0,03 cc, por via cerebral: 4 camondongos adoeceram ao cabo de 3-4-6 dias e morreram depois de revelarem sintomas típicos, tendo as passagens positivas.

No pombo, nossos resultados não se aproximam dos que são obtidos por outros autores. GILTNER e SHAHAN (1933) conseguindo, com 40 cc. de emulsão identica, administrada por instilação, depois de leve anestesia cloroformica e usando uma amostra muito ativa de vírus. Nossos ensaios foram feitos sem prévia anestesia, mas parece haver aí antes, uma questão de atividade da amostra estudada. ROSENBUSCH assinala resultados positivos inoculando o pombo com o vírus argentino e REMLINGER e BAILLY consideram que o pombo partilha com a cobaia o pri-

vilégio de sensibilidade ao vírus. No nosso caso, embora alguns resultados tenham sido positivos, com sintomatologia típica e mesmo com quadro muito demonstrativo, e com passagens positivas, nem sempre isto sucede. Alguns animais têm ligeiros distúrbios e se restabelecem. Outros não revelam infecção aparente. No nosso isolamento e no estudo do vírus.

O coelho parece bem resistente.

A reprodução da doença no cavalo foi feita em dois casos. No primeiro, por inoculação cerebral com 5 cc. de uma emulsão espessa de cérebro de cobaia, previamente passada em gaze e no segundo, com 40 cc. de emulsão identica, administrada por instilação nasal. O período de incubação foi de 2½ dias no primeiro caso e de 5 dias no segundo. Há uma elevação térmica precedendo os sintomas e mesmo durante a doença, que alcança 39°7 no primeiro caso e 40°8 no segundo. Detalhes sobre esses casos são relatados em nosso trabalho anterior. O cérebro desses animais produziu de novo doença típica na cobaia e lesões de encefalomielite foram encontradas. A sintomatologia da infecção experimental reproduz o quadro da infecção natural. O vírus resiste pelo menos até 64 dias e mesmo 93 dias no gelo a 3°, em glicerina fosfatada de ph. 7,2. Uma inoculação realizada com material de 156 dias não reproduziu a doença na cobaia e não revelou mesmo aumento de temperatura deste animal.

O material foi filtrado em velas Berkefeld N e W, sendo positivos os resultados de inoculação do filtrado em cobaia.

O exame histológico realizado em três casos de infecção natural, em dois casos de infecção experimental no cavalo e em várias cobaias, revelou as lesões de encefalomielite, com infiltração de células linfocitárias formando acumulos ao nível dos capilares sanguíneos, na região do corno de Ammon, no bulbo, na cortex, etc.

A sintomatologia da doença na cobaia, observada inúmeras vezes, no curso de passagens sucessivas, mostra um quadro de encefalomielite: — a cobaia é encontrada encolhida num canto da gaiola, distante das outras, como uma bola, os pelos arrepiados, com tremores generalizados, sonolenta, pálpebras semi-cerradas, a cabeça apoiada à grade. O andar típico, quando o animal é tocado, é feito com dificuldade, desordenadamente, sem direção, o corpo vacilando num passo quasi trotado, caindo com facilidade. A cabeça pode se mostrar torcida, fóra da linha do corpo e apoiada ao chão. Mais raramente, vê-se um quadro que tem seu inicio por uma paresia ou mesmo paralisia dos membros: a cobaia é encontrada tendo os membros traseiros abertos, em paralisia flácida completa, o corpo apoiado ao chão, em decúbito esterno-abdominal. A temperatura da cobaia inoculada por via cerebral sofre oscilações nem sempre uniformes. Uma elevação térmica de

1.º ou 2.º é assinalada. As vezes a temperatura se mantém alta, ou cai para subir de novo quando os sintomas se manifestam. A morte é precedida de queda da temperatura abaixo da normal.

Depois de isolada nossa amostra, tivemos oportunidade de inocular inúmeras cobaias com uma amostra do vírus argentino de ROSENBUSCH, amostra que devemos à gentileza do dr. J. TRAVASSOS, do Instituto Butantan. As passagens em série têm sido realizadas regularmente, há vários meses, com as duas amostras e nenhuma diferença foi possível verificar no quadro clínico das cobaias inoculadas simultaneamente, usando cobaias novas, do mesmo lote, do mesmo peso médio de 300 grs.. Apesar da amostra argentina mata as cobaias habitualmente em 3-4 dias e a nossa amostra em 4-5 dias. Os estudos a respeito tiveram que ser interrompidos quando devíamos realizar provas de imunidade cruzada.

Acreditamos que a amostra isolada em S. Paulo se aproxima, deante dos dados aqui examinados, do vírus americano do oeste e da amostra argentina. Os dados clínicos relatados falam igualmente no mesmo sentido. Nenhum estudo foi ainda realizado sobre aspectos epidemiológicos, nem há referências no nosso meio, relativas à possível ocorrência de casos humanos.

ABSTRACT

A short review of the development of our knowledge of this group of diseases is made. Of past literature on the subject, only the clinical and histological studies have remained.

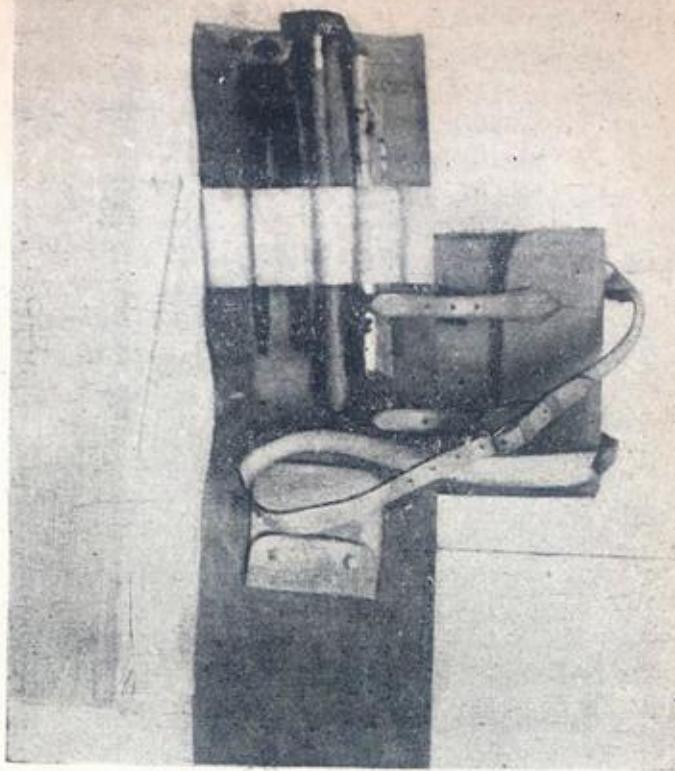
From 1924 to date, the discovery of the new etiology of viruses has given a new direction to investigation. From 1931 onwards, new and important discoveries were made from a study of the disease in the American Continent.

Five varieties of virus can to day be considered, and the relations among the several diseases are briefly examined.

An outbreak occurring in S. Paulo is reported. A clinical study of the diseases is made, and the differential diagnosis is discussed. From the Brazilian center a virus was isolated, preserved by inoculation in guinea pigs. The diseases was reproduced by experimental inoculation in the horse and in other species.

The diseases has a close analogy with the disease identified in California in 1931.

S. Paulo, 15—7—1939.



80
Estojo individual do ferrador usada no S. V. E.



Ecos da inspecção do Tte. Cel. Vilas Boas no sul do país —
S. S. discursando

EQUIPAMENTO VETERINÁRIO
Sub/D. S. R. V. — 2.^a Div. — 2.^a Seção

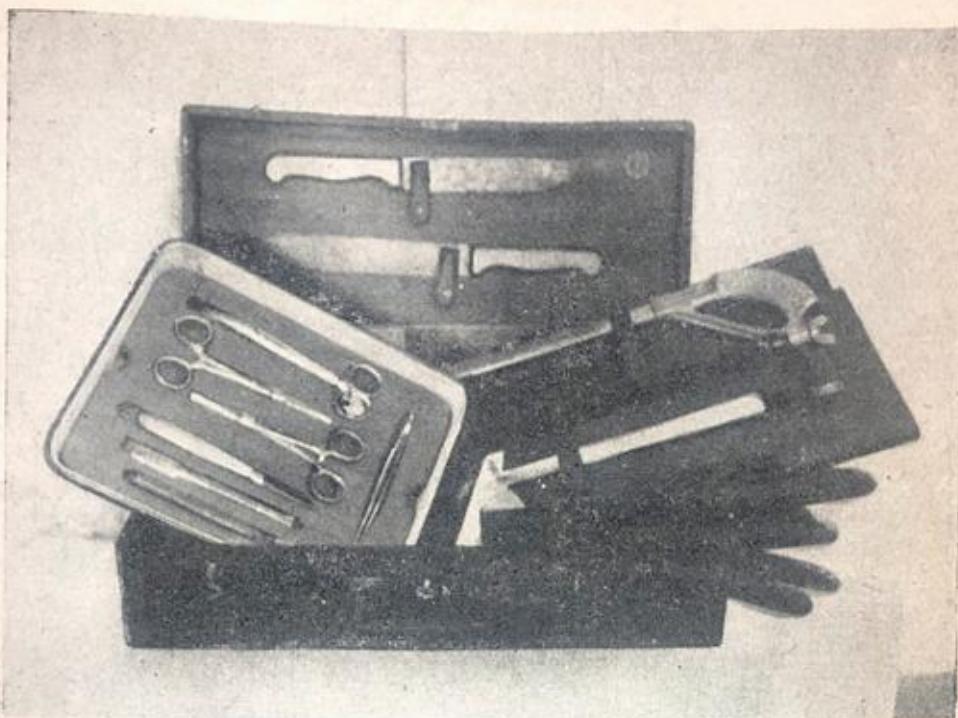


Canastra tipo regulamentar usada no S. V. E.

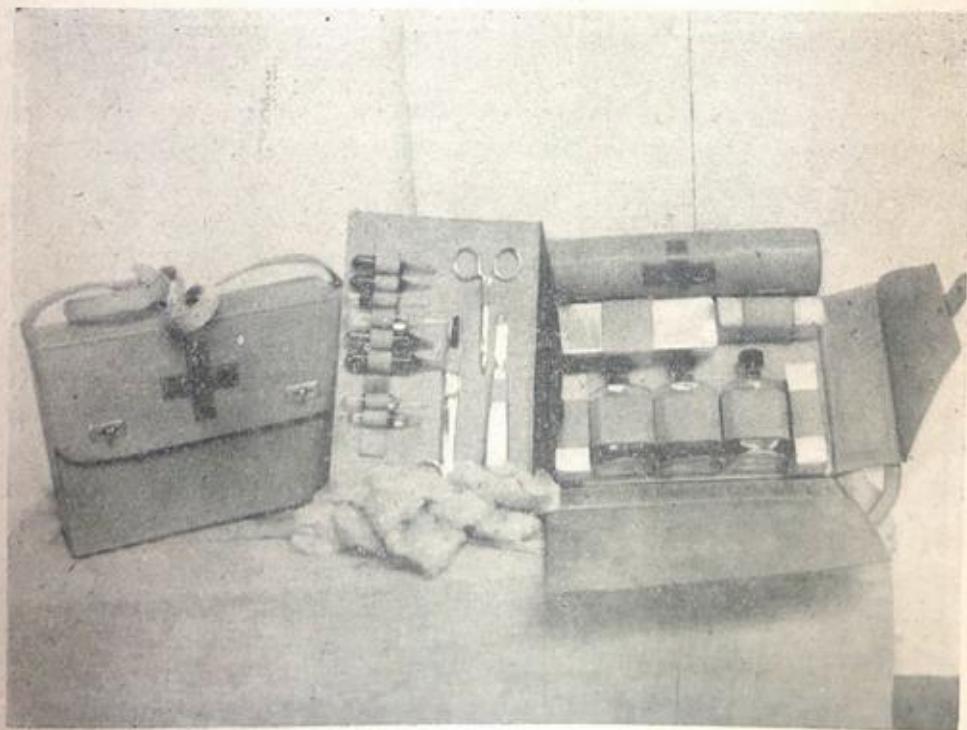


Par de canastras prontas para serem atreladas no cargueiro

EQUIPAMENTO VETERINÁRIO
Sub/D. S. R. V. — 2.^a Div. — 2.^a Seção

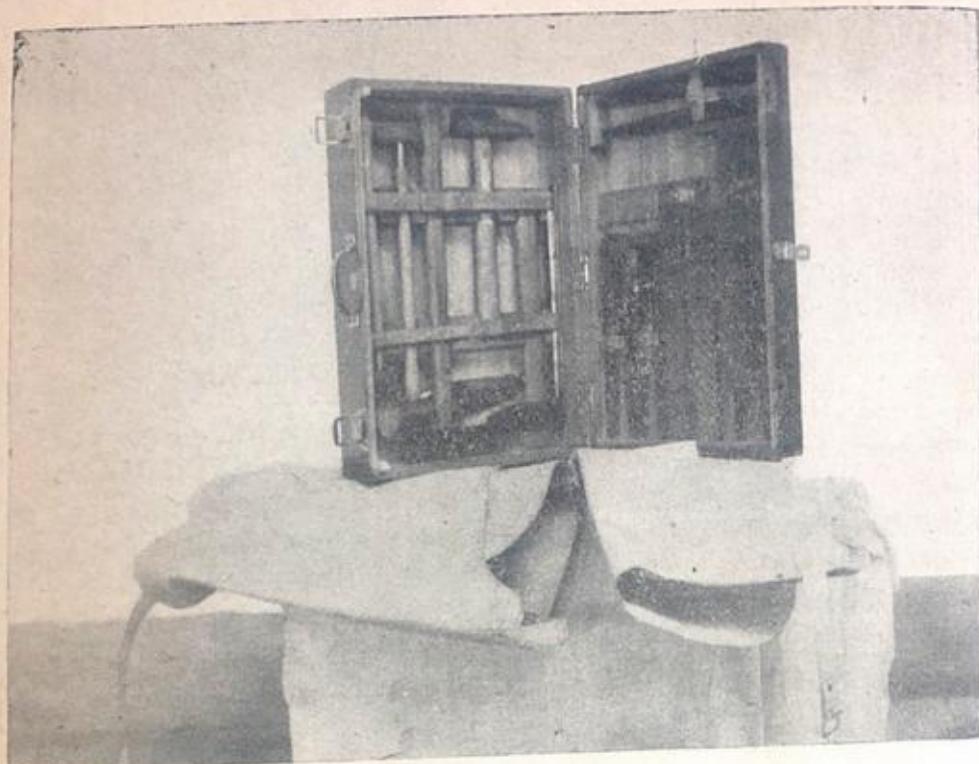


Caixa de necropsia usada no S. V. E.

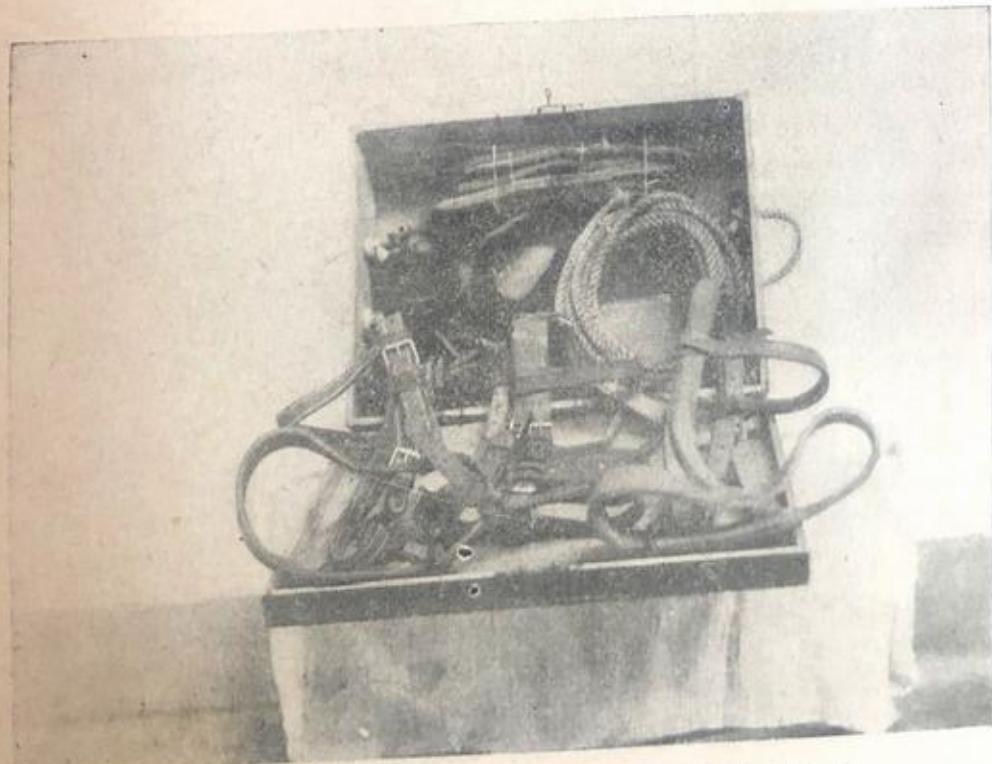


Bolsa do enfermeiro veterinário usada no S. V. E.

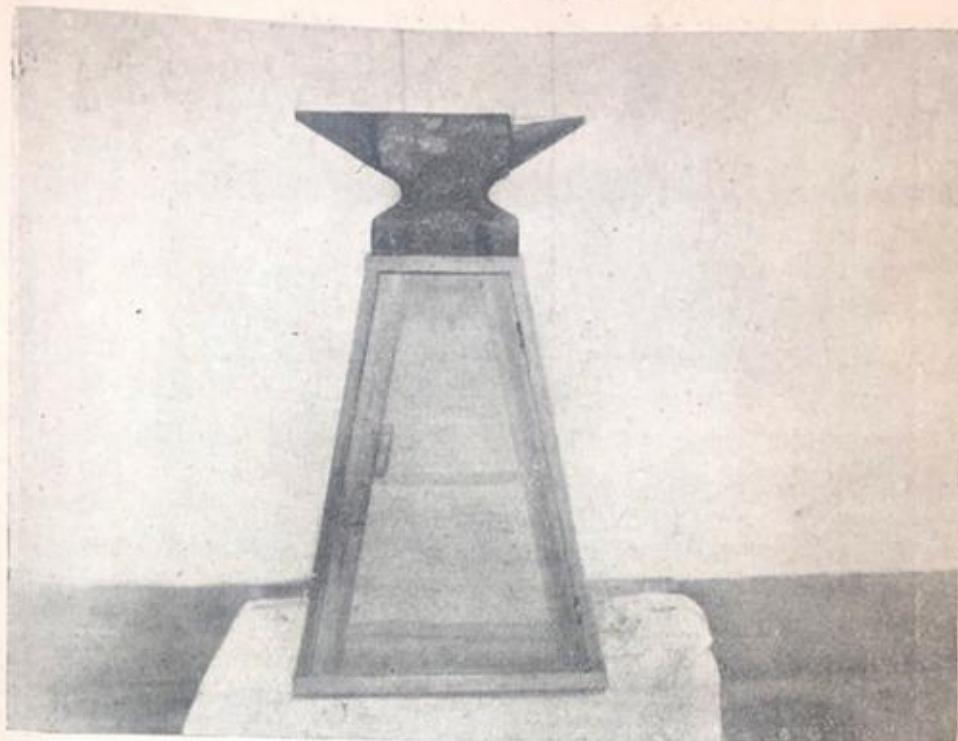
EQUIPAMENTO VETERINÁRIO
Sub/D. S. R. V. — 2.^a Div. — 2.^a Seção



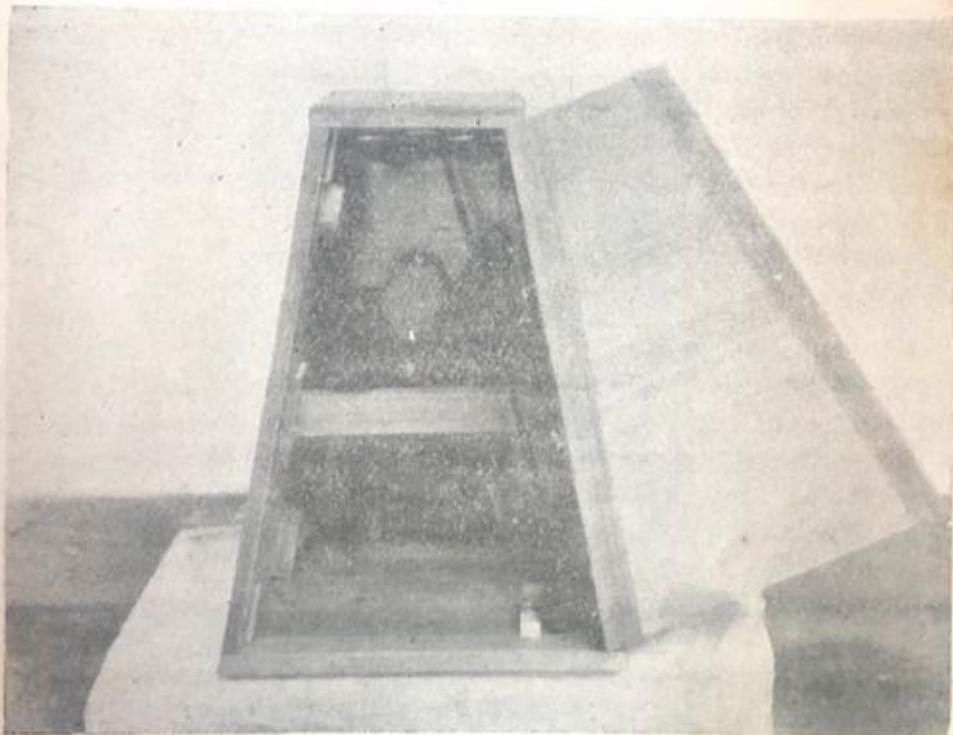
Caixa do mestre ferrador



Caixa do material de Contensão usada no S. V. E.

EQUIPAMENTO VETERINÁRIO
Sub/D. S. R. V. — 2.^a Div. — 2.^a Seção

Bigorna com seu estojo servindo de apoio



Bigorna dentro do seu estojo, que lhe serve de apoio

EQUIPAMENTO VETERINÁRIO
Sub/D. S. R. V. — 2.^a Div. — 2.^a Seção



Caixa de lona verde-oliva para material de contensão



Canastra contendo material de clínica veterinária

INSTRUÇÕES PARA O FERRAGEAMENTO DOS SOLI- PEDES DO EXERCITO

(Continuação do numero anterior)

Art. 16. A Oficina de Ferradaria Tipo I deve conter, no minimo:

- a) uma "reserva" para o respectivo encarregado;
- b) uma dependência para guardar o material em depósito;
- c) um depósito para guardar carvão;
- d) uma dependência para guardar o material distribuído aos ferradores;
- e) cinco fogões (bocas de fogo);
- f) banheiros e instalações sanitárias.

Art. 17. Em todo Corpo de Tropa e Formação de Serviço havrá:

a) um jogo de ferraduras (4 ferros) de *reserva* para cada animal da unidade, ajustadas e marcadas com o número do animal a que se destina, sendo o jogo recolhido à correspondente sub-unidade, com os respectivos cravos. Em caso de transferência do animal para outro Corpo de Tropa ou Formação de Tropa ou Serviço, esse jogo de ferraduras o acompanhará.

b) um jogo ferraduras suplementares para cada animal que falte para completar o efetivo de paz (efetivo-tipo da unidade). Tais ferraduras ficarão em depósito na Oficina de Ferradaria, que as utilizará nos animais incluídos no efetivo do corpo.

c) Dois jogos de ferraduras de *mobilização* por animal previsto no efetivo de guerra da unidade. Essas ferraduras ficarão guardadas no Almoxarifado ou Depósito de mobilização e serão distribuídas mediante pedido regulamentar, por ocasião da mobilização.

Parágrafo único. As ferraduras de que trata este artigo serão acondicionadas em caixões, em suportes do modelo I, recobertos sempre por lonas ou em armários apropriados.

Art. 18. Em janeiro de cada ano, o comando do corpo, por iniciativa do respectivo chefe do Serviço de Veterinária Regimental, determinará que este, em companhia dos comandantes das sub-unidades interessadas ou do Almoxarife, conforme o caso, examine as ferraduras de reserva e de mobilização sob a guarda destes entregando-se ao consumo da Oficina de Ferradaria as que forem encontradas enferrujadas. Essas ferraduras serão substituídas por outras novas, dentro do prazo máximo de 90 dias.

Art. 19. As ferraduras de reserva dos animais julgados incapazes para o serviço ou que morrerem, serão restituídas à Oficina de Ferradaria, que as empregará no ferrageamento de outros.

Art. 20. Em todo Corpo de Tropa ou Formação de Serviço deverão sempre existir, em estoque no Almoxarifado, os cravos correspondentes às ferraduras de *mobilização*, e na Oficina de Ferradaria, os das ferraduras suplementares, todos guardados nas embalagens originais, que mencionarão as datas de recebimento. Os pacotes desses cravos serão guardados em armário apropriados, ao abrigo de qualquer umidade, e o consumo, na Ferradaria, recairá nos recebidos há mais tempo, o mesmo sucedendo quanto aos fornecimentos feitos pelo Almoxarifado, afim de que, por esse meio, haja contínua renovação dos aludidos estoques.

Art. 21. No momento da mobilização, o estoque de ferraduras de reserva, em depósito na sub-unidade, é incorporado ao de mobilização e cada cavaleiro ou condutor recebe as ferraduras correspondentes aos seus animais, as quais são conduzidas nas bolsas apropriadas do arreiamento ou nas viaturas da sub-unidade.

Art. 22. Quando a sub-unidade tiver de operar longe do local onde ficar a Oficina de Ferradaria (manobras, destacamento fora da sede, serviço urgente, etc.), levará consigo as ferraduras de reserva, sob a sua guarda e os ferradores pertencentes ao seu efetivo e no regresso providenciará na substituição das ferraduras utilizadas.

Art. 23. Quando o Corpo ou Formação de Serviço deslocar-se de sua sede, em instrução ou por motivo de campanha, os ferradores conduzirão o material constante dos "Estojos Individuais", sendo o restante transportado na viatura da Formação Veterinária Regimental.

Art. 24. Os animais devem ser ferrados, no mínimo, uma vez por mês, mesmo que as ferraduras se gastem pouco, havendo, neste caso, somente a aparagem dos cascos e a aplicação das que ainda se encontrarem em bom estado.

Art. 25. Os comandantes de sub-unidades revistarão, com frequência, os cascos dos animais sob a sua jurisdição, competindo-lhes mandar apresentar à Oficina de Ferradaria todo aquele que for encontrado necessitando de seus cuidados.

Art. 26. As sub-unidades registarão, em caderno a isso destinado, as datas em que seus animais forem ferrados, afim de evitar que seja exercido o prazo de que trata o art. 24, devendo os respectivos comandantes conduzirem o caderno em apreço, por ocasião das revistas sanitárias gerais da cavaliada.

Art. 27. Nas Formações Veterinárias Regimentais em que servirem dois ou mais oficiais, o respectivo chefe poderá designar um seu auxiliar para dirigir os trabalhos da Oficina de Ferradaria, competindo a este as atribuições previstas nos artigos 2.º e 3.º, parágrafo único, por cuja execução responderá perante o aludido chefe.

Art. 28. Os cavalos de montaria de oficiais, quando de propriedade dos mesmos e forrageados pela Unidade, serão forrados nas mesmas condições que os dela, inclusive quanto às ferraduras especiais previstas na letra c do art. 3.º.

Art. 29. O encarregado da Oficina de Ferradaria registrará, cronologicamente, no mapa do modelo II, o movimento da sua oficina, por ocasião das revistas sanitárias gerais da cavaliada, conduzindo consigo o mapa em apreço.

Art. 30. Até o dia 5 de cada mês, a Formação Veterinária Regimental conferenciará, em 3 vias, o mapa do modelo III, destinando-se:

a) A 1.ª via à chefia regional do Serviço de Veterinária, ou à Sub-Diretoria dos Serviços de Remonta e Veterinária.

b) a 2.ª via à Fiscalização Administrativa que, *ex-vid* do art. 146, do Regulamento de Administração do Exército, providenciará a respeito da publicação em Boletim Interno do total de solípedes ferrados e do consequente consu-

mo de cravos, ferro e carvão constantes do mencionado mapa;

c) a 3.^a via ao arquivo da própria Formação Veterinária.

Art. 31. Até o dia 10 de janeiro, as chefias regionais do Serviço de Veterinária enviarão à Sub-Diretoria dos Serviços de Remonta e Veterinária um mapa discriminativo do movimento das Oficinas de Ferradaria de todas as Unidades Administrativas delas dependentes, referentes ao ano anterior e confeccionado de acordo com o modelo IV.

Art. 32. A 2.^a Secção da 2.^a Divisão da Sub-Diretoria dos Serviços de Remonta e Veterinária confeccionará, em duas vias, um mapa de acordo com o modelo V, anexando a 1.^a via do Relatório do ano, a que pertencer o aludido mapa e recolhendo a 2.^a via ao seu arquivo.

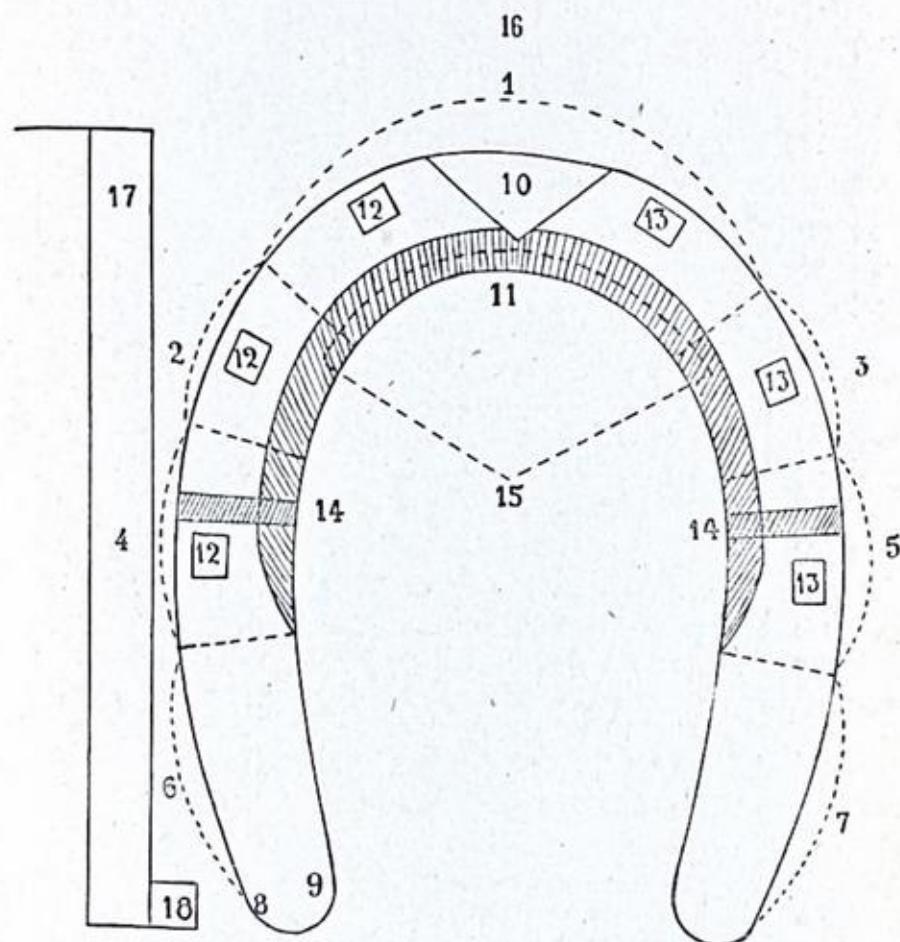
Art. 33. As Formações Veterinárias dos Corpos e Estabelecimentos não subordinados ao Comando da Região Militar onde se acham os mesmos sediados, passam a despedir das respectivas chefias regionais do Serviço de Veterinária, a partir da data da publicação destas Instruções, em tudo que esteja nelas previsto.

Parágrafo único. As unidades Administrativas localizadas na 1.^a Região Militar, mas, não subordinadas ao comando desta ficam na dependência da Sub-Diretoria dos Serviços de Remonta e Veterinária, à qual remeterão o mapa de que trata o art. 30 da letra a.

Art. 34. O Depósito Central de Material Veterinário mandará imprimir, no Estabelecimento de Material de Intendência do Rio, o mapa do modelo III, para fornecimento às Unidades Administrativas, mediante prévia indenização.

Parágrafo único. Dentro de seis meses, todas as Unidades Administrativas dotadas de Oficina de Ferradaria, deverão possuir o mapa de que trata este artigo.

Art. 35. Estas Instruções vigoraram a partir de sua publicação, ficando revogadas todas as disposições ministeriais anteriores, atinentes ao assunto de que elas cogitam.



- 1 — Pinça.
- 2 — Ombro interno.
- 3 — Ombro externo.
- 4 — Quarto interno.
- 5 — Quarto externo.
- 6 — Tacão interno.
- 7 — Tacão externo.
- 8 — Bordo externo (beirada).
- 9 — Bordo interno.

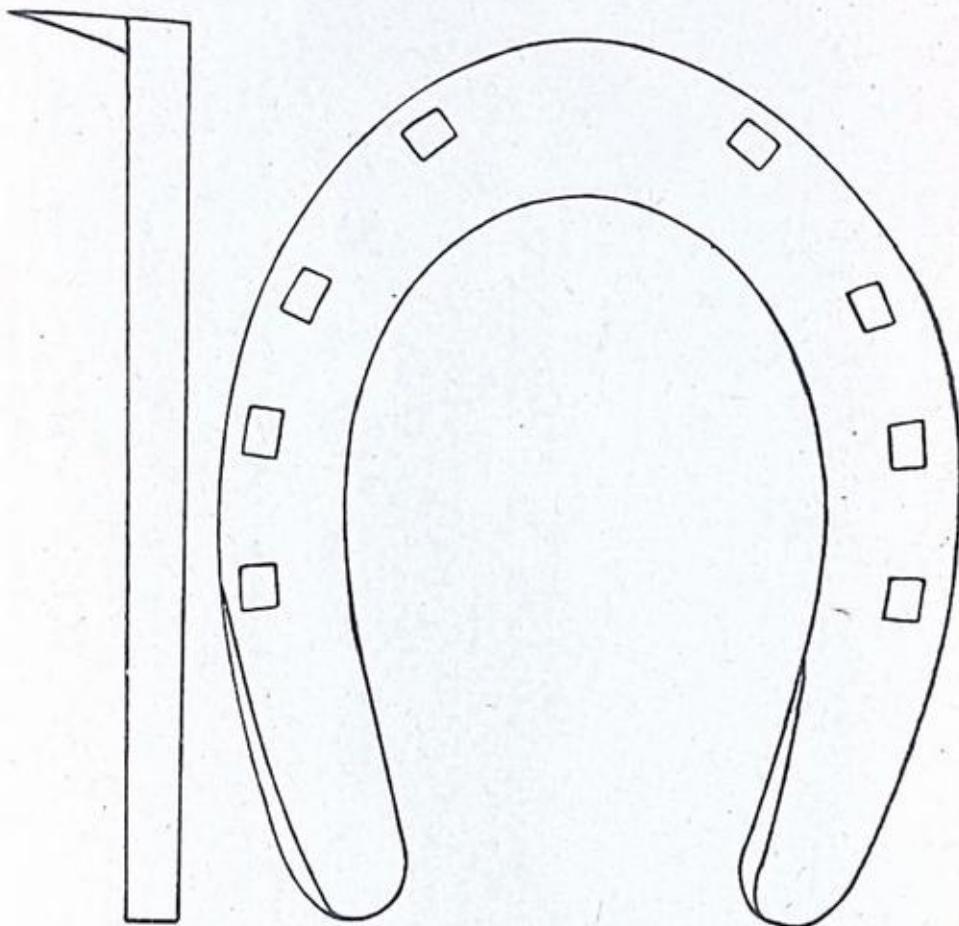
- 10 — Arrebite ou guarda casco.
- 11 — Abóbada.
- 12 — Craveiras (por fora).
- 13 — Craveiras (por dentro).
- 14 — Corpo ou largura.
- 15 — Justura.
- 16 — Contorno ou forma.
- 17 — Espessura.
- 18 — Rampões.

FERRADURAS PARA CAVALOS

Quadro das bitolas e outras dimensões

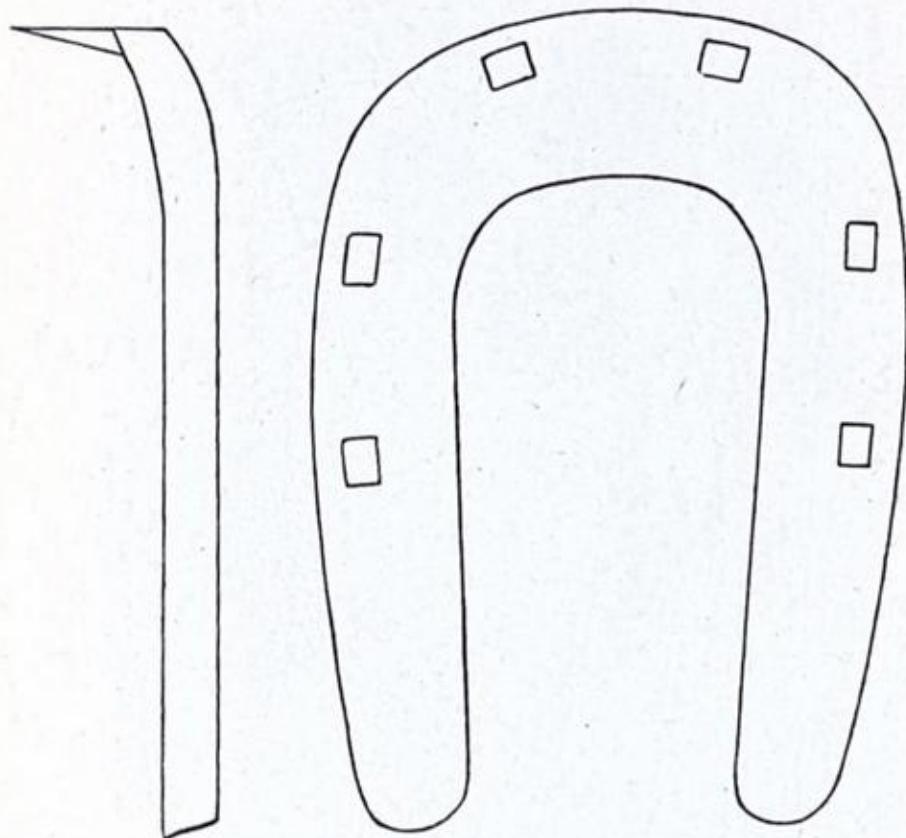
MEMBROS ANTERIORES												MEMBROS POSTERIORES													
Bitolas	Distâncias	Comprimento do bordo exterior da ferradura, medida entre as tuas e fôrmas quadradas		Número de craveiras		CORPO OU LARGURA		GUARDA CASCO OU ARREBITE		Altura		Largura na base		CORPO OU LARGURA		GUARDA CASCO OU ARREBITE		Altura		Largura na base		Número das cravos (modelo inglês)		Peso do ferro da bitola 34	
		Espessura uniforme		Na pinça e nos homíbros		Nos tacões a 15 mm da extremidade		Espessura no centro da base		Espessura a 3 mm do vértice		Número das cravos (modelo inglês)		Na pinça e nos homíbros		Nos tacões		Espessura no centro da base		Espessura a 3 mm da extremidade		Número das cravos (modelo inglês)		Peso do ferro da bitola 34	
22	32	28	32	8	9	11	13	11	13	16	18	30	16	3,5	1,5	5	7	11	13	16	18	42	45	275	275
24	34	30	34	8	9	11	13	11	13	17	19	32	16	3,5	1,5	5	7	10	12	14	16	42	45	275	275
26	36	32	36	8	9	11	13	11	13	18	20	34	18	4	1,5	6	8	11	13	15	17	35	38	275	275
28	38	34	38	10	12	14	16	12	14	19	21	35	20	4,5	2,0	6	8	11	13	15	17	37	40	275	275
30	40	36	40	10	12	14	16	12	14	20	22	35	20	4,5	2,0	6	8	11	13	15	17	37	40	275	275
32	42	38	42	10	12	14	16	12	14	22	24	37	20	5,0	2,5	7	9	11	13	15	17	37	40	275	275
34	44	40	44	10	12	14	16	12	14	24	26	39	20	5,5	3,0	8	10	12	14	16	18	37	40	275	275
36	46	42	46	10	12	14	16	12	14	26	28	41	20	6,0	3,5	9	11	13	15	17	19	37	40	275	275
38	48	44	48	10	12	14	16	12	14	28	30	43	20	6,5	4,0	10	12	14	16	18	20	37	40	275	275
40	50	46	50	10	12	14	16	12	14	30	32	45	20	7,0	4,5	11	13	15	17	19	21	37	40	275	275
42	52	48	52	10	12	14	16	12	14	32	34	47	20	7,5	5,0	12	14	16	18	20	22	37	40	275	275
44	54	50	54	10	12	14	16	12	14	34	36	49	20	8,0	5,5	13	15	17	19	21	23	37	40	275	275
46	56	52	56	10	12	14	16	12	14	36	38	51	20	8,5	6,0	14	16	18	20	22	24	37	40	275	275
48	58	54	58	10	12	14	16	12	14	38	40	53	20	9,0	6,5	15	17	19	21	23	25	37	40	275	275
50	60	56	60	10	12	14	16	12	14	40	42	55	20	9,5	7,0	16	18	20	22	24	26	37	40	275	275
52	62	58	62	10	12	14	16	12	14	42	44	57	20	10,0	7,5	17	19	21	23	25	27	37	40	275	275
54	64	60	64	10	12	14	16	12	14	44	46	59	20	10,5	8,0	18	20	22	24	26	28	37	40	275	275
56	66	62	66	10	12	14	16	12	14	46	48	61	20	11,0	8,5	19	21	23	25	27	29	37	40	275	275
58	68	64	68	10	12	14	16	12	14	48	50	63	20	11,5	9,0	20	22	24	26	28	30	37	40	275	275
60	70	66	70	10	12	14	16	12	14	50	52	65	20	12,0	9,5	21	23	25	27	29	31	37	40	275	275
62	72	68	72	10	12	14	16	12	14	52	54	67	20	12,5	10,0	22	24	26	28	30	32	37	40	275	275
64	74	70	74	10	12	14	16	12	14	54	56	69	20	13,0	10,5	23	25	27	29	31	33	37	40	275	275
66	76	72	76	10	12	14	16	12	14	56	58	71	20	13,5	11,0	24	26	28	30	32	34	37	40	275	275
68	78	74	78	10	12	14	16	12	14	58	60	73	20	14,0	11,5	25	27	29	31	33	35	37	40	275	275
70	80	76	80	10	12	14	16	12	14	60	62	75	20	14,5	12,0	26	28	30	32	34	36	37	40	275	275
72	82	78	82	10	12	14	16	12	14	62	64	77	20	15,0	12,5	27	29	31	33	35	37	37	40	275	275
74	84	80	84	10	12	14	16	12	14	64	66	79	20	15,5	13,0	28	30	32	34	36	38	37	40	275	275
76	86	82	86	10	12	14	16	12	14	66	68	81	20	16,0	13,5	29	31	33	35	37	39	37	40	275	275
78	88	84	88	10	12	14	16	12	14	68	70	83	20	16,5	14,0	30	32	34	36	38	40	37	40	275	275
80	90	86	90	10	12	14	16	12	14	70	72	85	20	17,0	14,5	31	33	35	37	39	41	37	40	275	275
82	92	88	92	10	12	14	16	12	14	72	74	87	20	17,5	15,0	32	34	36	38	40	42	37	40	275	275
84	94	90	94	10	12	14	16	12	14	74	76	89	20	18,0	15,5	33	35	37	39	41	43	37	40	275	275
86	96	92	96	10	12	14	16	12	14	76	78	91	20	18,5	16,0	34	36	38	40	42	44	37	40	275	275
88	98	94	98	10	12	14	16	12	14	78	80	93	20	19,0	16,5	35	37	39	41	43	45	37	40	275	275
90	100	96	100	10	12	14	16	12	14	80	82	95	20	19,5	17,0	36	38	40	42	44	46	37	40	275	275
92	102	98	102	10	12	14	16	12	14	82	84	97	20	20,0	17,5	37	39	41	43	45	47	37	40	275	275
94	104	100	104	10	12	14	16	12	14	84	86	99	20	20,5	18,0	38	40	42	44	46	48	37	40	275	275
96	106	102	106	10	12	14	16	12	14	86	88	101	20	21,0	18,5	39	41	43	45	47	49	37	40	275	275
98	108	104	108	10	12	14	16	12	14	88	90	103	20	21,5	19,0	40	42	44	46	48	50	37	40	275	275
100	110	106	110	10	12	14	16	12	14	90	92	105	20	22,0	19,5	41	43	45	47	49	51	37	40	275	275
102	112	108	112	10	12	14	16	12	14	92	94	107	20	22,5	20,0	42	44	46	48	50	52	37	40	275	275
104	114	110	114	10	12	14	16	12	14	94	96	109	20	23,0	20,5	43	45	47	49	51	53	37	40	275	275
106	116	112	116	10	12	14	16	12	14	96	98	111	20	23,5	21,0	44	46	48	50	52	54	37	40	275	275
108	118	114	118	10	12	14	16	12	14	98	100	113	20	24,0	21,5	45	47	49	51	53	55	37	40	275	275
110	120	116	120	10	12	14	16	12	14	100	102	115	20	24,5	22,0	46	48	50	52	54	56	37	40	275	275
112	122	118	122	10	12	14	16	12	14	102	104	117	20	25,0	22,5	47	49	51	53	55	57	37	40	275	275
114	124	120	124	10	12	14	16	12	14	104	106	119	20	25,5	23,0	48	50	52	54	56	58	37	40	275	275
116	126	122	126	10	12	14	16	12	14	106	108	121	20	26,0	23,5	49	51	53	55	57	59	37	40	275	275
118	128	124	128	10	12	14	16	12	14	108	110	123	20	26,5	24,0	50	52	54	56	58	60	37	40	275	275
120	130	126	130	10	12	14	16	12	14	110	112	125	20	27,0	24,5	51	53	55	57	59	61	37	40	275	275
122	132	128	132	10	12	14	16	12	14	112	114	127	20	27,5	25,0	52	54	56	58	60	62	37	40	275	275
124	134	130	134	10	12	14	16	12	14	114	116	129	20	28,0	25,5	53	55	57	59	61	63	37	40	275	275
126	136	132	136	10	12	14	16	12	14	116	118	131	20	28,5	26,0	54	56	58	60	62	64	37	40	275	275
128	138	134	138	10	12	14	16	12	14	118	120	133	20	29,0	26,5	55	57	59	61	63	65	37	40	275	275
130	140	136	140	10	12	14	16	12	14	120	122	135	20	2											

FERRADURA PARA CAVALO
Ferro posterior — Bitola 34

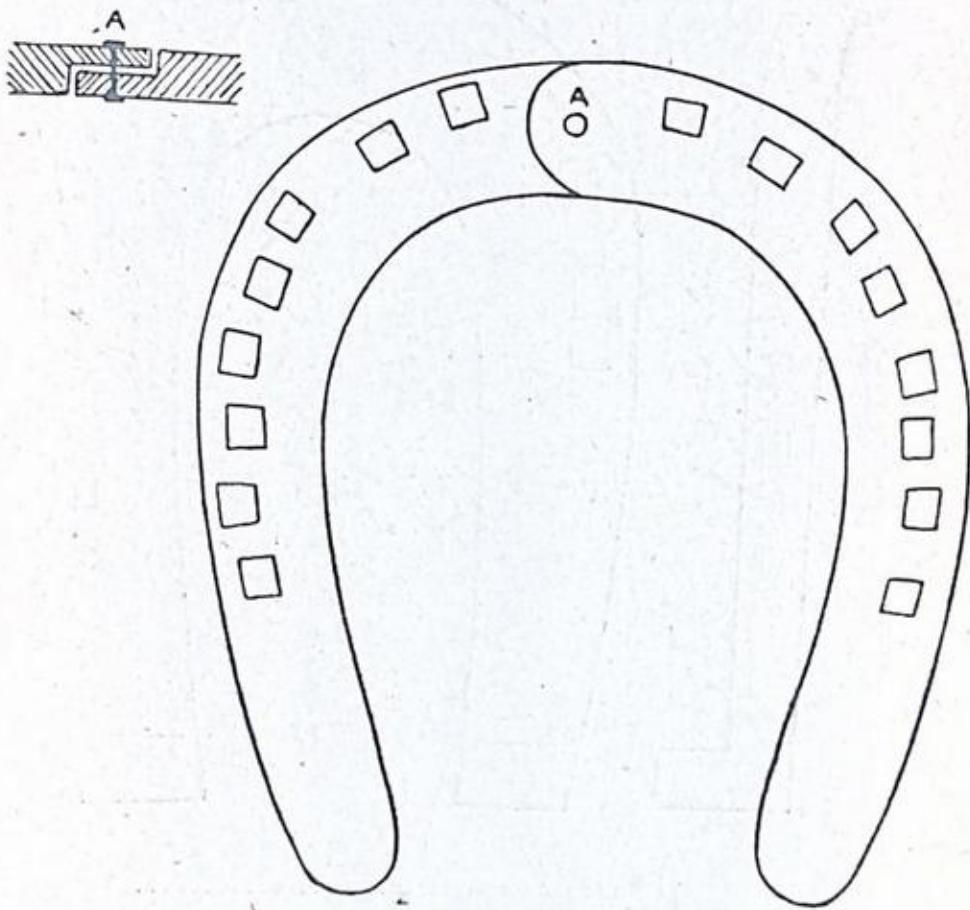


N. 34 (posterior).....	Número de craveiras.....	8
	Espessura.. { Na pinça.....	11 m/m
	{ Nos tacões.....	9 m/m
	Corpo..... { Na pinça e ombros.....	26 m/m
	{ Nos tacões a 15 m/m da extremidade	18 m/m
	Arrebite.... { Largura na base.....	37 m/m
	{ Altura	20 m/m
	{ Espessura no centro da base	5 m/m
	{ Espessura a 3 m/m do vértice	1,5 m/m
	Número dos cravos, modelo inglês.....	N. 7
	Peso do ferro.....	475 grs.

FERRADURA PARA MUAR

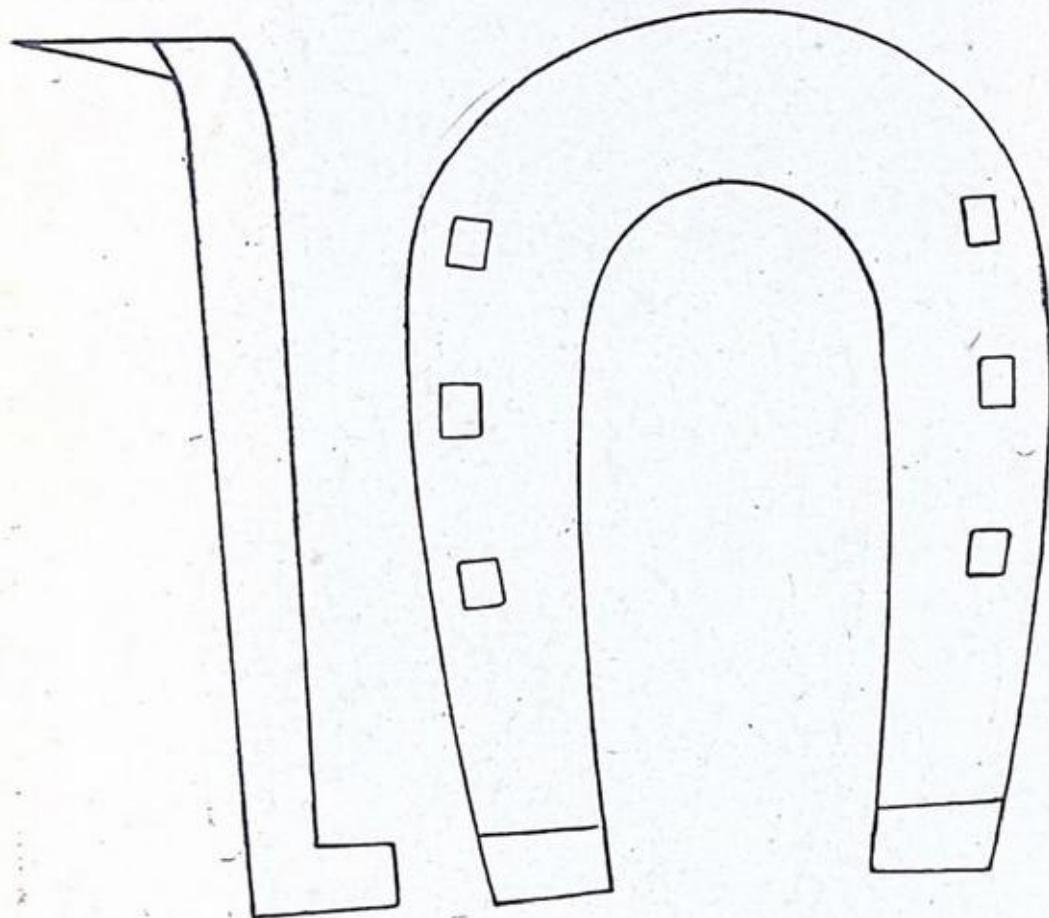
Ferro anterior — Bitola 28

N. 28 (anterior)....	Comprimento do bordo externo da ferradura, medido como se fossem quadrados os tacões.....	27,5—28,5 m/m
	Número de craveiras.....	6
	Espessura uniforme.....	9 m/m
	Corpo	24 m/m
	Corpo	Nos tacões a 15 m/m
		da extremidade.... 17 m/m
	Arrebite	Altura 18 m/m
		Largura na base.... 30 m/m
	Arrebite	Espessura no centro
		da base..... 4 m/m
		Espessura a 3 m/m
		do vértice..... 1,7 m/m
	Número dos cravos, modelo inglês....	N. 6
	Peso do ferro.....	330 grs.



Ferro articulado ou ferro para qualquer pé

FERRADURA PARA MUAR

Ferro posterior — Bitola 28

N. 28 (posterior).....

Número de craveiras.....	6
Espessura.....	{ Na pinça..... Nos tacões.....
Corpo.....	{ Na pinça e ombros..... Nos tacões a 15 m/m da extremidade
Arrebite.....	{ Altura Largura na base..... Espessura no centro da base Espessura a 2 m/m do vértice
Número dos cravos, modelo inglês.....	375 grs.
Peso do ferro.....	N. 6

FERRADURAS PARA MUARES

Quadro das bitolas e outras dimensões

Bitolas		MEMBROS ANTERIORES																MEMBROS POSTERIORES														
		Guarda Casco ou Arredite								Guarda Casco ou Arredite								Guarda Casco ou Arredite								Guarda Casco ou Arredite						
Nº	Bitolas cm's.	Largura m/m	Altura m/m	Largura na base m/m	Espessura no centro da base m/m	Espessura no centro da base do vértice m/m	Nº de cravos (modelo inglês)	Peso do ferro da bitola 28 grs.	Nº	Bitolas cm's.	Largura m/m	Altura m/m	Largura na base m/m	Espessura no centro da base m/m	Espessura no centro da base do vértice m/m	Nº de cravos (modelo inglês)	Peso do ferro da bitola 28 grs.	Nº	Bitolas cm's.	Largura m/m	Altura m/m	Largura na base m/m	Espessura no centro da base m/m	Espessura no centro da base do vértice m/m	Nº de cravos (modelo inglês)	Peso do ferro da bitola 28 grs.						
26	26 H H + H L 9,5	6	8	23	16	16	28	3,5	1,5	5	330	9	7	24	16	30	18	4,0	1,5	5	375	1,41										
28	28 H H + H L 9,5	6	9	24	17	18	30	4	1,7	6	grs.	10	8	25	17	32	20	4,2	1,5	5	375	1,41										
30		6	9	24	17	18	30	4	1,7	6	10	8	25	17	32	20	4,5	1,5	5	375	1,41											
32		6	9	25	18	18	32	4,2	1,7	6	10	8	26	18	34	20	4,5	1,5	5	375	1,41											

OBSERVAÇÕES

Para as regiões montanhosas, convém prever rampões fixos para as ferraduras posteriores. As dimensões dos rampões serão: Altura — a espessura do ferro na pinça; Largura e Espessura — a dos tacões.

Tolerâncias — Para as dimensões do corpo ou largura: mais ou menos 1 m/m.

Para espessura, largura e altura dos guarda-cascos: mais ou menos ,5 m/m.

TABELA PARA AS MEDIDAS DAS CRAVEIRAS

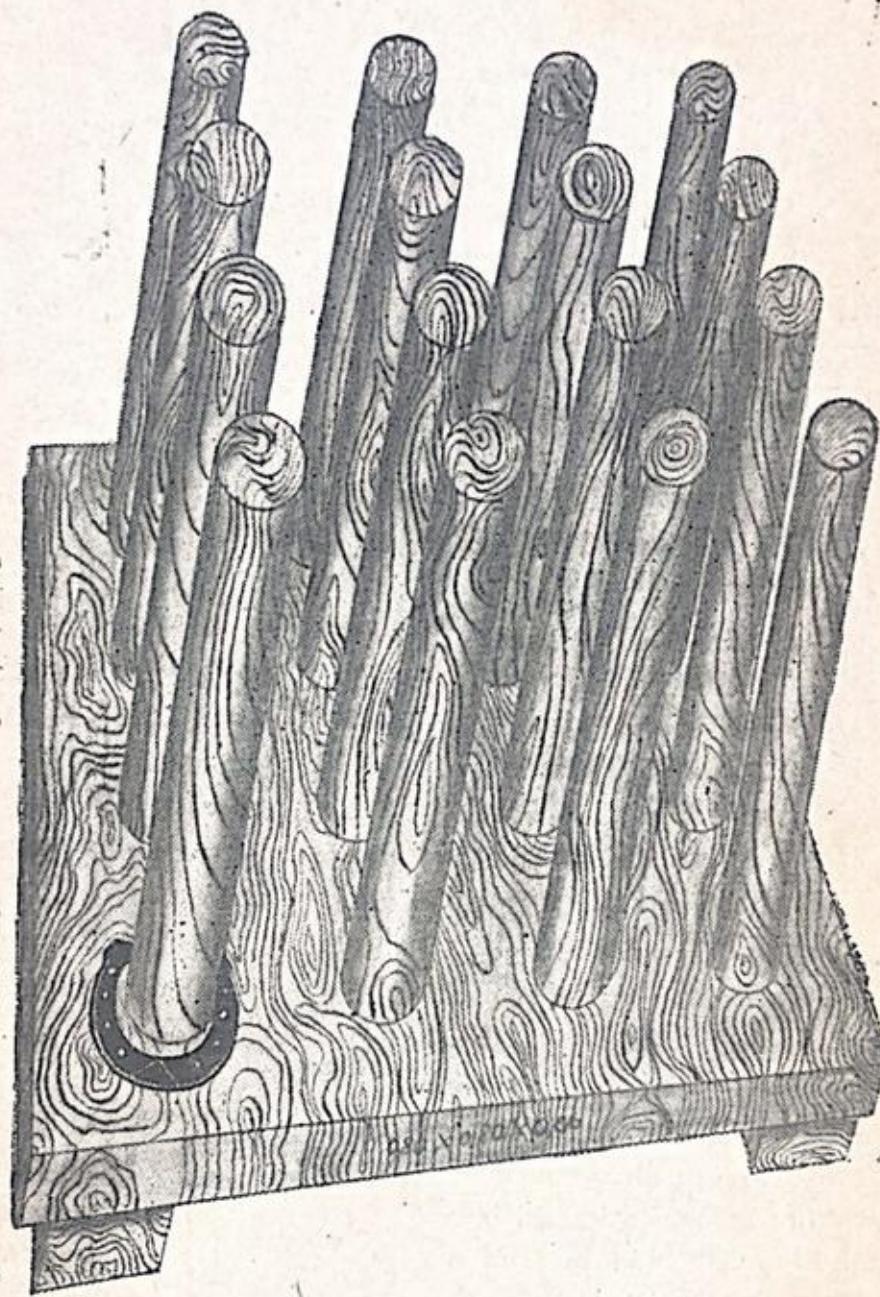
ANTERIORES

Bitolas..... 26 28 30 32
Distâncias..... 34 m/m 36 m/m 38 m/m

POSTERIORES

Bitolas..... 26 28 30 32
Distâncias..... 44 m/m 47 m/m 50 m/m 53 m/m

MODELO





RICA em malte, a Malzbier da Brahma é uma cerveja nutritiva por excelencia. Equilibra as refeições deficientes e torna os alimentos mais assimilaveis pelo organismo. A Malzbier da Brahma — ligeiramente adocicada — é leve, saudavel e refrescante. Acaba com a sede e nutre. No seu almoço, lanche ou jantar, lembre-se sempre da Malzbier da Brahma. É uma bebida que dá o que seu paladar pede: delicioso sabor.



Malzbier DA BRAHMA

CIA. CERVEJARIA BRAHMA SOCIEDADE ANÔNIMA BRASILEIRA — RIO DE JANEIRO — SÃO PAULO

MAPA DEMONSTRATIVO DO MOVIMENTO DA OFICINA DE FERRADURA DESTA UNIDADE ADMINISTRATIVA NO MÊS ACTUAL REFERIDO

Nº Série Ferradura	Tipo de terradura emergente	NÚMERO SERIADO DAS FERRADURAS EXPRESSAS	MOVIMENTO DO MATERIAIS			
			De envel.	De usar	Ferraduras de revere (2)	
Cavalos	Muares					
	Regulamentar					
	Corretivo ou patológico					
	Especial					
		28				
		30				
		32				
		34				
		36				
		38				
Passagem do mês anterior		26				
		28				
		30				
		32				
		34				
		36				
		38				
		40				
		42				
		44				
Confeccionadas		46				
		48				
		50				
		52				
		54				
		56				
		58				
		60				
		62				
		64				
Utilizadas (3)		66				
		68				
		70				
		72				
		74				
		76				
		78				
		80				
		82				
		84				
Ficam existindo		86				
		88				
		90				
		92				
		94				
		96				
		98				
		100				
		102				
		104				
Passagem do mês anterior		106				
		108				
		110				
		112				
		114				
		116				
		118				
		120				
		122				
		124				
Confeccionadas		126				
		128				
		130				
		132				
		134				
		136				
		138				
		140				
		142				
		144				
Utilizadas (6)		146				
		148				
		150				
		152				
		154				
		156				
		158				
		160				
		162				
		164				
Ficam existindo		166				
		168				
		170				
		172				
		174				
		176				
		178				
		180				
		182				
		184				
Passagem do mês anterior		186				
		188				
		190				
		192				
		194				
		196				
		198				
		200				
		202				
		204				
Recebidas		206				
		208				
		210				
		212				
		214				
		216				
		218				
		220				
		222				
		224				
Consumidas		226				
		228				
		230				
		232				
		234				
		236				
		238				
		240				
		242				
		244				
Ficam existindo		246				
		248				
		250				
		252				
		254				
		256				
		258				
		260				
		262				
		264				
Passagem do mês anterior		266				
		268				
		270				
		272				
		274				
		276				
		278				
		280				
		282				
		284				
Recebidas		286				
		288				
		290				
		292				
		294				
		296				
		298				
		300				
		302				
		304				
Consumido		306				
		308				
		310				
		312				
		314				
		316				
		318				
		320				
		322				
		324				
Ficam existindo		326				
		328				
		330				
		332				
		334				
		336				
		338				
		340				
		342				
		344				

NOTAS EXPLICATIVAS

11. Coeficiente de 0,051 de 0,33 X 0,44

12. Coeficiente de 0,051 de 0,33 X 0,44

13. Só é considerada a parte da ferradura que não é utilizada (parte que não é utilizada) (art. 17, letra a).

14. Art. 17, letra a, do Decreto-Lei n.º 100, de 19 de Julho de 1942.

15. Só é considerada a parte da ferradura que não é utilizada (parte que não é utilizada) (art. 17, letra a).

16. Só é considerada a parte da ferradura que não é utilizada (parte que não é utilizada) (art. 17, letra a).

17. Non utilizadas (art. 17, letra a).

18. Non utilizadas (art. 17, letra a).

19. Non utilizadas (art. 17, letra a).

20. Non utilizadas (art. 17, letra a).

21. Non utilizadas (art. 17, letra a).

22. Non utilizadas (art. 17, letra a).

Vol. Chave

23. Só é considerada a parte da ferradura que não é utilizada (parte que não é utilizada) (art. 17, letra a).

24. Só é considerada a parte da ferradura que não é utilizada (parte que não é utilizada) (art. 17, letra a).

25. Só é considerada a parte da ferradura que não é utilizada (parte que não é utilizada) (art. 17, letra a).

26. Só é considerada a parte da ferradura que não é utilizada (parte que não é utilizada) (art. 17, letra a).

27. Só é considerada a parte da ferradura que não é utilizada (parte que não é utilizada) (art. 17, letra a).

28. Só é considerada a parte da ferradura que não é utilizada (parte que não é utilizada) (art. 17, letra a).

29. Só é considerada a parte da ferradura que não é utilizada (parte que não é utilizada) (art. 17, letra a).

30. Só é considerada a parte da ferradura que não é utilizada (parte que não é utilizada) (art. 17, letra a).

31. Só é considerada a parte da ferradura que não é utilizada (parte que não é utilizada) (art. 17, letra a).

32. Só é considerada a parte da ferradura que não é utilizada (parte que não é utilizada) (art. 17, letra a).

OFICINA DE FERRADURAS

MAPA DE REGISTO DO MOVIMENTO DESTA OFICINA NO MÊS ACIMA

Espinho	Sub-Unidade	N.	Data do ferrasseamento	FERRAGEMENTO ANTERIOR (3)		Tipo das ferraduras empregadas	Bitola	Quantidade de ferraduras empregadas		FERRADURAS CONFECCIONADAS			Ferro consumido (5)	Cavalo consumido (6)	Observações	
				Dia	Mês			Reserva	Suplementares	Mobilidade	Para consumo (4)					
Cav.....	1º Esq.	35	1	1	12	Reg. Reg.	32	4	26	12	4	4	8	12	6	O muar n. 2 estava na invernada.
Muar....	2º Esq.	2	1	10	8		28	4	27							
Soma (7).....																

..... Encarregado da Oficina

NOTAS EXPLICATIVAS:

(1) Contencionado em caderno de papel almasso pastado (0.22x0.33), continuando o registo nas páginas seguintes, até encerrarse o movimento do mês.

(2) Aposto pelo oficial que dirige a Oficina (artigo 27).

(3) A data será sempre verificada no mapa atinente ao mês em que o animal foi ferrado.

(4) No caso de 1º ferrasseamento ou de encontrar-se ele desferrado (art. 13), será isso esclarecido nas Observações.

(5) Ferraduras de qualquer tipo, confeccionadas para serem empregadas no mesmo dia ou nos subsequentes.

(6) Em que apurado no fim do dia de trabalho, mediante a soma dos pesos das ferraduras confeccionadas nesse dia, descontando-se

MANUAL DO FERRADOR

FERRAGEM DO MUAR

O pé é aparado como o do cavalo em aprumo e no grau desejado; faz-se uma ligeira toilette na ranilha e nas barras.

A pinça não deve ser truncada ou cortada, como se pratica muitas vezes; uma ligeira raspagem com a grossa é suficiente para conservar ao casco a sua forma natural.

A ferradura do muar coloca-se também como a do cavalo.

Será bom entretanto só fazer uso de cravos de lâminas delgadas e tomar muitas precauções no pregar os cravos dos quartos, por causa da dureza da córnea e de sua fraca espessura nessa região.

VANTAGENS DA FERRADURA REGULAMENTAR

Vantagens — A ferradura regulamentar do exército brasileiro apresenta vantagens que são de três espécies: fisiológicas, econômicas e militares.

Fisiológicas — É uma ferradura racional, que mantém intactos os aprumos do cavalo, não afasta a ranilha do solo, tem ajustamento adaptado à conformação anatômica do pé, craveiras colocadas de modo que correspondem à espessura normal da parede interna ou da parede externa do casco, tacões facetados obliquamente de cima para baixo, indispensáveis para evitar as codilheiras (sempre provocadas, no decúbito do animal, pela pressão da parte terminal da ferradura, isto é, dos tacões sobre os tecidos vivos da articulação do cotovelo) e ausência completa da guarnição para dentro (causa frequente de desferramento e de feridas da quartela e do boleto do pé oposto).

Econômicas — O corpo ou largura da ferradura é tal que lhe dá, sem exagero, resistência suficiente ao gasto, evitando os

escorregamentos e permitindo ao ferrador modificar facilmente o contorno a frio, de acordo com o pé.

As craveiras moldadas sobre o formato dos cravos permitem gastar a ferradura até o extremo limite, pois ambas as cousas (cravos e ferraduras) gastam-se simultaneamente.

Por outro lado, está reconhecido e demonstrado que o cavalo gasta as ferraduras principalmente nas pinças, sendo assim inútil sobrecarregar e aumentar a espessura dos tacões, que só se gastam quando a pinça é re ((falta original))

FERRADURAS ESPECIAIS

As ferraduras especiais ou excepcionais são as que se empregam para os pés defeituosos, irregularidade de marcha, tratamento dos acidentes da ferração ou doenças do pé.

Qualificam-nas também de ferraduras corretivas ou ferraduras patológicas.

As principais são:
 as ferraduras cobertas;
 as ferraduras espessas e cobertas;
 as ferraduras truncadas;
 as ferraduras de tacões reunidos;
 as ferraduras de tacões obliquos;
 as ferraduras de mola;
 as ferraduras Poret;
 as ferraduras Charlier;
 as ferraduras articuladas.

I — FERRADURA COBERTA

Chamaremos ferraduras cobertas, a todas aquelas cuja cobertura for superior à da ferradura regulamentar. Esta cobertura especial pode ser geral ou local, e deve estar em relação com o fim a preencher que é:

- 1.º diminuir o gasto da ferradura;
- 2.º proteger todo o casco ou parte dele;
- 3.º dar mais guarnição numa certa região;
- 4.º ajudar a fazer curativos.

1.º **Diminuir o gasto da ferradura** — De fato, a cobertura regulariza o desgaste; em geral, uma ferradura estreita gasta-se mais depressa do que uma coberta; por esta razão, as regiões da ferradura que se gastam mais, como a pinça e os hombros da ferradura dianteira e da trazeira, e, as mais das vezes, o ramo exterior da ferradura trazeira, têm necessidade de mais cobertura do que as outras regiões.

2.º **Esta cobertura protege** as regiões adelgaçadas, doloro-

sas ou vulneraveis da sola; assim ela é indicada no caso de sola muito aparada ou muito fina na pinça ou no quarto, de ferida da sola nestas regiões, de encravadura que tenha necessitado o adelgaçamento da sola, enfim da sola deformada pelo aguamento ou em caso de bleimas.

3.^o Ela serve para dar mais guarnição a um quarto apertado, alterado; para conservar ao pé o seu equilíbrio normal e ao mesmo tempo proteger a região deformada e amortecer-lhe as percussões de apoio.

4.^o Ela ajuda, enfim, a fazer curativos sumários, a manter estôpas, talas, placas de couro ou chapas fixas ou moveis. As ferraduras cobertas têm, pois grandes vantagens.

A espessura destas ferraduras é ordinariamente menor do que as das ordinárias, quando não é util aumentar o peso da ferradura, o que tem, como se sabe, um efeito salutar nos pés sensíveis e doentes, pois amortece as percussões do apoio, donde lhes vem o nome, às vezes, de ferraduras amortecedoras.

Sua aplicação não reclama nenhuma indicação particular, entretanto, nos pés de sola gasta ou sensivel, ou de talões muito baixos, convém aplicar as ferraduras cobertas a frio.

Entre as ferraduras cobertas distinguem-se :

- a) a ferradura coberta e meio coberta;
- b) a ferradura de ramo (externo ou interno) coberto;
- c) a ferradura de tacão coberto;
- d) a ferradura de pinça coberta;
- e) a ferradura à caractére.

A) A ferradura é coberta ou meio coberta conforme a sua largura entre as duas ribas. Em certas ferraduras cobertas a cobertura esconde a sola completamente e não deixa de fora senão a ranilha. Naturalmente a cobertura varia com o fim que se quer atingir.

A ferradura coberta convém sobretudo aos pés cuja sola é sensivel, por exemplo, aos pés abaulados ou aguados.

Correntemente empregam-na para os pés chatos; neste caso não é uma ferradura excepcional, mas a que convém à conformação e à extensão natural da sola. A ferradura coberta ajunta-se com frequência uma placa de couro.

B) Ferradura de ramo coberto — O excesso de cobertura dado a um dos ramos é proporcional à extensão da superficie a cobrir e serve para proporcionar, ao mesmo tempo, mais guarnição.

Por vezes coloca-se um guarda-casco lateral para dar mais solidez à ferradura. Apropria-se ao caso de quarto apertado, reentrado, contornado, em círculo e, a mais das vezes, fugidio. de talão acalcanhada, bleimoso, de fórmas cartilaginosas. É quasi

sempre indicado colocar uma lâmina de couro do lado do ramo coberto, para retificar o aprumo ou o desgaste e amortecer as percussões de apoio no quarto ou no talão em via de deformação ou deformado.

C) Ferradura com um tacão coberto — Ordinariamente é o tacão interno que se cobre a partir da última craveira, afim de proteger o talão bleimoso, adelgaçado ou contornado, e sustentar o curativo provisório, feito com estôpa alcatroada. Utiliza-se, principalmente esta ferradura em marcha, martelando o tacão da ferradura trazida pelo cavalo, afim de alargá-lo e liga-se novamente a mesma ferradura até que se possa mudá-la pela de ramo coberto, de lâmina ou de travessa.

D) Ferradura de pinça coberta — Pôde confundir-se com a ferradura coberta, cuja justura e cobertura são maiores somente na pinça. É empregada para o pé muito aparado, usado ou adelgaçado na pinça, e sensível nesta região, e ferido ou queimado na sola. É ainda uma ferradura cuja pinça coberta se prolonga na ponta, e fica mais ou menos comprida e levantada (craveiras em ramos aproximados dos tacões).

Esta ferradura tem guarnição na pinça, um a dois centímetros a mais. É empregada no caso de raça na pinça, complicada e operada por evulsão e também, após a tenotomia, como ferragem de pé topinho, torto na quartela. Pôde pôr-se nesta categoria a ferradura pinçante, que é ferradura trazeira meio coberta e mais espessa na pinça que a ferradura ordinária, furada nos ramos, de pinça levantada desprovida de craveiras, mas com guarda-casco alto e forte, tendo também rompões cuja altura mede o afastamento dos talões ao solo.

Emprega-se para o pé pinçante e para o pé dito topinho, que tem a parede perpendicular na pinça e os talões elevados.

Pôde utilizar-se ainda para os cavalos que, não sendo pinçantes, gastam muito a pinça. Neste caso suprimem-se os rompões.

E) Ferradura à caractére — E' destinada a proteger os pés fugidios, estragados, de parede apertada ou gretada.

É meio coberta e pouco espessa; tem dois ou três guarda-cascos altos, largos, delgados, finos, e as craveiras irregularmente distribuídas nas regiões onde a parede córnea é boa. Os guarda-cascos laterais, próprios para consolidar a ferradura, estão levantados, já nos ombros, já nos quartos, para corresponder às brechas da parede e sustent a "gutta percha", que pode ser empregada para fechá-las. Justura mais ou menos acusada consoante as necessidades — De preferência, esta ferradura deve ser aplicada a frio, com cravos de lâmina fina, pregados o mais alto possível, para aumentar-lhe a solidez, sem se ocupar com a simetria dos rebites.

A ferradura à caractére deve durar o maior tempo possível.

afim de conservar a parede e permitir ao pé a volta ao seu estado normal.

II -- FERRADURAS ESPESSAS OU NUTRIDAS

São ferraduras espessas numa região para remediar defeitos de aprumo de gasto ou de andaduras; correspondem a indicações excepcionais.

1.º Ferraduras de tacões espessos — É a ferradura de ramos progressivamente espessos, dos ombros aos tacões, destinados a elevar os talões e também os quartos. É mais fina e mais coberta na pinça que a ferradura ordinária; sua espessura nos tacões varia conforme a altura dos talões. Na ferradura a quente é necessário ter cuidado em esfriar os tacões antes de apoiá-los no ensaio.

Em vez de empregar as ferraduras espessas, é preferível procurar obter o mesmo resultado utilizando a ferradura ordinária e aumentando-lhe a altura dos tacões por meio de lâminas de couro. Para o mesmo fim, acham-se no comércio os taloezinhos de borracha de Bellamy e de Lacombe. A lâmina de couro, dobrada nos talões e afinada em sua parte anterior, é fixada à ferradura pelo último ou, melhor, pelos dois últimos cravos. Às vezes, são necessárias duas espessuras de couro.

Esta ferradura recomenda-se para os pés de talões muito baixos, muito adelgaçados e também para os pés baixos dum quarto, de talão reentrado e acalcanhado (ferradura de um único ramo forrado de couro para restabelecer o aprumo). É ainda empregada nos cavalos de tração pesada, em que ela parece, por sua espessura localizada, antes amortecer as reações do solo nos talões, do que contundi-los como pensam alguns.

A ferradura de tacões espessados com o auxílio de lâminas de couro pode ser substituída vantajosamente, em casos vários, pela lâmina (chapa transversal runindo os tacões). Mas nos cavalos destinados a galopar e cujos talões são baixos, é uma ferradura que presta serviços reais, aliviando os tendões.

2.º Ferradura espessa e coberta em todas as partes — A ferradura espessa e coberta em todas as suas partes constitui a ferradura pesada amortecedora, própria não só para os cavalos de tração, que gastam muito e cujos pés têm necessidade de proteção, como para os de sela, cujos pés são sensíveis.

Possue o inconveniente de afastar a ranilha do solo e de necessitar, por causa de sua espessura, o emprego de cravos de lâmina forte.

Expõe o cavalo a desferrar-se e estraga os pés; assim, convém não utilizá-la permanentemente; deve-se examinar e consolidar frequentemente os rebites.

3.º Ferradura de ramo interno, espesso e curto — Existem

diversas variedades, que foram descritas com o nome genérico de **Ferradura a turca**, nome aliás, impróprio; outros a denominam ferradura de craveiras unilaterais. De todas as variedades existentes não nos ocuparemos senão da **ferradura de ramo interno fino e curto**. O seu ramo externo e a pinça tem as dimensões da ferradura ordinária, sem rompão, mas com um guarda-casco do lado externo. O ramo interno é adelgaçado; estreitado a partir do ombro e mantido mais curto que o externo; o ângulo inferior de sua riba externa está abatido, apagado com a lima. Craveira: 4 a 6 no ramo externo, 2 a 3 no ombro interno.

Indicações: Cavalo que se toca ou se corta.

É a melhor ferradura contra estes defeitos.

A ferradura de ramo curto e fino basta, quando aplicada somente no pé que bate na extremidade oposta; mas, geralmente o cavalo corta-se de ambos os lados; por isso a empregam geralmente em ambos os pés.

Para os cavalos de tração cuja pinça vira e abre o eixo, e que se cortam, em consequência de lesões e de taras do boleto, pode empregar-se para atenuar este defeito a mesma ferradura, cujo tacão externo é contornado por fora e munida de um rompão, tacão análogo ao das ferraduras americanas para trotadores, porém, mais comprido e mais forte.

Não é ferradura militar prática, pelo menos para os cavalos de sela. A ferradura de ramo interno curto e fino, estudada precedentemente, ou, simplesmente, a ferradura de meio-ramo com ajuda de polainas, é em geral suficiente.

Seja como for, deve-se aparar o pé de aprumo e ferrar justo por dentro.

Em consequência do gasto quasi exclusivo do ramo externo, o aprumo do pé mantém-se, visto como o acréscimo do casco e a diferença de espessura dos ramos não é bastante acusada para tornar penível a marcha do cavalo, quebrando o eixo falangeano e deslocando os ligamentos internos.

NOTA DA TESOURARIA

De ordem do Sr. Ten. Cel. Diretor deste orgão, levo ao conhecimento dos nossos ilustres assinantes das Capitais e do Interior do País que esta Tesouraria começa a receber assinaturas a partir de 1.º de Fevereiro de 1943.

Aos Exmos. Srs. Interventores Federais, Generais Comandantes das Regiões Militares, Divisões de Cavalaria, e Prefeituras das Capitais do Brasil, agradecemos o apoio moral e financeiro que nos vêm prestando.

Aos altos comandos do Exército, Unidades, Corpos, Estabelecimentos Militares e da Polícia Militar, solicitamos remeter as Guias de Remessa, pelos mesmos trânsitos já adotados em 1942.

As novas assinaturas feitas pelos Exmos. Srs. Prefeitos dos Municípios Estaduais terão preferência pelo seu caráter Oficial.

Aos Srs. Presidentes das Associações Rurais, das Sociedades Agro-Pastoris e Agro-Pecuária dos Estados do Rio Grande do Sul, Minas Gerais e São Paulo e quiçá de todo o País, para onde esta Tesouraria tem enviado milhares de cartas, exemplares de Revista, separatas e folhetos de propaganda da secção de Hipismo e propaganda da Diretoria de Remonta, a estes solicitamos a remessa dos quantitativos correspondentes a assinatura de 1943, no valor de Cr\$ 50,00.

Outrossim, devido a escassez de papel no comércio e seu elevado preço, não mais remeteremos Revistas gratuitas, salvo, aos nossos confrades de imprensa.

Quanto aos assinantes em atraso, poderão remeter, em vale Postal, ainda pela tabela antiga de Cr\$ 30,00, sobre pena de suspensão das futuras remessas.

Capital, 31 de Dezembro de 1942.

Ministério da Guerra (Edifício Marcílio Dias) 3.º and.
Sub-Diretoria dos Serviços de Remonta e Veterinária.

Visto:

J. T. VILLAS BOAS
Ten. Cel. Diretor da R. M. R. V.

JOAQUIM MARINHO PESSOA
1.º Ten. Diretor-Tesoureiro

DESDE AQUELE DIA



*parece que
os negócios tomaram
novo impulso...*

A direção da firma cabia a um sócio apenas. Por isso, os Bancos limitavam seu crédito. Não havia pleno desenvolvimento. Um dia, porém, os três sócios resolveram proteger a firma e protegerem-se mutuamente, instituindo um Seguro Comercial, na Sul América. Desde então o crédito firmou-se, os negócios aumentaram e os lucros multiplicaram-se. Siga este exemplo, o Sr. que também é comerciante!



SUL AMERICA

Companhia Nacional de
Seguros de Vida

GEN. SILVA ROCHA

Regressando do Rio Grande do Sul, onde fôra em viagem de inspecção, chegou a esta Capital na última quinzena do mês findo o Exmo. Snr. Gen. Diretor dos Serviços de Remonta e Veterinária.

S. Excia. voltou vivamente impressionado pelo muito que viu no campo das realizações uteis ao bem estar coletivo e à segurança nacional.

Tais empreendimentos atestam com eloquência o eficiente e patriótico interesse das autoridades federais e estaduais em íntima conexão com o povo, pondo em prática medidas racionais para a resolução dos mais palpitantes problemas da atualidade brasileira.

No tocante à Remonta do Exército, o grande Estado Sulino apresenta um ambiente de confiança recíproca entre os criadores de equinos e o Exército — principal comprador.

Os métodos simples e práticos de propaganda da Remonta, difundindo gratuitamente ensinamentos fundamentais aos sucessos nas atividades equinotécnicas estão produzindo os melhores resultados.

Nas Coudearias do Exército, em obediência à orientação governamental da produção planificada, trabalha-se com dinamismo e acerto: vitais problemas de higiene e de genética — animal e vegetal — em toda a enorme extensão das suas múltiplas modalidades, vêm sendo resolvidos economicamente e dentro de um critério de verdadeiro rigorismo científico.

Nos corpos de tropas, o amor ao trabalho, a disciplina e a ordem, representam como básicas colunas de ostentação da gigantesca e moderna estruturação do Brasil marchando para a Vitória.

No Rio Grande do Sul, nota-se perfeita harmonia entre o Exército, povo e autoridades civis, bem como elevado espírito de cooperação visando o engrandecimento da Pátria.

E' isto o que se conclue das serenas e ponderadas palavras do Diretor da Remonta.



GEN. FIRMO FREIRE

Despertou o mais vivo entusiasmo no seio do Exército a inscrição do nome do Chefe da Casa Militar do Presidente da República, no "Livro do Mérito".

E' realmente um chefe que encarna as virtudes dos grandes generais da História. Coragem e clareza de atitude são traços fundamentais do seu caráter. Tem demonstrado mais de uma vez, em circunstâncias excepcionalíssimas da vida nacional, que a honra deve ser sempre colocada acima dos interesses materiais.

A sua invejável inteligência, apoiada em sólida e aprimorada cultura, fornece-lhe precioso cabedal para expressar com uma visão segura donde partiu a humanidade, em que ponto ela hoje se encontra, e para onde marcha consante o determinismo histórico. Contudo, o que mais distingue o Gen. Firmino é a sua inconfundível lealdade para com os seus amigos.

E' capaz de sacrificar tudo para cumprir a palavra empenhada, o compromisso de honra assumido em qualquer emergência. Amigo dos seus amigos. E' um general em que a República deposita o máximo da sua confiança, nessa hora angustiosa em que vive a humanidade.

O quadro de veterinários, que tem no Gen. Firmino um sincero amigo, congratula-se com a tão elevada distinção que vem de merecer o ilustre Chefe.

Dê a seu filho a melhor arma para vencer!

TODOS os pais, ricos, remediados e pobres, poderão desde já formar o designio inabalável de colocar em mãos de seus filhos, a arma do triunfo certo, quando tiverem de enfrentar, no futuro, êles mesmos, as lutas do seu esforço próprio nas atividades da vida. Aos pais decididos e previdentes a PRUDÊNCIA CAPITALIZAÇÃO oferece hoje esta oportunidade.

Peça informações sem compromisso.

10.000\$000
MENSALIDADE: 20\$000
8 SORTEIOS CADA MÊS

PRUDÊNCIA CAPITALIZAÇÃO

CEL. ALCIDES ETCHGOYEN

Não podíamos deixar passar sem uma referência a promoção ao posto de Coronel do atual Chefe de Polícia.

O seu valor, como empolgante condutor de homens nos campos de batalha — chefe capaz de transformar em vitórias espetaculares situações críticas e prenunciadoras de irremediáveis desastres — já é bastante conhecido. Seival e Catiguá valem por significativas consagrações, porque são realmente feitos d'armas que serão apontados como exemplo à posteridade.

Hoje, que a humanidade se encontra em uma situação transitória, entre um período histórico que, por ter completado o seu ciclo-evolutivo, de há muito declinou para o olvido do aniquilamento, como um indivíduo que morreu de velhice, deixando aos seus descendentes um legado de taras e achaques; hoje, que começamos a antever o despontar da aurora de uma nova era da história humana, que surge risonha e promissora, cheia de encantos, como uma criança que desperta para a vida, mas por ser débil, necessita de sérios cuidados para desenvolver-se convenientemente, o Coronel Etchgoyen ocupa uma posição chave e de máxima importância para o destino do Brasil, como força viva da comunhão universal.

Nossa Pátria está em guerra e guerra decisiva para o futuro da humanidade. Vivemos cercados de amigos e também de inimigos. Precisamos de chefes vigilantes e que saibam distinguí-los.

O posto que o Cel. Etchgoyen ocupa requer coragem, sangue frio, sutileza e tolerância; e estas qualidades são inerentes ao atual Chefe de Polícia.

Alguem já afirmou que o povo tem a verdadeira intuição dos seus heróis.

As expressivas e espontâneas manifestações que o Cel. Etchgoyen tem recebido da juventude estudantil da Capital da República, que simboliza a vontade das massas populares do Brasil, colocam em relevo a confiança que o povo brasileiro deposita no atual Chefe de Polícia. E este, seguindo a sua velha linha de conduta, compatível com um soldado bravo e amigo do povo, há de continuar sendo um digno defensor das tradições democráticas do Brasil e do seu Exército.

Parabéns ao povo e ao Exército.



S. Excia. Ministro da Guerra num dos
seus passeios matinais, a cavalo

TEN. CEL. JOÃO TELES VILAS BOAS

Acaba de regressar do Rio Grande do Sul, onde foi representar os Serviços de Remonta e Vet. na Sxposição Agropecuária de S. Gabriel, o Chefe da Divisão de Vet. dos S/S. V. E.

Trouxe da sua viagem magnifica impressão, tanto sob um ponto de vista geral, da ascenção progressiva vertiginosa que o Estado está alcançando, como, particularmente, do ressurgimento da equinocultura gaucha, que nesta época de motorização está readquirindo o antigo esplendor, tradicional dos pampas.

O Cel. Vilas Boas, tomando contato direto com os criadores, realizou uma conferência em S. Gabriel que obteve o mais amplo sucesso; e fez diversas explanações, procurando estabelecer bases seguras da confiança recíproca que deve existir entre os criadores de cavalos e a Remonta do Exército.

Este sistema, de perfeito entendimento e mutua confiança entre os responsáveis pelo adequado funcionamento da máquina estatal e os representantes das relações de produção e das forças produtivas nacionais, é uma das mais interessantes feições do trabalho planificado em regimen de ampla e eficiente cooperação.

Por tais razões, temos absoluta certeza de que a viagem do Ten. Cel. Vilas Boas, há de produzir frutos benéficos, tanto para a economia coletiva como para a Segurança nacional.

Ferreira Seixas & Cia

FERRAGENS

Ferramentas de mecânica — Completo sortimento de tarrachas, machos, caçonetas para roscas.

Tubos de latão — Stock completo de parafusos de todos os tipos

Rua Buenos Aires, 152

FONES: 23-3550 e 23-3877

R I O D E J A N E I R O

NOTAS A' MARGEM DA INSPECÇÃO FEITA NA 3.^a R. M.
PELO EXMO. SR. ANTONIO DA SILVA ROCHA, DIRETOR
DA SUB-DIRETORIA DOS S. R. E VETERINÁRIA

Como habitualmente faz todos os anos, em novembro-dezembro do ano p. f., esteve em viagem de inspecção e visita, no Estado do Rio Grande do Sul, o Exmo. Sr. Gen. Diretor Antonio da Silva Rocha. Nesta viagem fez-se acompanhar pelo Cap. Mario Vieira, chefe interino da D1B e seu ajudante de ordem 1.^o Ten. Geraldo Rocha.

Entre os estabelecimentos inspecionados figura a Coudelaria de Saican. Atualmente este estabelecimento funciona com uma pequena criação de animais p.s.i., um pequeno lote de éguas ardenezas de cria e 70 reprodutores das raças p.s.i., árabe, bretã-postier, percheron, creoula e bretã-bolonheza. A grande maioria é de p.s.i. No correr do ano Saican instalou 70 postos de monta, tendo sido distribuidos todos os seus reprodutores disponíveis. Não obstante, grande número de fazendeiros não puderam ser atendidos, por não existirem mais reprodutores. No corrente ano de 1943 novas compras de reprodutores serão feitas, afim de que seja atendido maior número de criadores. Esta situação vem se repetindo todos os anos e cada ano o efetivo vem sendo aumentado, mas nunca de molde a poder satisfazer todos os pedidos. Isto demonstra da maneira mais cabal e peremptória o sucesso da orientação dada pela atual direção, absoluto, e que vai num crescente cada vez mais animador.

E' pensamento do Cap. Antonio Fernandes Lima, seu atual diretor, elevar para 100 o número de reprodutores neste ou no próximo ano, o que já é uma cifra bem elevada para um só estabelecimento! E cremos que isto será obtido, pois o Exmo. Sr. Gen. Diretor empresta a este ousado plano todo o seu apoio.

Em relação à criação de animais p.s.i., o pequeno e homogêneo lote de produtos que Saican mandou para o último leilão do Jockey

Club Brasileiro, atesta de uma maneira clara e inconfundível de que essa Coudelaria pode criar em ótimas condições animais dessa raça. As terras da antiga Coudelaria Nacional, não são de fato as melhores para a criação cavalar. Mas, em se tratando de criação intensiva, os recursos técnicos podem corrigir de modo completo os inconvenientes existentes. Não há nenhum segredo nem é preciso nenhum passo de mágica para que este objetivo seja atingido. Basta que sejam seguidas, de modo racional e prático, as diretrizes e orientação que a Diretoria recomenda.

Lá existe muita coisa boa que pode e está sendo aproveitada com acerto. O que é preciso fazer é pouco e isto mesmo está delineado de modo completo no plano de trabalho que foi elaborado para o corrente ano.

O lote de éguas p.s.i. existente em Saican era pequeno, — 20 éguas apenas. — Mas já foi acrescido de mais 11 éguas que se achavam em Campinas e outras seguirão até atingir a soma de 50.

Existe lá um belo pavilhão para as éguas e que é chamado de *maternidade*. Este pavilhão é muito bom e está instalado em uma bela cochila. Outro será construído ao lado para os produtos.

O regime de campo aberto será substituído pelo de grandes potreiros revesaveis, substituindo-se a pastagem natural por campos artificiais, previamente adubados e corrigidos, de molde a servirem, racionalmente, a uma criação exigente, como é o p.s.i.

As outras atividades da Coudelaria seguem o seu curso normal. O pequeno núcleo de oficiais que ali serve está empenhado de uma maneira total nas tarefas que lhe são distribuídas. Planta-s bastante e císto está encarregado o Cap. Oscar Luiz.

Que área se cultiva atualmente? Apenas esta:

Cuida-se com zelo dos reprodutores de fino sangue, égua e produtos e disto se encarrega Ary de Menezes Gil, de quem muito se espera neste novo setor de suas atividades.

Que mais? Tudo que constitue a vida rotineira de uma Coudelaria.

A' testa de tudo isto está o seu diretor, dinâmico, inteligente e dedicado, Cap. Fernandes Lima.

Saican ainda é uma esperança.

Mais algumas coisas foram vistas e que vale a pena anotar: Fazendas de Criação, Coudelaria Rincão e Corpos de Tropa.

Das fazendas de criação a que mais nos chamou a atenção foi a Estancia Azul. É uma propriedade senhoril. Muito linda, muito boa e grande. As suas terras são das mais reputadas. Dirige-a o seu proprietário, Dr. Lauro de Macedo.

Tivemos oportunidade de ver nessa fazenda varios planteis de éguas de cria, de sangue inglês apuradíssimo, finíssimo, grande e bonitos. Em conjunto foram os melhores que já vimos. Não contamos, mas andam por varias centenas. Pelas informações colhidas, dispõe a Estância, atualmente, de cerca de 2.000 éguas de cria. Tratando-se de uma estância que se dedica à criação e engorda de bovinos e criação de ovinos, não deixa de ser extraordinário esse número de égua de cria.

É um fenômeno que vale a pena relatar e que tivemos oportunidade de constatar em todas as estâncias por onde passamos: o gaucho não pode passar sem o cavalo. Costumam dizer que é *uma mania, uma doença*. Não é tal, é uma contingência ecológica, que as varias gerações fixou de modo hereditário. Quem de reliance (não é preciso um estudo aprofundado) passar uma vista d'olhos pelas cochilas do Sul, quem em meio delas lançar um oíhar no horizonte e, em torno, tomar nota dos meios de comunicação, facilmente compreenderá que o gaucho só é gaucho com o seu cavalo. Cavalo e gaucho mutuamente se completam. Para as lides de campo o cavalo não é meramente um meio; — é, tambem, uma necesidade. Já viram de que falam os filhos de soldados? — De quartéis. De marinheiros? — De navios. De aviadores? — aviões... E de cavaleiros? Forçosamente de cavalos. A lei é a mesma. O gaucho só fala de cavalo, só cuida de cavalo, ainda mesmo que este não seja o seu mistér, o seu negócio, o seu meio de vida.

Pois bem, na Estância Azul e outras onde passamos o assunto forçado das conversas foi sempre o cavalo, de manhã, ao meio dia e à noite, dia todo. Isto vem a propósito para mostrar de que o Rio Grande do Sul foi, é, e será sempre o meio criador e abastecedor de cavalos para a tropa. Bem que o gaucho não o crie exclusivamente, porque este gênero de criação não é o mais lucrativo, contudo ele sempre cria, *porque é-lhe impossível viver sem cavalo...* Os melhores ele o vende para o Exército e os piores (os menores) ele o conserva para as lides de campo.

Em Uruguaiana foi realizado um concurso em homenagem ao Exmo. Sr. Gen. Rocha. Sob a direção do Cap. Agostinho Cortes. Belos cavalos, exímios cavaleiros, que nada deixam a desejar às melhores escolas da Capital da Republica. A "prise" que assistimos, deixou-nos encantados! Perfeita! Depois as provas de salto, onde o Cap. Anisio Roca sobressai-se em prova limpa, passando obstáculos de 1m,60 para

cima, "Kirg" mostrou ser um grande cavalo. Correspondeu explendidamente à confiança de seu cavaleiro.

Em São Borja tivemos oportunidade de assistir ao desfile da cavalaria velha e nova. Bons animais, em bom estado, bem cuidados e ferrados. Também foi realizado um concurso em homenagem ao Exmo. Sr. Gen. Rocha: 2 provas para oficiais e 2 para sargentos. Instrutor: Cap. Serafim Vargas. Tudo correu bem, com grande entusiasmo. Ambas as equipes estavam bem montadas e os cavaleiros montavam com elegância, em estilo. Aliás, quem assiste aos nossos concursos hipicos, vê que todos os oficiais se conduzem de uma maneira uniforme. Estes são os pontos colhidos da aprendizagem, feita na antiga Escola de Cavalaria. Em São Borja foi assim. Aspecto absolutamente igual ao das pistas cariocas.

O Regimento estava completo de oficiais. De forma que a impressão era verdadeiramente a de uma grande unidade. Nada faltou para que essa impressão fosse completa. O seu comandante, Ten. Cel. Ciro de Rezende, tudo previu e providenciou, de forma que a impressão que tivemos foi a mais perfeita e completa.

As outras unidades visitadas, o 1.º R.C.I., II/2.º R.A.D.C., 12.º R.C.I., I/3.º R.A.D.C. e 5.º R.A.M. Em todas elas foram observados com satisfação um alto espírito militar, não somente por parte dos oficiais ativos como dos convocados e praças e um zelo muito apurado no trato dos animais. Os animais do 5.º R.A.M. estão em ótimo estado, bem como as éguas de tração importadas, que são as mais bem cuidadas.

Um fator de primordial importância e que presta uma ajuda decisiva em relação ao trato e estado dos animais são as invernadas. Algumas unidades as possuem boas, bem situadas e bem cuidadas, fornecendo em abundância, verde aos animais. As unidades que não estão nestas condições sofrem a sua falta ou os defeitos existentes e disto fazem alarde e se queixam. A invernada é um complemento importante e indispensável de uma unidade e assim precisa ser considerada.

Falecimento

EGAS VIEIRA DA COSTA

Causou o mais vivo pesar entre os que labutam na Sub-Diretoria de Remonta e Veterinária a triste notícia do passamento do escrivário EGAS VIEIRA DA COSTA, em Belo Horizonte, para onde seguirá há poucos meses em procura de melhora para o seu precário estado de saúde.

Conquanto figurasse em um quadro de funcionários civis, tem direito a um lugar de honra na galeria dos velhos e honrados soldados, pois contava mais de trinta anos de valiosos serviços prestados exclusivamente ao Exército Nacional.

Condensava em si o conjunto das virtudes que definem o verdadeiro soldado brasileiro: modestia, sinceridade, disciplina, amor ao trabalho e dedicação dos seus chefes.

Na Sub-Diretoria de Remonta e Veterinária a sua morte é sentida por todos. A Revista Militar de Remonta e Veterinária, registrando esta última homenagem rende, com justiça um preito de saudade à memória de um humilde, mas sincero e honesto servidor do Brasil.

Noticiario

905

MAJOR DR. EDUARDO DE PONTES

Aniversariou dia 7 do corrente, o Sr. Major Dr. Eduardo de Pontes, que desempenha condignamente, na Sub-Diretoria dos Serviços de Remonta e Veterinária, as funções de Chefe da D/2-B-Seção Material.

Por esse motivo, foi o major Pontes, alvo das mais expressivas homenagens, por parte de todos que trabalham na Sub-Diretoria, onde gosa o aniversariante, de sinceras simpatias, dado os predicados de que é possuidor sua pessoa.

Em retribuição aos cumprimentos apresentados, o homenageado, reuniu em sua residência, sita a Avenida Atlantica n.º 122, Apartamento 5, todos os seus amigos e colegas, oferecendo um cok-tail, que muito deixou transfigurar a alegria e satisfação reinante.

Esta Revista, representada na pessoa de um dos seus Diretores, ouve por bem, apresentar os votos de felicidades, em nome dos seus componentes.

MAPAS ANUAIS DE ENTORPECENTES E DE FERRADORIA

Lembramos aos nossos camaradas, Chefes de Formações Veterinárias Regimentais que enviem, com a possível urgência, à Sub-D. S. R. V. os mapas do 4.º Trimestre e Anuais de que tratam as Instruções reguladoras, correspondentes ao assunto, aprovadas pelo Exmo. Sr. Ministro da Guerra, afim de serem confeccionados na Seção Material da 2.ª Divisão, os mapas gerais e encaminhados às Repartições competentes.

CUMPRIMENTOS DE ANO NOVO

Os oficiais da Sub-Diretoria dos Serviços de Remonta e Veterinária tendo à frente o Ten. Cel. Agenor da Silva Melo; os oficiais do corpo redacional da R. M. R. V. chefiados pelo Ten. Cel. João Teles Vilas Boas; o comandante da E. V. Exército e finalmente os funcionários e a oficialidade do D. C. M. V.; conduzidos pelo seu Chefe major Aristides Correa Leal, apresentaram em diferentes audiências, cumprimentos ao Exmo. Sr. Gen. Antonio da Silva Rocha, Diretor nos Serviços acima, pela entrada do Ano Novo.

**OFICIAL VETERINÁRIO POSTO À DISPOSIÇÃO DA INTERVENTORIA
FEDERAL NO ESTADO DO PARANÁ**

O Sr. Chefe do Gabinete do Exmo. Sr. Ministro da Guerra comunicou a esta Sub-Diretoria, de ordem dessa autoridade, em Memorando n. 28, de 15 do corrente, que o 1.º Ten., Vet. Anquises Marques de Faria, da Coudelaria Tindiquera, é posto à disposição da Interventoria Federal no Estado do Paraná afim de organizar e superintender o Serviço de Defesa Sanitária Animal, conforme solicitação constante do Ofício n. 905, de 22 de Dezembro de 1941, da mesma Interventoria.

O Exmo. Sr. Gen. Antonio da Silva Rocha, DD. Diretor da Sub-Diretoria dos Serviços de Remonta e Veterinária, como nos anos anteriores, percorreu dia 31 de Dezembro p. f. todas as dependências da Sub-Diretoria, e como a sua peculiar distinção e fidalguia dirigiu-se a todos os oficiais, sargentos, funcionários civis e praças, almejando Boas-Festas e um feliz Ano Novo.

Ainda dia 2 de Janeiro de 1943, reuniu-se a oficialidade, que serve naquela Repartição afim de em conjunto, pela palavra brilhante do Sr. Ten. Cel. Agenor da Silva Melo, Chefe da 1.ª Divisão, apresentar ao ilustre Gen. Silva Rocha, as felicitações e os votos de prosperidade a S. Excia. familia.

Esta Revista, cuja redação de trabalho tambem se orgulhou da protocolar visita de tão honrado chefe, congratulando-se com todos que servem na Sub-Diretoria dos Serviços de Remonta e Veterinária, tambem deseja a todos e em particular ao Exmo. Sr. General Rocha, Boas Festas e um Feliz Ano Novo.

Agradecimento e louvor

Com o ofício n. 1.165 — Sec., de 6 do corrente, o Chefe do D.C.M.V.E. enviou a esta Sub-Diretoria o relatório dos trabalhos da Comissão que, sob a sua presidência, precedeu aos estudos necessários à confecção das Caixas de Material do Mestre-Ferrador, de Contensão, da Tralha de Ferradaria e do Curativo Individual.

ALTERAÇÕES DE OFICIAIS

Agradecimento e louvor

Tomando conhecimento do trabalho em questão, esta Sub-Diretoria tem a grata satisfação de agradecer e louvar o Major Aristides Correa Leal, Capitão Clovis Burlamaqui Monteiro e 1.º Ten. Cordovil Francisco dos Santos, pelo carinho e competência com que estudaram o assunto, em todos os seus numerosos detalhes e sob um critério eminentemen-

te prático, como se tornava necessário, contribuindo assim, poderosamente, para que esta Sub-Diretoria possa apresentar ao Estado Maior do Exército um projeto completo sobre o material em apreço.

O Suplemento do Boletim do Exército n. 38, de 19 de Setembro último, publica as Instruções para o Ferrageamento dos Solípedes do Exército, aprovadas pelo Exmo. Sr. Ministro da Guerra, em Portaria n. 3.649, de 1.º do aludido mês, e organizadas pelo Major Eduardo de Pontes e 1.ºs. Tens. Dante Toscano de Brito e Joaquim Marinho Pessoa.

Coube a esta Sub-Diretoria designar os aludidos oficiais para procederem à atualização das antigas Instruções que datavam de 1922, tendo eles apresentado um trabalho completo, a respeito do assunto.

E esta Sub-Diretoria cumpre, por isso, um imperioso dever de justiça elogiando e agradecendo aos referidos oficiais pela competência e dedicação com que, mais uma vez, se houveram no desempenho de trabalhos desta Repartição, tendentes a colocar o Serviço de Veterinária no lugar que lhe compete, entre os demais Serviços do nosso Exército.

PROMOÇÕES DE OFICIAIS VETERINARIOS — REFERENCIAS

ELOGIOSAS

Por Decreto de 24 do corrente, foram promovidos ao posto de Major por merecimento os Capitães Veterinários: Waldemiro Pimentel Peixoto de Barros e Wolnei de Barros Castro e por antiguidade Benedito Alfeu Batista.

Ao posto de Capitão: por antiguidade, os 1.ºs. Tenentes: João Lemos Filho, Ademar Alves de Carvalho, Alberto Wanderley Santos e Antonio França Ribeiro.

A 1.º Ten. os 2.ºs: Cristovam Colombo da Silva, Carlos Alberto Pais Pinto, Leandro de Oliveira Barros Filho e Luiz de Paula Azeredo Bastos.

E finalmente ao de 2.º Ten. os aspirantes a oficial: Octacilio Gomes Cavalcanti, Franklin Bitencourt de Almeida, João Previtera e Alfredo Guidini.

A Revista Militar de Remonta e Veterinária, regista com satisfação este acontecimento.

As aludidas promoções não constituem, apenas, estímulo aos distintos companheiros que com as mesmas foram beneficiados, mas, sobretudo, representam a certeza de que nos novos postos em que serão chamados a servir irão dar o máximo de atividades ao quadro de veterinária ao qual têm servido com tanto devotamento.

Sem desejo, no entanto de diminuir o mérito dos demais cumpre este orgão de publicidade distinguir dentre os promovidos:

O Major Waldemiro Pimentel, ex-redator desta Revista que sempre foi um espírito trabalhador e incançável, inteiramente devotado aos problemas da classe e cujas atividades como profissional ficaram registradas

em trabalho de mérito, dentre os quais a biografia do Exmo. Sr. Coronel Muniz de Aragão, patrono da Veterinária do Exército.

Major Benedito Alfeu Batista, soldado e técnico que se impõe pelo próprio mérito. Moço ainda, possuindo elevada cultura e excepcional inteligência. Dedicado e competente profissional, tendo sempre merecido as considerações de seus colegas.

Major Wolney de Barros Castro, atual Chefe do S. V. da 6.^a R. M., oficial que tem demonstrado sua capacidade técnica e administrativa; e em todos Corpos por onde tem passado, só tem feito amigos e admiradores.

Major Hamilton Peixoto de Barros, oficial inteligente, com brilhante fé de ofício e valiosos serviços prestados à profissão. Dinâmico, empreendedor e culto, é um dos elementos de relevo da veterinária militar brasileira.

Como o major Hamilton e todos os recém-promovidos, esta Revista se rejubila pelas promoções tão merecidas.

AMPLIA-SE A ESCOLA VETERINARIA DO EXERCITO

INAUGURADO, HA DIAS, PELO MINISTRO DA GUERRA,

O PAVILHAO DE ENFERMARIA

OUTRAS IMPORTANTES OBRAS NAQUELE ESTABELECIMENTO MILITAR

Como fôra amplamente noticiado, realizou-se na Escola de Veterinária do Exército, a cerimônia de inauguração do Pavilhão de Enfermaria, de acordo com o plano de ampliação e melhoramento das instalações daquele estabelecimento. Compareceram ao ato o general Eurico Gaspar Dutra, ministro da Guerra; general Raymundo Sampaio, diretor de Engenharia; e grande número de oficiais, usando da palavra o major Almeida Magalhães, engenheiro encarregado das obras, e o major Almiro Pedro Vieira, diretor da Escola de Veterinária, o primeiro fazendo entrega do pavilhão em nome da Diretoria de Engenharia do Exército e o segundo agradecendo as atividades dessa Diretoria, que vem contribuindo eficazmente para que as realizações do Ministério da Guerra se sucedam, em benefício do Exército e do Brasil.

O ministro da Guerra, em companhia do general Raymundo Sampaio e do Diretor da Escola, visitou demoradamente as dependências do

Pavilhão de Enfermaria, manifestando sua impressão sobre a obra, toda de concreto, e que obedeceu a todos os requisitos técnicos. A inauguração do Pavilhão de Enfermaria da Escola de Veterinária do Exército representa mais um empreendimento digno de nota da engenharia militar.

Ainda a Escola de Veterinária

Alem do Pavilhão de Enfermaria, agora instalado, já foram anteriormente inauguradas outras importantes obras, entre as quais o Laboratório Biológico, o Almoxarifado, a Tesouraria, o Pavilhão de Anatomia e mais dois pavilhões dependentes do Laboratório Biológico. Em vias de conclusão se encontram as obras de construção do pavilhão destinado à Ferradaria Modelo, o Laboratório de Vacinas contra a Raiva e Laboratório de Produtos Químicos.

Às 17 horas, na Faculdade de Medicina Veterinária, foi inaugurada uma nova ala daquele instituto de ensino suprior, falando o prof. Américo Braga, diretor do estabelecimento, tendo respondido o interventor Amaral Peixoto. Na Escola Henrique Lage, foram inaugurados um pavilhão, seguindo-se um desfile dos alunos. Seguiu-se a inauguração de um depósito de carvão, com capacidade para 75.000 sacos, na avenida Jansen de Melo, tendo discursado o Sr. Átila Matos, diretor do Entreponto de Frutas e Legumes da Secretaria de Agricultura.

A sericultura no Brasil, está em marcha. Em São Paulo, no Rio de Janeiro, em Santa Catarina, no Espírito Santo, no Ceará e em Pernambuco, Estados que possuem serviços especializados, desenvolvem-se, em grande escala, o plantio da amoreira e a criação do bicho da seda. A Sericultura dá bons lucros e sua prática representa cooperação para a defesa nacional.

Para combater as verminosas das galinhas, constitue medida essencial criar pintos e frangos, até a idade de 3 meses pelo menos, separando das aves adultas. Estas podem ser portadoras de vermes sem apresentar qualquer sintoma de doença, mas eliminam os ovos desses vermes, que, ingeridos pelos pintos e franguinhos, menos resistentes, vão produzir-lhes uma doença grave.

O ministro da Guerra acaba de baixar o seguinte e importante aviso: "I — Fica proibido, de agora em diante, no próprio interesse da segurança nacional, que os oficiais e praças — DA ATIVA OU DA RESERVA — façam artigos, discursos ou conferências, sem prévia audiência do Estado Maior do Exército, versando acerca de temas relacionados com

a defesa nacional. A natureza dos trabalhos cuja defensão é objeto desse aviso relaciona com assuntos sigilosos relativos à organização militar, operações, mobilização, transportes e concentrações de tropas ou que com elas tenham correlação. II — Assuntos de instrução ou essencialmente técnicos e de caráter geral, ou que nada concretizam da nossa atual situação militar, não serão incluídos na proibição retro, devendo, contudo, ser eles previamente censurados. III — Os interessados na realização dos referidos trabalhos submeterão ao Estado Maior do Exército o teor dos mencionados documentos para servirem de base à decisão final. IV — Compete ao Estado Maior do Exército dar execução ao presente aviso e fiscalizar seu cumprimento. Nos Estados, cabe essa incumbência aos comandantes de Região.

**ABERTURA DE INSCRIÇÃO PARA ESTÁGIO DE
VETERINÁRIOS CIVIS**

Estão abertas as inscrições para o estágio de Veterinários Civis, candidatos ao ingresso na reserva de segunda classe, no Serviço de Veterinária da 1.^a Região Militar, devendo os interessados apresentar os seus documentos até o dia 11 de janeiro próximo. O estágio será feito no Regimento Floriano, da guarnição da Vila Militar, a partir do mesmo dia 11. Foram designados instrutores os seguintes oficiais: capitães Renato Borges Fortes e Benedito Alfeu Batista e 2.^º tenente Enéis de Souza Ribeiro.

ESCOLA NACIONAL DE VETERINÁRIA

Os doutorandos da Escola Nacional de Veterinária, da turma de 1942, realizaram a cerimônia de entrega dos diplomas. Pela manhã, às 10 horas, foi celebrada missa solene no altar-mor da igreja do Convento de Santo Antônio. O ato da colação de grau realizou-se no salão de projeções do Ministério da Agricultura, às 16 horas, e teve a presença do ministro Apolônio Sales, que foi o paraninfo da turma.

Os doutorando que concluíram o curso da Escola Nacional de Veterinária são os seguintes: Armando Rodrigues, Carlos Barbosa Moreira, Cesar d'Aybrieux Junior, Diniz Gaspar Gomes, Helio Ferraz Franco, José Carneiro Pinto Filho, Joaquim Cavalcanti Freire, Julio de Carvalho Fernandes, Luiza Filippi, Marcio Otavio Agnese, Pascoal Gargione, Vitorio Emanuel Constantino Codo e Zoraestro Franco de Carvalho Filho.

Na solenidade da colação de grau compareceu S. Excia. o general Antônio da Silva Rocha com seus ajudantes de ordens e na missa, representaram a Sub-Diretoria dos Serviços de Remonta e Veterinária os: Major Dr. Eduardo de Pontes e 1.^º Ten. Joaquim Marinho Pessoa.

CURSO DE INSEMINAÇÃO ARTIFICIAL

911

Já se acha em funcionamento

Teve inicio em dias de dezembro p. f. o curso avulso de inseminação artificial, a funcionar até 16 de fevereiro próximo, na Estação Experimental de Deodoro (Secção do Instituto de Biologia Animal), e destinado ao aperfeiçoamento dos técnicos do Departamento Nacional de Produção Animal.

O aproveitamento no curso constará de ficha de funcionamento.

Também podem fazer do mesmo os diplomados em veterinária ou em agronomia, estranhos aos quadros dos servidores do Estado.

Será professor deste curso o veterinário sanitário João Ferreira Barreto, sendo seu assistente o veterinário Antonio Mies Filho.

POR TEREM TOMADO PARTE NO COMBOIO QUE SEGUIU

PARA O NORDESTE

Elogiado dois oficiais de Gabinete

O ministro da Guerra, considerando que o tenente-coronel João Pinto Pacca e o major Alberto Oronce Guerim, ambos adjuntos do Gabinete Ministerial; tomaram parte no comboio marítimo de tropas que partiu do Rio para o Norte em 5 de outubro e, com este gesto, muito concorreram, coadjuvados pelo major Marcos Azambuja, para a rápida constituição do comboio, a excelência daquela viagem e solução de inúmeras dificuldades encontradas, resolveu elogiá-los pelo bom êxito alcançado, salientando principalmente o gesto de desprendimento dos dois primeiros que, espontaneamente, quiseram testemunhar aos companheiros embarcados a eficiência das medidas tomadas para a segurança completa da viagem.

SUB-DIRETORIA DOS SERVIÇOS DE REMONTA E VETERINÁRIA

REVISTA MILITAR DE REMONTA E VETERINÁRIA

Do Ten. Cel. Diretor da R.M.R.V. ao Sr. Major Redator Chefe
e Fiscal Administrativo.

SUBSTITUIÇÃO DE AUXILIAR DE ESCRITÓRIO

ORDEM DE SERVIÇO N.º 5

I — Tendo sido designado, pela Ordem de Serviço n. 3, de 13-IV-942, item III, para desempenhar as funções de auxiliar de escritório desta Revista com os encargos nela especificados, cujo pagamento de

Cr\$ 150,00, corre por conta da verba referida no art. 3.º da Portaria n. 303 A, do Exmo. Sr. Ministro da Guerra, publicado no D. O. n. 299, de 26-XII-938, e considerando que o mesmo funcionário não pode acumular este cargo com as suas atuais funções na Cia. Siderurgica Nacional em vista do que regula a letra b do Dec. 11.087 que considera de interesse Militar a Usina de Volta Redonda, "Sendo que todo o seu pessoal encontra-se oficialmente mobilizado"; resolve, exonerar da aludida função o Sr. Alvaro de Paula e nomear para substitui-lo, com a gratificação de Cr\$ 240,00 salário mínimo previsto pelas Leis que regem o Ministério do Trabalho, o Sr. Pedro de Paula, que já vem desempenhando essas funções desde Junho findo.

ORDEM DE SERVIÇO N.º 6

I — Tendo me afastado temporariamente da direção desta Revista, por haver desempenhado uma comissão técnica no Sul do País, por ordem do Exmo. Sr. General Diretor dos Serviços de Remonta e Veterinária e aprovação do Exmo. Sr. Ministro da Guerra, reassumo nesta data a direção deste orgão de publicidade e tenho a satisfação de considerar aprovados todos os atos dos maiores: Eduardo de Pontes na direção interina e Aristides Correa Leal como redator chefe acumulado desde muito com as arduas funções de fiscal administrativo; e também apoiar todas medidas de serviço organizadas na tesouraria e Departamento de Publicidade, à cargo do 1.º ten. Joaquim Marinho Pessoa.

II — Faço a presente ordem de serviço, dado a regularidade encontrada na Redação, o que bem demonstrou que a orientação por mim iniciada há mais de um ano, não sofreu alteração alguma na minha ausência, patenteando assim, o modo leal e honesto com que encaram os problemas desta Revista, os meus mais distintos auxiliares da Diretoria da Revista Militar de Remonta e Veterinária.

JOÃO TELES VILAS BOAS

Ten. Cel. Diretor da Revista Militar de
Remonta e Veterinária

Tendo a direção desta Revista, recebido inúmeras solicitações para remessa do nosso número 40, publicado em Outubro p. p., em o qual inserimos, além da vasta e técnica colaboração, três importantes trabalhos: um de autoria do Exmo. Sr. Gen. José Pessoa Cavalcanti de Albuquerque sobre o relatório da comissão nomeada pela Inspetoria da Arma de Cavalaria, que estudou um novo tipo de arreamento para a Cavalaria Brasileira, o qual foi aprovado pelo Exmo. Sr. Ministro da Guerra; outro sobre o tema "Cavalo ou Motor" de autoria do Exmo. Sr. Gen. Francisco de Paula Cidade, e, finalmente outro do Dr. Juvenal dos

Santos, DD. Diretor do Instituto Militar de Biologia, relativo a "Utilidade Despercebida dos Cavalos Militares julgados imprestáveis".

Cumpre-nos desde logo, agradecer sumamente não só aos nossos distintos colaboradores, como também esclarecer que estamos prestando toda a atenção aos inúmeros leitores de nossa Revista, fazendo o possível para atendê-los prontamente, pois a nossa edição n. 40. está quase exgotada.

PROMOÇÃO DE OFICIAL DA RESERVA

Por Decreto de 27, publicado no D. O. de 30, tudo de Novembro findo, foi promovido, de acordo com o disposto no art. 11, letra a, do Regulamento para o Corpo de Oficiais da Reserva, aprovado pelo Decreto n. 15.231, de 31.XII-921, a 1.º Tenente da Reserva de 2.ª Classe do Exército de 1.ª Linha, Arma de Cavalaria, para servir na 1.ª R. M., o 2.º Ten. da mesma Reserva, Luiz Pereira Bastos, escrevente desta Subdiretoria.

INSTITUTO DE GEOGRAFIA E HISTÓRIA MILITAR DO BRASIL

— ELEIÇÃO DE OFICIAL

O Sr. Coronel Secretário desse Instituto, em documento de 27 do mês p. passado, comunicou ter sido eleito membro efetivo da mesma entidade de cultura, por seus trabalhos sobre geografia e história, o Capitão Vet. Waldemiro Pimentel.

"Este fato é motivo para reciprocas felicitações; as que vos damos pela distinção recebida, e as que temos direito de receber pela aquisição valiosa de tão distinto consócio de cuja cultura e operosidade, espera o Instituto valiosa cooperação na realização de seus altos objetivos" (Trecho final da comunicação).

AVISO MINISTERIAL

Médicos e veterinários candidatos a oficiais da reserva

Do Boletim da S.G.M.G., acima citado, transcreve-se:

"O Exmo. Sr. Ministro, em Aviso n. 3.076, de 25 do corrente, determina o seguinte:

Os Médicos Veterinários civis candidatos ao ingresso no Quadro de oficiais da reserva de 2.ª classe devem fazer fardados o estágio de que trata o disposto na letra c) do art. 2.º do Decreto-Lei n. 4.271, de 7 de Abril de 1942.

Esta obrigação é restrita ao 5.º uniforme tipo A".

REVESTIMENTO DO PISO DA USINA DE LATICINIOS

O bom piso de uma usina de laticinios deve satisfazer às seis condições seguintes:

- 1 — ter superfície uniforme, sem frestas ou buracos;
- 2 — ser impermeável à ação da água;
- 3 — ser resistente à ação do leite, das gorduras, das soluções empregadas para a limpeza, etc.;
- 4 — ser de fácil limpeza;
- 5 — facilitar o trabalho da usina;
- 6 — ser resistente a peso e ao atrito.

Nem todos os materiais, empregados na confecção de pisos em usinas de laticinios, correspondem a tais exigências. Nem todas as salas das usinas precisam de pisos feitos do mesmo material. Nas salas de recebimento, de limpeza e de enchimento de vasilhame, enfim em todas aquelas em que houver movimentação do mesmo, a experiência indica que o emprego de pisos de ladrilhos de ferro e aço é mais aconselhável. São de custo relativamente elevado, mas de grande resistência, quando colocados por pessoal competente. Nas demais salas, onde não há movimentação de vasilhame, satisfazem geralmente os pisos de ladrilhos ou de asfalto.

Finda a manipulação do leite, os pisos devem ser lavados com muita água. Quaisquer frestas ou buracos devem ser consertados imediatamente, afim de evitar que os pisos sejam minados pelo ácido lático.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

Acha-se em cima de nossa mesa de trabalho, o primeiro número da tão bem confeccionada Revista "COLUMBA".

Este novo orgão que acaba de ser lançado pela Confederação Columbofila Brasileira, cuja diretoria é presidida pelo Cel. Miguel Salazar Mendes de Moraes, Chefe do Serviço de Transmissões do Exército.

O corpo redatorial da Revista "COLUMBA", conta com os ilustres: Tens. Pedro Vidal de Sá, Christiano P. Marques e muitos outros a altura de uma dignifica direção.

Está impressa em papel couchê e contando suas páginas uma vasta e bem distinta colaboração alusiva às nossas altas autoridades.

Almejamos a "COLUMBA", um feliz empreendimento na estrada que irão percorrer.

O JOCKEY — Recebemos o número especial dessa conceituada Revista, tão bem dirigida pelo confrade José Briani Junior.

Ilustram suas páginas, nomes que bem elevam o conceito de tal orgão, salientando-se em uma delas uma alusão ao Exmo. Sr. General Antonio da Silva Rocha, DD. Diretor da Sub-Diretoria dos Serviços de Remonta e Veterinária e outra ao Capitão Veterinário Clovis Burlamaqui Monteiro, Fiscal administrativo e sub-Chefe do Depósito Central de Material Veterinário do Exército.

A Revista Militar de Remonta e Veterinária, se congratula com o JOCKEY, na feliz iniciativa que teve, em prestar as homenagens acima citadas.

MAJOR WALDEMIRO PIMENTEL

Entre as promoções ultimamente assinadas no quadro de veterinários do Exército, destaca-se a do Major Waldemiro Pimentel.

Inteligência brilhante e cheia de sutilezas, cultura vasta e sólida, o nome deste distinto colega, como expressão mental, ultrapassa o âmbito da Medicina Veterinária e mesmo o do Exército, para resplandecer entre os dos mais festejados e acatados cultores das letras nacionais.

Caráter digno de ser imitado, simples e bom, como acontece com os espíritos que atingiram um certo grau de evolução, merecidamente o Pimentel conta, tanto no meio veterinário como no Exército em geral, com um considerável número de amigos e admiradores.

As suas inúmeras produções, tanto no campo das especializações científicas como no das criações estéticas, são bastante conhecidas.

Os que labutam na R.M.R.V. participam vivamente desse contentamento, pois ninguém ignora, que o Pimentel com a larga e benéfica projeção da sua mentalidade criadora, foi um verdadeiro sustentáculo e animador deste órgão de publicidade.

Estão de parabéns a Medicina Veterinária e o Exército Nacional.

SUB-DIRETORIA DOS SERVIÇOS DE REMONTA E VETERINARIA

REVISTA MILITAR DE REMONTA E VETERINARIA

C. Federal — 22-XII-942.

CIRCULAR EXTRA

A REVISTA MILITAR DE REMONTA E VETERINARIA, órgão de publicidade registrado devidamente no Departamento de Imprensa e Propaganda e autorizado pelo Exmo. Sr. Ministro da Guerra, como elemento oficial da Sub-Diretoria dos Serviços de Remonta e Veterinária, vêm se mantendo graças ao apoio incondicional do Exmo. Sr. General Antonio da Silva Rocha e os ilustres colaboradores, nossos assinantes.

Com a entrada do Ano de 1943, esta Revista almeja que as primeiras palavras desta Circular, sejam portadoras dos votos ardentes de felicidades para todos os nossos digníssimos Chefes, colaboradores, assinantes e amigos.

Palavra por mais fina joia que fosse, não estaria ao alcance de traduzir plenamente os sentimentos sinceros do corpo administrativo e redatorial da Revista Militar de Remonta e Veterinária.

Não há expressões suficientes para focalizar em letras de fôrma, a suavidade de um Natal passado no lar, junto a seus entes queridos, após um ano profícuo em trabalho honesto.

No momento em que a nossa grande e poderosa Nação se vê envolvida pela sombra funesta da guerra, auxiliando os povos que degladiam pela defesa da liberdade, necessário e justo se torna, que de cada brasileiro, surja um espírito altivo, patriótico, persistente, coeso; resoluto; a altura do nobre e rico pendão sacro-santo de nossa terra: o BRASIL, servindo-o, dentro do seu setor de atividades.

Este orgão puramente de orientação militar, na sua lide jornalística, nunca esqueceu de sempre pugnar pelos deveres cívicos, servindo-se de suas colaborações, para incentivar e estimular aos seus leitores o amor para com a nossa Pátria e as suas causas.

Mais um ano de luta! Mais uma vitória! Outro ano novo apresenta-se, agora mais promissor e esperançoso. Que Deus em sua misericórdia infinita abençoe a todos que trabalham, pela grandeza do Brasil, são os votos sinceros da Revista Militar de Remonta e Veterinária, que se regjubila com os seus Chefes, colaboradores, assinantes, amigos e leitores.

SILVA ROCHA

Gen. Bda. Diretor — S.D-S.R.V.

JOÃO TELES VILAS BOAS

Ten. Cel. Vet. Diretor da Revista

ARISTIDES C. LEAL

Major-Redator-chefe

JOAQUIM MARINHO PESSOA

1.º Ten. Vet. Tesoureiro e Chefe de Publicidade
da Revista

FUNÇÃO DOS ALIMENTOS NO ORGANISMO ANIMAL

O animal para viver, para manter fixa a temperatura do corpo, para se mover, para produzir trabalho, precisa gastar suas energias e reservas e, portanto, se não as renova acabará se enfraquecendo e morrerá. Por isto o instinto do animal faz com que ele procure os alimentos para re-fazer as perdas renovar as energias e suprir as exigências contínuas do seu organismo.

Estas exigências sendo diversas, a alimentação deverá ser diversa, conforme o caso em que se encontre cada animal. As exigências não são rigorosamente para os animais em crescimento, em engorda, em tra-

balho, em produção de leite, sendo necessário que se considere estas situações antes de estabelecer o tipo de nutrição que se fornecerá a cada um dos animais em condições tão diversas.

O cálculo da alimentação é denominado "ração" e em muitos casos uma ração deve considerar mais de um daqueles estados em que se encontre o animal. As rações científicas são calculadas para animais de pesos teóricos de 1.000 quilos e nesta base são estudadas as alimentações de animal de menor peso.

Conhecendo-se o valor alimentício de cada animal para determinadas funções e as necessidades do animal para determinado tipo de exploração a que está submetido, facil será o cálculo de suas necessidades alimentares e mais económica se torna sua criação racional.

GATOS QUE TAMBEM FARÃO A GUERRA

Esses gatinhos estão destinados a uma missão histórica, sobretudo para a sua espécie. São futuras mascotes de um corpo de paraquedistas norte-americanos que se prepara em certo ponto dos Estados Unidos. E como tal, os bichanos fazem também o seu treinamento em paraquedas. As fotografias mostram três fases diferentes desses exercícios. Na primeira, ao alto, os "paraquedistas" ainda esperneiam. Mas, conforme se vê pelo último aspecto, em baixo, os progressos foram rápidos. A desida é perfeita. Apenas parece que, desta vez, e no paraquedismo, os gatos deixarão de cair nas quatro paias, como é de sua tradição. (Fotos, do "Life".)

TROPA DE CAMELOS

QUARTEL GENERAL ALIADO NA ÁFRICA DO NORTE. — (U.P.)
7 — Travaram-se, hoje, violentas batalhas de "tanks" na região de Teborda, onde as tropas do "Eixo" tentam desalojar as forças do tenente-general Kenneth Anderson, atualmente entristecidas nas elevações que cercam a cidade. A artilharia aliada, por sua vez, embasada nas colinas, bombardeia implacavelmente as posições alemãs e, especialmente, as concentrações de forças blindadas.

No setor de Mateur, a artilharia móvel aliada atacou uma coluna germânica que tentava avançar em direção ao vale. As tropas inimigas foram obrigadas a recuar em desordem com graves perdas de equipamento, inclusive mais de 12 "tanks".

No interior da Tunísia, uma poderosa coluna do corpo de camelos conquistou uma série de passos de montanha sobre a fronteira sudoeste. Despachos retardados, recebidos dessa região desolada, revelam que o da Líbia, o que constitui uma nova ameaça para retaguarda do "Eixo". O corpo de camelos ocupou numerosas colinas na região de Djanet (ou Forte Charlet), a uns 900 quilômetros a sudoeste de Tripoli. Entre essas posições ocupadas figura o Monte Kista. Outras informações indicam que as forças coloniais francesas apoderaram-se, provavelmente, de to-

dos os passos importantes ao longo de uma linha de quatrocentos quilômetros, que corre através da fronteira libio-argeliana até Gadames.

Aproveitando-se este triunfo e vencendo-se as más comunicações, possivelmente os aliados poderiam avançar até o sudeste, marchando sobre Tripoli pela retaguarda. Uma manobra particularmente valiosa seria a ofensiva do general Montgomery contra El Agheila dentro dos próximos dias.

REVISTA MILITAR DE MEDICINA VETERINÁRIA

RELATORIO DE 1941

Em Janeiro próximo, publicaremos o relatório financeiro de 1942

Resumo do movimento geral e financeiro da Revista Militar de Medicina Veterinária, conforme documentação apresentada:

Meses	Recebimentos	Pagamentos
Janeiro	4:834\$000	3:059\$500
Fevereiro	582\$000	144\$000
Março		128000
Abril	485\$000	2:654\$500
Maio	1:576\$000	806\$500
Junho	3:006\$000	3:573\$000
Julho	2:610\$800	2:677\$800
Agosto	5:326\$000	345\$000
Setembro	1:226\$000	3:910\$300
Outubro	272\$000	2:041\$200
Novembro	3:261\$400	2:856\$400
Dezembro	4:228\$000	3:802\$500
(Engano de soma no balanceiro de Maio) . . .	6\$000	
	27:413\$200	25:882\$700

OBSEVAÇÕES — Verifica-se na soma total de Recebimentos e Pagamentos, uma diferença de 1:530:500 (um conto quinhentos e trinta mil e quinhentos réis), diferença essa que deve ser levada em conta como saldo para o ano de 1942.

E' incluída também no saldo acima citado, uma caução de 500\$000 (quinhentos mil réis) assinada pelo Sr. Ivolino de Vasconcelos, encarregado da impressão da Revista Militar de Medicina Veterinária.

(a) General ANTONIO DA SIVA ROCHA, Diretor

Conjere: —

WALTER CRAMER RIBEIRO

Capitão, Chefe Int. do Gabinete